



# BASH BACK! ULTRA VIOLÊNCIA QUEER

crocodilo

11-1  
edições

BASH

BACK!

**ULTRA  
VIOLÊNCIA  
QUEER**

BASH

BACK!

**ULTRA  
VIOLÊNCIA  
QUEER**

Tradução  
Pontes Outras



crocodilo

*N-1  
edições*

---

Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB 8/9410

---

B299 Bash Back! ultraviolência queer: antologia de ensaios / vários  
autores ; traduzido por Beatriz Regina Guimarães Barboza,  
Emanuela Carla Siqueira, Julia Raiz do Nascimento. –  
São Paulo, SP: crocodilo; n-1 edições, 2020.  
176 p. ; 12cm x 9cm

Tradução de: Queer Ultraviolence: Bash Back! Anthology  
Theory & Essays (edit.) Fray Baroque e Tegan Eanelli

ISBN: 978-65-88301-11-1 (crocodilo)  
ISBN: 978-65-86941-22-7 (n-1 edições)

1. Gênero. 2. Queer. I. Barboza, Beatriz Regina Guimarães.  
II. Siqueira, Emanuela Carla. III. Nascimento, Julia Raiz do. IV. Título.

---

2020 -	CDD 306.43
2902	CDU 316.7

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Gênero 306.43      2. Gênero 316.7

---

**crocodilo edições**

coordenação editorial

**Clara Barzaghi**

**Marina B Laurentiis**

**n-1 edições**

coordenação editorial

**Peter Pál Pelbart**

**Ricardo Muniz Fernandes**

direção de arte

**Ricardo Muniz Fernandes**

assistente editorial

**Inês Mendonça**

crocodilo.site

n-1edicoes.org

ig: @crocodilo.edicoes @n.1edicoes

fb: @crocodilo.site @n.1edicoes

**Bash Back!**

**ultraviolência queer**

(Queer Ultraviolence:

Bash Back! Anthology

Theory & Essays

edição

**Fray Baroque**

**Tegan Eanelli**)

prefácio

**Flávia Lucchesi**

tradução

*Pontes Outras*

**Beatriz Regina Guimarães Barboza**

**Emanuela Carla Siqueira**

**Julia Raiz do Nascimento**

preparação

**Yuri Bataglia Espósito**

revisão

**Lia Urbini**

projeto gráfico

**Laura Nakel**

créditos das imagens

**Queer Ultraviolence. Bash Back!**

**Anthology Baroque, Fray, Eanelli,**

**Tegan (edits.)**

**12**

**este livro pulsa e pode explodir**

*flávia lucchesi*

**22**

**mary nardini gang & gang of criminal queers**

23 rumo à mais queer das insurreições

34 teoria puta

37 intimidade criminosa

42 o que é uma beleza em via de ser?

47 entrevista com mary nardini gang

**52**

**gender mutiny**

52 não há fúria no inferno: uma cronologia da insurreição genderfuck

59 como é que se toma no cu?

61 notas preliminares sobre os modos de reprodução

73 entrevista com gender mutiny

**78**

**perguntas a serem feitas antes de denver**

82 perguntas a serem feitas antes da convergência da bash back! de 2010 em denver.

**86**

**pink and black attack**

- 100 ideias sobre o desenvolvimento da teoria queer anarquista
- 106 reflexões sobre a extinção da bash back!
- 112 entrevista com uma das pessoas que edita a pink and black attack

**116**

**a política não é uma banana**

- 118 sexo em público e guerra social

**122**

**bash back! de chicago & not yr cister**

- 124 "deixem as mulheres trans falarem!": uma resposta à camp trans 2010
- 127 rumo a um transfeminismo insurrecional
- 132 a falha da forma correlata
- 137 entrevista com a not yr cister press

**142**

**noroeste pacífico anônimo**

- 143 eu – não – revido – no – soco – eu – atiro – primeiro

**154**

**bash back! morreu; "bash back" pra sempre!**

- 155 notas de conclusão

## Nota das tradutoras

### Pontes Outras

Pontes Outras surgiu de três forças criadoras com desejos de construir pontes outras nos estudos da tradução, principalmente em diálogo com estudos feministas. Desde 2017, nós, parças, entre continente e ilha, nos ajuntamos e fazemos ajuntamentos com outras pessoas tradutoras em ambientes físicos e virtuais.

As primeiras ações coletivas envolveram a criação do site em que traduções da escrita de pessoas que se reconhecem como mulheres, pouco ou nada traduzidas em português brasileiro, são publicadas e reverberam. Depois passamos a discutir e embrenhar nossas pesquisas e práticas umas nas outras para que não perdêssemos de vista sempre os horizontes das possibilidades. Muitas das nossas conversas estão presentes na tradução desse livro-monstre, escrito/traduzido/editado por gangues, cada uma tretando a seu modo.

Sobre processos nossos com *Bash Back! ultraviolência queer*: talvez um dos aspectos mais visíveis ao traduzir do inglês estadunidense ao português brasileiro seja a diferença entre os sistemas gramaticais de gênero. Sabemos que este é um dos passos que precisa ser observado em todos os textos, o que por si só não basta, ou torna-se operação cosmética, como o próprio livro joga na nossa cara.

A necessidade de uma estratégia nesse sentido pode mobilizar várias técnicas e não cabe cagar regra. Em alinhamento com as propostas desta cena queer anarquista, escolhemos utilizar linguagem não binária quando não fosse possível despistar o gênero da língua com torções, ora jogando com o feminino gramatical de "pessoas", essa palavra ótima que compartilhamos entre nós humanes.

Quanto aos conteúdos, escutamos atentas seu registro de vidas desviantes, ainda que muitas palavras não tivessem traduções diretas, sabendo que a lógica monolíngue tem esses perigos de supor que o que existe numa língua tem que ter nome em outra (significando a mesma coisa), mas não: pra quem assistiu à série *Pose*, sabe que ser expulso de casa por não ser hétero acontece/u nos EUA e rola aqui no Brasil, mas o termo "street queen" não tem um espelho em nossa língua, por exemplo. Isso não exclui sua existência, sua materialidade, então buscamos junto ao que sabemos, pesquisamos (e muito) pra traduzir e seguimos na escuta. Falando em investigação, também consideramos o uso difundido de alguns termos, tanto na academia quanto nos movimentos, pra dar liga.

*Bash Back!* é o primeiro trabalho em livro da Pontes Outras e que experiência! Trabalhamos em trio: são três corpos-desejos, trajetórias políticas e estilos de tradução diferentes que precisam ser manejados em contato atento com o texto. As limitações e capacidades do coletivo já seriam um desafio com qualquer livro, mas inaugurar um espaço no circuito de publicação impressa com a BB foi especialmente proveitoso.

Esse livro-*monstre*, colagem de vários ensaios com vozes que às vezes se aproximam, às vezes se distanciam ou são até contraditórias entre si, tem tanta ressonância com o próprio fazer coletivo que gostaríamos de deixar registrada nossa alegria em ver o livro em português brasileiro, pronto pra causar alianças (que, como ensina Gloria Anzaldúa, são bancos de areia, ora mais ou menos visíveis e, por consequência, mais ou menos necessárias, úteis) e discórdias.

Aqui a contradição se impõe à força e chama pra revidar no soco, assim como a expressão "bash back" no inglês estadunidense, nomeação das células anarcoqueers que (des)nomeia o movimento que toca o terror pelos textos. Aqui a linguagem é violenta, e tem, simultaneamente, potencial de costura e rasgo. Fomos atingidas, mesmo à distância física do território onde se passam as ações dessas gangues e outros ajuntamentos sem denominação que compuseram a BB. E mesmo à distância uma da outra como membras da Pontes Outras, encerrando o processo no meio de uma crise sanitária-social sem precedentes.

Tivemos momentos em que perdemos a paciência com e por causa do livro, gravamos áudios longos e escrevemos comentários

maiores ainda nas várias revisões, tivemos que, individualmente, abrir mão e ceder ou fechar a mão e bater o pé pelas nossas escolhas. No final do processo concordamos, como companheiras de luta em tradução, que nosso compromisso com a linguagem como tática de libertação foi reafirmado pela chama da rebeldia que pode ser sentida agora por vocês em *Bash Back!*.

Agradecimento especial à parceria da crocodilo e da n-1, vida longa de enfrentamentos às editoras!

## Nota de edição

Publicado em 2011 pela Ardent Press, *Queer ultraviolence: Bash Back! anthology* é composto por textos de grupos e pessoas queers anarquistas que atuaram na rede de levantes descentralizados conhecida como Bash Back!. A Antologia foi editada por Fray Baroque e Tegan Eanelli, participantes dos levantes.

Na primeira edição, os textos estão organizados em duas partes: "Communiqués" e "Theory and Essays", divisão que é abolida em outra publicação, de 2013, com o nome de *Queer ultraviolence: abridged Bash Back! anthology*. Para a edição brasileira, optamos por traduzir integralmente a parte "Theory and Essays" e a conclusão, escrita por Tegan Eanelli, mantendo a ordem dos ensaios da primeira edição estadunidense.

A black and white photograph of a hand holding a pen over a notepad. A tag with the handwritten text "bash back" is attached to the notepad. The background is filled with various papers and documents, some with visible text like "EVIAATION" and "The best thing y...".

# ESTE LIVRO PULSA E PODE EXPLODIR

EVIAATION

Pa

The best thing y  
opened today

"Bash", verbo inglês cuja tradução pode ser: bater com força ou criticar severamente. "Back", advérbio da mesma língua, pode ser traduzido como: de volta, devolver. A expressão "bash back" afirma um revide; exclamativo como um berro, um rosnado que antecede o ataque.

No final da primeira década dos anos 2000, Bash Back! foi o nome usado por queers anarquistas para nomear uma proposta de propagação de práticas libertárias e ações diretas, pela expansão de uma rede anti-hierárquica de levantes descentralizados, compostos por táticas múltiplas de antiopressão e antiassimilação.

Fray Baroque, na introdução à primeira edição deste livro, enfatiza sobre a assimilação: "é a narrativa de 'nós somos exatamente iguais aos héteros'. (...) Assimilação é a ferramenta principal para a classe dominante liberal. Assimilação se inicia tipicamente pelo discurso de direitos. (...) Bash Back! viu a violência física antiqueer e a violência da assimilação como uma e a mesma coisa. Não havia separação entre a luta contra a Igreja, o fascismo e o "capitalismo"<sup>1</sup>.

A Bash Back! tinha como plano de fundo as séries de ações diretas e práticas de queers anarquistas que viviam na região Centro-Oeste e Sul dos Estados Unidos e que queriam agitar outras regiões, no intuito de dar forma a uma presença queer combativa durante as Convenções Nacionais Democrata e Republicana, no verão de 2008. Enquanto os movimentos de minorias portadoras de direitos se regozijavam com a campanha de Barack Obama, a Bash Back! desafiava o coro democrático reiterando a existência queer como luta antiassimilacionista e antiestatal.

Em 1990, durante a Pride Parade em Nova York, algumas pessoas distribuíram panfletos em meio ao bloco do ACT-UP (AIDS Coalition to Unleash Power). Com a chamada "queers, leiam isso!", estes textos alertavam para o rumo que tomavam coletivos como o ACT-UP, aderindo às agendas políticas e pautando-se pela reivindicação de direitos ao Estado. Nos anos 2000, um deles foi publicado pelo Pink and Black Attack, zine muito ativo na Bash Back!; do qual alguns escritos compõe este livro.

1 BAROQUE, Fray. "Introduction". *Queer Ultraviolence Bash Back! Anthology*, San Francisco, Ardent Press, 2011, p. 19.

"Ser queer não é sobre um direito à privacidade; é sobre a liberdade de ser pública, de simplesmente sermos quem somos. (...) Ser queer significa levar um outro estilo de vida. Não é sobre o *mainstream*, margens de lucro, patriotismo, patriarcado ou sobre ser assimilado. Não é sobre diretores executivos, privilégio e elitismo. É sobre estar nas margens, definindo nós mesmos; é sobre desfazer gênero e segredos, sobre o que está abaixo do cinto e, profundo, dentro do coração. É sobre a noite. Ser queer é ser 'local' porque sabemos que cada uma de nós, cada corpo, cada gozo, cada coração e cu e genitália é um mundo de prazeres esperando para serem explorados. Cada uma de nós é um mundo de possibilidades infinitas."<sup>2</sup>

Nestes dois momentos, o uso da palavra queer afirma uma existência libertária, anticapitalista, antiestatal, anti-heteronormativa, antiassimilacionista. Queers na batalha contra a sociedade e no embate com o movimento de gays e lésbicas – hoje com o LGBTQ+. Os ensaios que compõem este livro explicitam como o termo LGBT fundamenta-se em fixar identidades para fins representativos, de participação na política e no mercado. Esta terminologia expressa um objetivo assimilacionista. Além disso, reitera disputas inócuas entre identidades de gênero e sexualidade. Que letra vem na frente? Qual se oculta atrás do +? Acrescento aqui a letra Q, atentando para a inserção do queer na sigla como tentativa de inclusão na política, no mercado e como identidade apaziguada.

Apesar da relação entre queer e anarquismos, ou mesmo da espontânea atitude anárquica do queer, muito pouco foi e é produzido sobre o assunto. *Bash Back! ultraviolência queer*, editado por Fray Baroque & Tegan Eanelli (publicado originalmente em 2011), e *Queering anarchism: addressing and undressing power and desire*, editado por C.B. Daring, J. Rogue, Deric Shannon e Abbey Volcano (2012), são as duas obras dedicadas a esta questão, abordando a luta anarcoqueer – no contínuo e mútuo movimento queerizante e anarquizante – a partir da escrita de *manadas queer*.

2 *Pink and Black Attack #3*, p. 28.  
Disponível em: <https://azinelibrary.org/zines/Pink-and-Black-Attack-3>

Há uma tradução do *Manifesto Queer Nation* publicado na *série intempestiva*, caderno de leituras, n. 53. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-53-manifesto-queer-nation/>

"Manadas carregam as características de um agrupamento entre individualidades singulares que se encontram circunscritas pela potência de um encontro sem delimitações espaço-temporais. Percorrem trajetos não definidos em busca de procurar algo ou simplesmente de não permanecer parados. As manadas não possuem contratos sexuais ou afetivos que as inserem nas lógicas do familismo; abrem campos para encontros furtivos e desterritorializados, onde as minorias potentes abrem campo para explorar suas singularidades. Um agrupamento que, enquanto preserva seu caráter animalesco, não possui identidade solidificada e não pretende se fixar em modelos de organizações. Entre seus membros cada um é uma própria manada."<sup>3</sup>

Penso que situar estes agrupamentos queers anarquistas que compunham a Bash Back! como manadas é uma maneira de atualizar esta proposta no presente, à parte das definições como rede, gangue, tendência, organização. É um jeito de pensar o conjunto de práticas diversas que fizeram a Bash Back! e que estão expostas neste livro, escrito por incontáveis mãos e autorias incógnitas e demolidoras.

Não é possível apresentar quem é Fray Baroque ou Tegan Eanelli, ou outras pessoas que compuseram os agrupamentos queers da manada Bash Back!, ou ainda quem redigiu os ensaios aqui editados. Não há uma autoria. O autor, individualidade privilegiada, está morto.

Talvez aí incida uma entrada crítica pulsante desta obra à academia, instituição que valida verdades, comprova teorias, consagra autorias e dá continuidade à propriedade (também a intelectual). A Bash Back! não procurava inclusão nesta instituição e também não endossava a negação dos saberes produzidos em seu interior. Os expropriava, usava estes saberes combinados às múltiplas táticas de ataque e à experimentação de outras formas de vida. Fazia parte das práticas expropriadoras da Bash Back! tanto quanto o *yomango*.

Outra entrada desta crítica está nos embates internos da Bash Back!, entre queers radicais e queers anarquistas.

3 SOUZA, Mauricio Marques. *Corpos queer: canteiro de obras*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP, 2016, p. 66.

Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19321>

Sendo es primeiros preses às teorias, às identidades, aos valores democráticos. Queers radicais aderiram à Bash Back!, mas queriam escantear a afirmação anarquista, para constituí-la como plural, democrática. Negavam táticas consideradas violentas e defendiam a política de identidade, ainda que definissem as de gênero e sexualidade como fluidas e desconstruídas.

Curiosamente estes dois pontos, uso de táticas violentas e destruição da identidade, também produziram embates com anarquistas – considerando os anarco-insurrecionalistas, uma vez que a Bash Back! deixava claro seu desinteresse em outras vertentes anarquistas contemporâneas. Em geral, as ações diretas incendiárias das manadas foram reduzidas a "questões queer", "anticapitalistas" ou "estilo bash back". Sempre algo distante, do outro, de menor importância. Mesmo quando ações diretas foram solidárias com anarquistas na prisão, sob perseguição ou nos motins contra o G20. Reiteravam que a insurreição é coisa de macho e se negavam a se queerizar.

Todas essas questões e embates permanecem contundentes dez anos depois, aqui, neste território chamado Brasil (e suspeito que em muitos outros).

Ainda que completamente questionável a classificação de violento, elaborada pelas forças da ordem, para ataques contra propriedades, a Bash Back! praticava revides nos corpos de espancadores de queers, machos que violentaram queers, clientes de trans e travestis, nazis e fochos, policiais. Também partia para cima de grupos de extrema-direita, religiosos pró-vida, que tentavam interromper manifestações e eventos queers ou LGBTQ+; e propagava amplamente as suas táticas de autodefesa. Contra-ataques violentos a uma violência incomparável como a introjetada nas condutas, nas subjetividades, nos *assujeitamentos* da maioria; inerente ao Estado, às religiões, à família, ao capitalismo, à sociedade e à moral.

O revide direto, sem mediação, só é possível a partir da destruição da figura da vítima, da recusa a este lugar, à condição de vulnerabilidade, à aceitação da opressão até que uma reforma ou revolução ocorra. Hoje, esta recusa inclui a abolição do *lugar de fala* (ou de falo?). Se a Bash Back! mostra a destruição da autoria, da propriedade, das hierarquias, das identidades, podemos avançar implodindo o lugar, de palanque ou altar, atingido por meio de uma identidade essencialista.

Queer não é um lugar estável, confortável, seguro; é um espaço de tensão, está em movimento. Como delineou Fray Baroque: "queer é a recusa de identidades fixas. É uma guerra contra todas as identidades"<sup>4</sup>. Fortalece-se no combate contra a *olimpíada da opressão* ou *des oprimidos*. Quando se afirma queer como força anti-identitária, não há restrição às questões de gênero e sexualidade; queer é uma agregação de gente que se recusa à esperançosa inclusão. É uma constelação de pessoas em confronto direto contra as normas e condutas que sustentam esta ordem; que não requisitam "a quem nos marginaliza o fim da nossa marginalização"(p. 98), como murmuram algumas das manadas aqui presentes. O que potencializa é a disposição, um querer que se afirma por meio de diferenças que andam juntas, mas que se voltam contundentes contra os mesmos alvos.

Atualmente, a disputa de quem é mais oprime e prepondera nas discussões, produções e movimentos sociais de minorias. Opera pela inversão de sinais e lugares. Bloqueia relações horizontais, conversas com escuta atenta e fala franca; impede que as diferenças se fortaleçam. Aparta, divide. Abundam exemplos e representantes que mostram que esta disputa entre minorias faz funcionar a racionalidade neoliberal e a democracia, com ou sem governo de Estado de direita. Há, no Brasil e em outros países, lideranças políticas de extrema-direita que se identificam como homonacionalistas. A defesa identitária protege estes indivíduos. O H será incluído na sigla?

Os embates que eclodiram na Convergência Bash Back! de 2009, em Chicago, mostram como as *olimpíadas des oprimidos* sustentam privilégios. Sob o pretexto de não praticar táticas violentas para não prejudicar pessoas desprivilegiadas, quem ocupa o lugar distinto adota uma postura de superioridade. Neste lugar, reproduzem uma conduta de vanguarda (ou elite), que sabe melhor que us mais oprimidos como a luta deve tomar forma. Ali permanecem, confortavelmente e com a consciência limpa, esperando pelo progresso dos outros – Estado, sociedade e desprivilegiadas – e conduzindo o movimento segundo valores da ordem.

A propriedade produz privilégios. Por conseguinte, dá oportunidades de ascensão, carreira e negócios para lideranças que se empoderam e se empreendem.

4 BAROQUE, *op. cit.*, p. 9.

O objetivo de convergência entre os agrupamentos queers da Bash Back! chegou a ocorrer, durante a festa. Enquanto as pessoas dançavam, transavam, bebiam, experimentavam estados alterados juntas. Foi um atrativo como "espaço seguro" para fazer orgias e expressar-se como "ativista pansexual", bem adequado à racionalidade neoliberal, como alertam aqui integrantes da Not Yr Cister Press, o que suscita questionamentos acerca do aspecto hipersexualizante do queer e da manutenção da centralidade no sexo.

A Not Yr Cister seguiu firme mesmo após a morte da Bash Back! em 2010 (isso não é um spoiler). Continuaram circulando textos voltados contra a "miséria da vida sob a civilização", o capitalismo, e textos táticos para implodir o gênero.<sup>5</sup>

A Gender Mutiny, outra manada que faz este livro existir, já agitava o meio LGBTQ+ desde o início dos anos 2000. Emergiu no embate com o movimento assimilacionista durante a Pride Parade. Promovia eventos declaradamente anarquistas, "do it yourself", para aproximar queers. Questionava o "orgulho" e toda a celebração do reconhecimento identitário, da inclusão como nicho de mercado e no Estado. Uma das procedências da Gender Mutiny foi o Queeruption, um festival de queercore realizado anualmente de 1998 a 2007, e que teve edições esporádicas mais recentemente.

O Pink and Black Attack, que traz aqui ensaios muito contundentes, publicou mais um número após a Convergência Bash Back! de 2010. No ano seguinte, uma declaração de "propósitos e valores do Black and Pink" foi estabelecida, inverteu-se a ordem das cores, suprimiu-se o ataque. Foi criada uma ONG, propriedade de Jason Lydon, "dedicada a abolir o sistema criminal punitivo e libertar pessoas LGBTQIA2S+ e que vivem com HIV/AIDS através da advocacia, de suporte e organização".<sup>6</sup>

A vida é luta, as forças estão em movimento. Lutar contra nós mesmos é impreterível para não se deixar assimilar. Há muitas histórias queers e anarquistas para serem escavadas. Como a de Mary Nardini, libertária que migrou da Itália para os Estados Unidos, no início do século XX, e viveu em Milwaukee. Ela foi intensa agitadora no espaço libertário I Dilettanti Filodrammatici del Circolo Studi Sociali, que propagava literatura anarquista, promovia debates e grupos de discussão e encenava peças de teatro.

5 <https://notyrcisterpress-blog.tumblr.com>

6 <https://www.blackandpink.org>

Em 1917, o Reverendo August Giuliani tentou, pela primeira vez, evangelizar a comunidade. Deu de cara com um bando anarquista que afirmou seu ódio pelo Estado e pela Igreja. A segunda tentativa foi um sermão público, interrompido por canções libertárias: "nós lutamos contra o governo / nós lutamos contra a cidadania / nós somos pela anarquia!". Na terceira tentativa, o Reverendo foi escoltado pela polícia. Mary Nardini saiu na linha de frente de dezenas de anarquistas com pistolas nas mãos. Houve um tiroteio, dois libertários morreram. Nardini e outras pessoas foram presas. Estavam há mais de dois meses na prisão, quando um pacote foi entregue na igreja do Reverendo Giuliani. Apavorado, ele levou o pacote até a delegacia. Era mesmo uma bomba. Explodiu nove policiais. Mary Nardini e parte do bando de anarquistas foram condenados à prisão perpétua.<sup>7</sup> Mary Nardini Gang & A Gang of Criminal Queers compôs a manada anarco-queer e alguns escritos estão presentes nesta edição.

A proposta Bash Back! morreu, depois de sua breve, mas muito intensa existência. Práticas que fizeram a Bash Back! encontram procedências no passado e seguem reverberando e se desdobrando no presente. Com outros nomes ou mesmo incógnitas.

(A) 2011, Moscou

Mulheres agarraram e beijaram policiais femininas no interior de estações do metrô. Um revide à declaração do prefeito: "Moscou não precisa de gays". Os ataques foram filmados e editados em vídeo intitulado "Лобзай мусора" (Operação: beijar lixo). A trilha sonora é uma canção anarquista composta durante o regime czarista. "Hey, hey, abaixo a polícia! Abaixo a autocracia russa!". Esta foi a primeira ação do que viria a ser a Pussy Riot. A Pussy Riot também teve uma curta, porém intensa, existência. Foi morta em 2015, diante da insistência de duas ex-integrantes em usarem este nome para se empreenderem no mercado do entretenimento e se empoderarem como ativistas políticas.<sup>8</sup>

7 *Total Destroy #3.*

8 Pesquisei a Pussy Riot em minha dissertação de mestrado, *Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra.*

Além da dissertação, há textos sobre a Pussy Riot em publicações do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), que podem ser encontrados em <http://www.nu-sol.org>. O vídeo da ação direta pode ser visto aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=10A8Qf893cs>

(A) 2013, Rio de Janeiro

Durante a terceira edição da Marcha das Vadias, algo interrompeu o coro por mais direitos e segurança entoado pela esquerda feminista. Diante da Força Nacional, de fiéis que participavam do evento da Jornada Mundial da Juventude e das polícias do movimento, duas pessoas encapuzadas e vestindo apenas tapa-sexos com adornos religiosos, destruíram imagens e objetos sacros. No final da ação, uma delas colocou uma camisinha nos restos quebrados de um crucifixo e o enfiou no cu da outra pessoa. A ação direta foi reivindicada pelo coletivo queer anarquista Coiote.<sup>9</sup>

Ações como esta compuseram *junho de 2013*?

(A) 2017, Rojava

Foi anunciada a formação da TQILA (Exército de Insurreição e Liberação Queer), na luta para esmagar o Estado Islâmico e o binarismo de gênero. Um revide às "forças fascistas e extremistas pelo mundo", assim como um confronto direto com revolucionários que conservam condutas antiqueer. Além da declaração, que se encerra com: "Liberação queer! Morte ao arco-íris do capitalismo! ~~Bash~~ Shoot Back!", circulou uma imagem de combatentes curdes, encapuzadas, empunhando armas e segurando uma faixa com a frase "Essas *bixas* matam fascistas". Mesmo com tantas publicações sobre Rojava, sobre as mulheres curdas revolucionárias, não se encontra mais nada sobre a TQILA.

(A) 2019, Madri

Transfeministas insurrecionalistas queimaram barricadas no 8M. "Não cremos que haja uma única ferramenta possível. No nosso caso, apostamos e animamos vocês a quebrar o sistema (...) a destruir tudo que nos oprime e a defender o que nos liberta. Por um transfeminismo insurrecional, morte ao patriarcado e viva a anarquia!".

9 O coletivo Coiote foi uma das manadas queers pesquisada por Maurício Marques de Souza, *op. cit.*

(A) 2019, Cidade do México

Revide por garota violentada por quatro policiais em caso arquivado pelo Estado mexicano (administrado por um governo de esquerda). Anarquistas do F.B.I. (Féminas Brujas e Insurreccionalistas) irromperam com fogo em meio à manifestação que clamava por justiça e punição. "O pacifismo é o cúmplice mais ativo do poder patriarcal e da dominação. (...) Não pedimos justiça aos nossos carrascos, nem a destituição e o castigo de seus porcos violadores. Isso seria diferenciar policiais bons de policiais maus. Para nós, o melhor polícia é o que está morto. Não queremos diálogo, por isso não pomos limites a nossa revolta." O F.B.I. agora é Fenoménicas Brujas e Insurreccionalistas e segue firme na batalha.

(A) 2019, Varsóvia

Queers e anarquistas revidaram! Interromperam uma marcha da fundação pró-vida Fundacja Pro Prawo do Ciaycia. O carro de som foi atacado e repintado, faixas e cartazes foram rasgados. Os pró-vida fugiram. A repressão incidiu sobre Małgorzata Szu-towicz, anarcoqueer que foi sequestrada em sua casa por policiais à paisana. Małgorzata segue livre e continua agitando.

(A) 2020, Cidade do México, Paris, Chile, Madri, Sevilha...

Foram algumas cidades por onde se espalhou o fogo anarcofeminista e transfeminista insurreccionalista durante o 8M. Dias antes, insurgentes na América Latina chamaram: "por um março subversivo, anarcofeminista e dissidente. Contra toda autoridade. (...) Marchemos pela vida! A insurreição é vida!".

Comecei a escrever este prefácio com desânimo em relação ao presente, ressoando a afirmação de Tegan Eanelli: "quando grupos reacionários começarem a se impor nas ruas, queers vão reagir usando novas armas e formações de autodefesa. À medida que a sociedade for desmoronando, descobriremos maneiras cada vez mais decadentes de impulsionar as contradições e dinamitar as rupturas" (p.173). Não termino da mesma forma. Este livro pulsa e faz ver o pulsar de revoltas *menores*, que passam quase despercebidas. A Bash Back! vive. Há ruídos e sons além da falação e dos coros majoritários, vociferados de um lado e de outro. Este livro conta histórias de revoltas, pode expandi-las e atijar outras.

Flávia Lucchesi

MARY  
NARDINI  
GANG &  
GANG OF  
CRIMINAL  
QUEERS

**Rumo à mais queer das insurreições**  
**Teoria puta**  
**Intimidade criminosa**  
**O que é uma Beleza em via de ser**

Os textos a seguir, Rumo à mais queer das insurreições, Teoria puta, Intimidade criminosa, e O que é uma Beleza em via de ser, surgiram em Milwaukee, Wisconsin, entre 2008 e 2010. Todos os textos são atribuídos a um grupo elusivo que algumas vezes se apresenta como Mary Nardini Gang e outras como Gang of Criminal Queers. Independente de como se descreva, o grupo publicou apenas alguns folhetos de teoria queer negativa (às vezes como zines, às vezes na *total destroy*, publicação anarquista de Milwaukee). Além dos três textos, há uma entrevista com um integrante desse grupo enigmático, publicada no jornal *vengeance 3*.

## Rumo à mais queer das insurreições

por Mary Nardini Gang

### I

Algumas pessoas lerão "queer" como sinônimo de "gay e lésbica" ou "LGBT". Essa leitura é falha. Ainda que aquelas que se encaixam nas construções de "L", "G", "B" ou "T" possam entrar nos limites discursivos de queer, queer não é uma área estável pra habitar. Queer não é meramente outra identidade que pode ser adicionada a uma lista de categorias sociais aseadas, nem é a soma quantitativa de nossas identidades. Pelo contrário, é a posição qualitativa de oposição às expressões de estabilidade — uma identidade que problematiza os limites administráveis da identidade. Queer é um território de tensão, definido contra a narrativa dominante do patriarcado branco-hétero-monogâmico, mas é também uma afinidade com todas as pessoas que são marginalizadas, outrificadas e oprimidas. Queer é anormalidade, estranheza, perigo. Queer envolve nossa sexualidade e nosso gênero, mas muito mais. É nosso desejo e fantasias e mais ainda. Queer é a coesão de tudo que está em conflito com o mundo heterossexual capitalista. Queer é a rejeição total do regime do Normal.

### II

Como queers nós entendemos a Normalidade. O Normal é a tirania de nossa condição; reproduzido em todas as nossas relações. A Normalidade é violentamente reiterada a cada minuto de todos os dias. Entendemos essa Normalidade como a Totalidade. A Totalidade sendo a interconexão e sobreposição de toda opressão e miséria. A Totalidade é o Estado. É o capitalismo. É civilização e império. A totalidade é crucificação na estaca. É estupro e assassinato nas mãos da polícia. É "não dar pinta" e "nem gordos,

nem afeminados". É *Queer Eye for the Straight Guy*<sup>1</sup>. São as lições brutais ensinadas pra quem não consegue atingir o Normal. São todas as formas pelas quais nos limitamos ou aprendemos a odiar nossos corpos. Entendemos a Normalidade bem até demais.

### III

Quando falamos sobre guerra social, o fazemos porque análises puristas de classe não são suficientes para nós. O que uma visão de mundo econômica marxista significa pra sobreviventes de espancamento? Pra profissionais do sexo? Pra adolescentes sem teto que fugiram de casa? Como pode a análise de classe, sozinha como paradigma pra uma revolução, prometer libertação pra quem de nós está em jornadas pra além dos gêneros e sexualidades que nos foram atribuídos? O Proletariado como sujeito revolucionário marginaliza todas as vidas que não se encaixam no modelo de trabalhador heterossexual.

Lenin e Marx nunca transaram dos jeitos que a gente transa.

Precisamos de algo um pouco mais abrangente — algo equipado pra fazer ranger-os-dentes de todos os meandros da nossa miséria. Basicamente, queremos arruinar a dominação em todas as suas mais variadas e entrelaçadas formas. Essa luta que habita toda relação social é o que nós conhecemos como guerra social. É tanto o processo quanto a condição de um conflito contra essa totalidade.

### IV

Nos discursos sobre queer, estamos falando de um espaço de luta contra essa totalidade — contra a normalidade. Por "queer", queremos dizer "guerra social". E quando falamos de queer como um conflito contra toda dominação, não é brincadeira.

### V

Olha só, nós sempre fomos quem é outre, forasteiro, criminoso. A história de queers nesta civilização foi sempre a narrativa de quem é desviante sexual, de quem tem inferioridade

1 N.T. Programa de televisão estadunidense.

psicopática constitucional, de quem trai, de quem é aberração, é moralmente imbecil. Fomos excluídos às fronteiras, do trabalho, dos laços familiares. À força nos levaram aos campos de concentração, à escravidão sexual, às prisões.

O normal, o hétero, a família estadunidense sempre se construiu em oposição ao que é queer. Hétero não é queer. Branco não é racializado. Saudável não tem HIV. Homem não é mulher. Os discursos de heterossexualidade, branquitude e capitalismo se reproduzem em um modelo de poder. Pro resto de nós, há morte.

Em seu trabalho, Jean Genet afirma que a vida de queer é uma de exílio – que toda a totalidade deste mundo é construída pra nos marginalizar e explorar. Ele coloca queer como delinquente. Glorifica a homossexualidade e a criminalidade como as formas mais bonitas e amáveis de conflito com o mundo burguês. Escreve sobre os mundos secretos de rebelião e alegria habitados por delinquentes e queers.

Citamos Genet: "Excluído de nascença e preferências da ordem social, eu não tinha consciência de sua diversidade. Nada no mundo era irrelevante: as estrelas no uniforme de um general, as cotações no mercado de ações, a colheita da azeitona, o estilo do judiciário, a troca do trigo, canteiros de flores. Nada. Esta ordem, temente e temida, cujos detalhes eram todos inter-relacionados, tinham um significado: meu exílio."<sup>2</sup>

## VI

Uma bixa leva uma surra porque sua expressão de gênero é feminina demais. Um homem trans pobre não consegue pagar os hormônios que salvam sua vida. Uma pessoa trabalhadora do sexo é assassinada por um cliente. Uma pessoa gênero-queer é estuproada porque precisava ser "fodida direito pra virar hétero". Quatro lésbicas negras são mandadas pra cadeia porque ousaram se defender de um homem-hétero agressor. Policiais nos espancam na rua e nossos corpos estão sendo destruídos pelas empresas farmacêuticas porque não conseguimos lhes pagar nem um centavo.

Queers experienciam, diretamente por meio de nossos corpos, a violência e a dominação deste mundo. Classe, Raça, Gênero,

2 GENET, Jean, *Diário de um Ladrão*. Tradução de Jacqueline Laurence e Roberto Laurence, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Sexualidade, Capacidade; ainda que frequentemente essas categorias de opressão, inter-relacionadas e sobrepostas, se percam na abstração, queers são forçados a entender fisicamente cada uma delas. Tivemos nossos corpos e desejos roubados, mutilados e nos vendidos de volta como um modelo de vida que nunca vamos poder incorporar.

Foucault diz que "se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exerce e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça ou reverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais"<sup>3</sup>.

Nós experienciamos a complexidade da dominação e do controle social amplificados pela heterossexualidade. Quando a polícia nos mata, queremos eles mortos também. Quando prisões capturam nossos corpos e nos estupram porque nossos gêneros não estão formatados como os deles, é óbvio que queremos fogo em todos eles. Quando fronteiras são erigidas pra construir uma identidade nacional com a ausência de pessoas racializadas e queers, enxergamos apenas uma solução: toda nação e fronteira reduzida a escombros.

## VII

A perspectiva de queers dentro do mundo heteronormativo é uma lente pela qual podemos criticar e atacar o aparato do capitalismo. Podemos analisar as maneiras pelas quais a Medicina, o Sistema Penitenciário, a Igreja, o Estado, o Casamento, a Mídia, as Fronteiras, as Forças Armadas e a Polícia são usadas pra nos controlar e destruir. E o mais importante, podemos usar esses casos pra articular uma crítica coesa de todos os modos em que a alienação e a dominação são usadas contra nós.

3 FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A vontade de Saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1999.

Queer é uma posição a partir da qual se ataca o normativo – e mais, é uma posição a partir da qual se entende e ataca as maneiras com que o normal é reproduzido e reiterado. Ao desestabilizar e problematizar a normalidade, podemos desestabilizar e nos tornar um problema pra Totalidade.

A história de queers que se organizam nasceu desta posição. As mais marginalizadas – pessoas trans, racializadas, profissionais do sexo – sempre foram catalises pra rebeliões explosivas de resistência queer. Essas explosões foram acopladas a uma análise radical que entende, com todo o coração, que a libertação para o povo queer está intrinsecamente atada à aniquilação do capitalismo e do Estado. Não é de se admirar, então, que as primeiras pessoas a falar publicamente sobre libertação sexual neste país tenham sido anarquistas, ou que aquelas do século passado que lutaram pela libertação queer também lutaram simultaneamente contra o capitalismo, o racismo, o patriarcado e o império. Esta é a nossa história.

## VIII

Se a história prova qualquer coisa que seja, é que o capitalismo tem uma tendência reapropriadora traiçoeira de pacificar movimentos sociais radicais. Funciona de um jeito bem simples, na verdade. Um grupo ganha privilégios e poder dentro de um movimento, e logo depois vende seus camaradas. Alguns anos depois do Stonewall, homens-brancos-gays-abastados marginalizaram completamente todo mundo que tornou o movimento deles possível, e abandonaram a revolução dessas pessoas.

Era uma vez que ser queer era estar em conflito direto com as forças de controle e dominação. Agora, estamos diante de uma condição de estagnação e esterilidade absolutas. Como sempre, o capital reapropriou as travestis de rua lançadoras-de-tijolo, e as transformou em figuras políticas e ativistas nos conformes. Existe a ala Log Cabin no partido Republicano<sup>4</sup>, e o "Stonewall" é uma referência pra gays do partido Democrata. Existem bebidas energéticas pra gays e um canal "queer" de televisão que alimenta uma guerra contra as mentes, corpos e autoestima da juventude

4 N.T. "Log Cabin Republicans" é uma organização interna ao partido Republicano fundada em 1977, em prol dos direitos de gays e lésbicas.

impressionável. O *establishment* político "LGBT" tornou-se uma força de assimilação, de gentrificação, do capital e do poder estatal. A identidade gay tornou-se uma mercadoria comercializável e um dispositivo de esvaziamento da luta contra a dominação.

Agora, não criticam o casamento, o exército ou o Estado. Em vez disso, existem campanhas de assimilação queer pra cada uma dessas instituições. Sua política advoga por essas instituições atroz, e não pela aniquilação de todas elas. "Gays podem matar pessoas pobres pelo mundo inteiro, igual héteros!" "Gays podem manter os reinados do Estado e do capital igual héteros!" "Somos iguais a vocês".

Assimilacionistas não querem nada mais do que construir homossexual como normal — brancos, monogâmicos, ricos, 2,5 crianças, SUVs e uma cerquinha de quintal branca. Essa construção, sem dúvida, reproduz a estabilidade da heterossexualidade, da branquitude, do patriarcado, do binarismo de gênero e do próprio capitalismo.

Se queremos de verdade arruinar essa totalidade, precisamos de fraturas. Não precisamos de inclusão no casamento, no exército e no Estado. Precisamos acabar com tudo isso. Chega de candidaturas, CEOs e policiais gays. Precisamos, de maneira rápida e imediata, articular um amplo abismo entre a política de assimilação e a luta pela libertação. Precisamos redescobrir nossa herança rebeliosa como queers anarquistas. Precisamos destruir construções de normalidade e criar, em seu lugar, uma posição baseada em nossa alienação dessa normalidade que seja capaz de desmontá-la. Devemos usar essas posições pra instigar fraturas, não apenas da dominância assimilacionista, mas do próprio capitalismo. Essas posições podem se tornar ferramentas de uma força social pronta pra criar uma ruptura completa com este mundo.

Nossos corpos nasceram em conflito com essa ordem social. Precisamos aprofundar esse conflito e espalhá-lo.

## IX

Susan Stryker escreve que o Estado age para regular corpos, tanto de maneiras amplas quanto específicas, enredando-os em normas e expectativas que determinam que tipos de vidas são consideradas vivíveis ou úteis, e cerceando o espaço de possibilidade e transformação imaginativa no qual a vida das pessoas começa a exceder e escapa do uso que o Estado faz delas.

Devemos criar um espaço em que seja possível ao desejo florescer. Tal espaço, sem dúvida, requer conflito com essa ordem social. Desejar, em um mundo estruturado pra confinar o desejo, é uma tensão que vivemos diariamente. Precisamos entender essa tensão pra que ela nos torne potentes – precisamos entendê-la pra que ela possa destroçar nosso confinamento.

Este terreno, nascido em ruptura, deve desafiar a opressão em sua completude. O que, sem dúvida, significa a negação total deste mundo. Nós devemos nos tornar corpos em revolta. Nós precisamos mergulhar e regozijar no poder. Nós podemos aprender a força de nossos corpos na luta por espaços pra nossos desejos. No desejo, nós encontraremos o poder de destruir não apenas o que nos destrói, mas também quem aspira a nos transformar em uma paródia gay daquilo que nos destrói. Devemos estar em conflito com os regimes do normal. Isso significa estar em guerra com tudo.

Se desejamos um mundo sem restrições, temos que estilhaçar este por completo. Nós devemos viver além da medida, amar e desejar das maneiras mais devastadoras possíveis. Nós devemos entender o sentido de guerra social. Podemos aprender a ser uma ameaça, podemos nos tornar a mais queer das insurreições.

## X

Não se enganem:

Estivemos em desespero pensando que nunca seríamos pessoas tão cultas ou bem-vestidas quanto os Cinco Fab do *Queer Eye*. Não achamos nada em *Brokeback Mountain*. Passamos tempo demais nos arrastando pelos corredores, com a cabeça baixa. Estamos pouco nos fodendo pro casamento ou o exército. Mas, ah!, nós fazíamos o sexo mais gostoso – em tudo que era lugar – de todas as formas que não deveríamos fazer e os outros meninos da escola não podem e nem conseguem entender.

Quando eu tinha dezesseis anos, um metido a valentão me empurrou e me chamou de viado. Soquei a boca dele. A penetração do meu punho em seu rosto era muito mais sensual e libertadora do que qualquer coisa que a MTV já ofereceu à nossa geração. Com o pré-goço de desejo em meus lábios, eu soube, então, que era anarquista.

Pra resumir, este mundo nunca nos foi suficiente. Pra ele dizemos: "queremos tudo, escroto, só tenta impedir!".

IMORAL É NOSSA POLÍTICA!  
IMUNDA É NOSSA VIDA!

### **Apêndice um: mitologia queer relevante**

1. Cooper's Donuts era uma loja 24h que vendia rosquinhas num trecho decadente da Main Street em Los Angeles. Ponto de encontro regular pra travestis de rua, prostitutas, queer no corre a noite inteira. O assédio policial era frequente na Cooper, mas, numa noite de maio de 1959, as pessoas queer reagiram. O que começou com clientes jogando rosquinhas na polícia, se transformou numa briga de rua completa. No caos que se seguiu, todes rebeldes que lançaram rosquinhas escaparam na noite.

2. Num fim de semana de agosto, em 1966, a Compton's – uma cafeteria 24h no bairro Tenderloin de São Francisco – estava bombando com o público habitual da madrugada: drag queens, delinquentes, mendigues, gays à procura de sexo anônimo, adolescentes que fugiram de casa e pessoas da vizinhança. A gerência do restaurante ficou irritada com um grupo jovem e barulhento de monas que parecia estar há muito tempo na mesa gastando quase nada de dinheiro, e chamou a polícia pra arrancá-las dali. Um policial grosso, acostumado a lidar impunemente com a clientela da Compton, agarrou o braço de uma das monas e tentou arrastá-la. No entanto, pra surpresa geral, ela jogou o café no rosto dele, e um tumulto eclodiu: pratos, bandejas, xícaras e talheres voaram no policial surpreso, que correu pra fora e chamou reforço. A clientela virou as mesas, quebrou as janelas de vidro e vazou pelas ruas. Quando os reforços da polícia chegaram, brotou briga de rua por toda a vizinhança da Compton. Drag queens bateram nos policiais com suas bolsas pesadas e os chutaram com seus sapatos de salto. Um carro da polícia foi vandalizado, um estande de jornal foi destruído pelo fogo, e uma devastação geral tomou conta do bairro de Tenderloin.

3. O que começou como uma batida policial, de manhã cedo no dia 28 de junho de 1969, no Stonewall Inn em Nova York, escalou pra quatro dias de tumultos por todo o bairro de Greenwich Village. A polícia conduziu a batida como de costume; visando pessoas racializadas, trans e gênero-variante como alvo de assédio e violência. Mas tudo mudou quando uma sapatão resistiu à prisão e várias travestis de rua começaram a atirar garrafas e pedras na polícia. A polícia começou a espancar a galera, mas logo a vizinhança inteira correu pro local, aumentando o número de manifestantes pra mais de 2 mil. Muito menor em número, a polícia se protegeu em barricada dentro do bar, enquanto um parquímetro foi arrancado e usado como aríete pela multidão. Coquetéis molotov foram jogados no bar. A polícia de choque chegou ao local, mas não conseguiu recuperar o controle da situação. Drag queens dançavam conga em fila e cantavam durante as brigas de rua pra zombar da incapacidade da polícia de restabelecer a ordem. Os tumultos continuavam até o amanhecer, e eram retomados ao anoitecer dos dias seguintes.

4. Na noite de 21 de maio de 1979, no que se tornou conhecido como White Night Riots [Motins da Noite Branca], a comunidade queer de São Francisco ficou enfurecida e queria justiça pelo assassinato de Harvey Milk. Queers em fúria foram até a prefeitura, onde quebraram as janelas e a porta de vidro do prédio. A multidão revoltosa foi às ruas, interrompeu o tráfego, quebrou vitrines e janelas de carro, desativou ônibus e incendiou doze viaturas da Polícia de São Francisco. Os tumultos se espalharam pela cidade inteira à medida que outras pessoas chegavam pra participar da diversão!

5. Em 1970, as veteranas de Stonewall, Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, fundaram a STAR - Street Transvestite Action Revolutionaries [Travestis de Rua em Ação Revolucionária]. Elas abriram a casa STAR, uma versão radical da cultura de formação de "houses" dentro das comunidades queer negras e latinas. A casa oferecia um lugar seguro e gratuito pra jovens de rua queer e trans morarem. Marsha e Sylvia, como as Mães da Casa, batalhavam pra cobrir o aluguel, pra que jovens não precisassem. As crianças fuçavam no lixo e roubavam comida pra que todo mundo na casa pudesse comer. Isso é o que chamamos de ajuda mútua!

6. No período entre a Revolta de Stonewall e o surto de HIV, a comunidade queer de Nova York assistiu à ascensão de uma cultura de sexo em público. Queers faziam orgias em prédios ocupados, dentro de caminhões abandonados, nos cais e em bares e discotecas por toda a Rua Christopher. Essa é a nossa ideia de associação voluntária entre indivíduos livres! Muita gente considera este momento como o mais sexualmente liberado que esse país já viu. Porém, quem escreve este ensaio acredita, de todo o coração, que podemos superá-lo.

## Teoria puta

Pra puta, é de extrema importância estar sempre maravilhosa, tanto na aparência quanto no intelecto. Como desviantes fiéis da feminilidade, temos uma certa responsabilidade de demonstrar um ódio bem versado a tudo o que é puro e sem graça. Meninhos e meninas precisam de mais exemplos de imundície em suas vidas; piranhas loucas e lindas pra admirar. Precisam aprender o que é desejar, o que é serem putas incapazes de segurar e reprimir suas emoções.

Tornar-se-puta não significa nada, então larga essa merda de caderninho de notas. Somos contradições empavonadas e não estamos nem aí. Se você quiser nos atrapalhar, vamos acabar contigo e com tudo o que você ama. Se transar com a gente, vamos partir seu coração ou talvez nos apaixonar e te odiar pra sempre. Somos viciadas no nojo da sociedade, mocinhas corrompidas que ignoram restrições.

Queremos destruir tudo, usando saltos com diamantes incrustados. A violência do nosso desejo tem um gosto diferente de qualquer outro fluido corporal; é um veneno peçonhento que só o mais masoquista dos corpos pode ir ao encontro e rastejar de volta em busca de mais. Convidamos homens pra entrar, esperando pela degradação que justificará a vingança e, até ela chegar, continuamos enfiando seus paus na boca e engolindo. Tanto-faz.

Admiramos a imagem do nosso corpo em cada reflexo e não conseguimos parar de trepar uma com a outra, porque somos incrivelmente lindas. Nossas inseguranças são exibidas como brilhantes coroas de ouro sobre nossas belas cabeças; não poderíamos estar mais orgulhosas (ou envergonhadas) de nossas

muitas imperfeições. Somos terrivelmente vaidosas, e toda puta sabe que só outra puta pode satisfazer suas necessidades.

Ser puta não é um tipo de sexualidade, isso não existe. Nossos orgasmos são inseparáveis do nosso ódio, de como nos vestimos e dos medos; nada nos faz gozar sem também nos revoltar de uma maneira ou de outra. Nós experienciamos este mundo como um imundo playground pras nossas fantasias, e esses pensamentos sujos não podem ser contidos dentro de qualquer arena designada de "sexo". Pra gente, sexo é cabeça girando, joelho ralado e mijo em qualquer lugar, menos no banheiro.

Se você vir uma puta descendo a rua rebolando, talvez perceba uma sobrançelha franzida enquanto ela murmura baixinho com raiva. Isso acontece porque sua presença irrita. Todo corpo insignificante que passa por ela corre o risco de seu ódio. O ódio a mantém ereta. Ela não perde tempo criando suposições sobre você com base no que está vestindo – seus sapatos não são ousados o suficiente, seu andar não é sexy o suficiente, seu olhar não é pesaroso o suficiente. Você não é nada comparado às pessoas lindas que se escondem no beco, esperando pra te assaltar.

A política não interessa à puta, ela é a puta. Seduzida pela incessante dor de viver, morrer e sofrer, ela ao mesmo tempo tem medo de tudo e se alimenta da alegria de não ter nada a perder. Acha que falar deste mundo de forma lógica é pura ilusão: a racionalidade é uma indulgência desnecessária, típica de idiotas que ficam por aí resmungando. Tentar definir o contexto da puta ou articular sua existência é totalmente inútil; absolutamente nada sobre ela faz sentido. A puta se envolve criticamente apenas com a astrologia, preferindo a opinião das constelações acima de nós do que a fala de algum velho branco moribundo.

Magnificamente amarga, a puta se apega ao luto e à raiva como pedras preciosas que envolvem seu coração; amorosamente seus traumas nadam e pulsam pelas veias como pequenos cacos de vidro. Uma parte de si anseia pela tristeza e decepção que ela conhece como verdade; ela fica cheia de vazio e tédio quando isso falta. Pra ela, ver o mundo através da tristeza é ver em todas as cores, sentindo a sensação da vida formigar através de cada terminação nervosa em seu corpo. Sem isso, a alegria também lhe escapa.

A puta está totalmente exposta — uma ferida aberta pingando excrementos doces e mortais em cada coisa, em cada pessoa que ela encosta. Está nua, pra sempre aquendendo o que é sagrado na fenda entre as pernas, pra ninguém mais ver. Se você olhar muito de perto, se prepare pra perder um membro, um lábio, um pedaço do seu coração de merda, porque o que é precioso pra puta é intocável pra você. Seu lixo inútil de raça humana.

Uma puta que se preze sabe, lá no fundo, por que esse mundo finge que a detesta. A vida toda ela teve um encanto irresistível que, quando combinado a uma volatilidade inconveniente, tem o poder de revelar a quem a rodeia seus desejos mais proibidos. Sua bunda deixa afobados os cavalheiros casados (e suas esposas entediadas), e sua sagacidade vulgar faz os acadêmicos frígidos lamberem os beiços de excitação. Quando ela sai, salas inteiras respiram aliviadas por não serem mais forçadas a encarar suas próprias perversidades trêmulas. Sozinhas em seus quartos modernos, essas mesmas pessoas se masturbam, envergonhadas, pensando na puta, odiando a si próprias e a rotina tosca que vivem.

Ela ri com a mesma facilidade com que chora. Quando Mercúrio está retrógrado, ela sabe que é só se levantar da cama pra começar a catástrofe. Mas nem mesmo a merda dos planetas alinhados, trabalhando de mãos dadas com essa sociedade desprezível e mesquinha, pode impedir que sua loucura atinja tudo que está a sua volta e quem estiver por perto. As circunstâncias que fazem com que ela e suas companheiras putas chorem também criam históricas potentes, e pessoas-ilhas, antes isoladas na loucura, se juntam pra se divertir e, talvez, pra criar pequenas vinganças.

A puta é uma vadia, sim, mas é também uma vagabunda e uma jovem delinquente; ela é uma bixa, uma mona, uma sapatã dyke raivosa, uma anarquista insurrecionária de salto, uma trava tirânica. Ela é tudo e nada, toda gente e ninguém. Glamourosa em seus muitos disfarces e transparente em seus desejos imundos. Ela transborda de amor por quem está derramando ódio, pra sempre encantada com a beleza escondida sob esta estéril economia dos corpos. Pra ela, não tem nada melhor do que cuspir na cara da humanidade, rindo enquanto sua baba fedida escorre por queixos pontudos até respingar bonita na calçada suja sob seus pés.

## Intimidade criminosa

Por Gang of Criminal Queers

*Because the night belongs to lovers.*

*Because the night belongs to us.*

Patti Smith

### Sobre morte

Viver nesta cultura é estar morta, nua. Morrer é o afeto e a aspiração do pertencimento social dominante. É a relação social em que a vida é reduzida a troca e capital. Está em todo lugar; naquelas pessoas que andam pela rua sem nunca olhar nos olhos de quem passa, nas trocas de serviços, nos corredores das lojas de departamentos e nos banquinhos das igrejas. No capital, na heteronormatividade, na lei e na moralidade — em todo lugar a lógica é a da morte.

A impensabilidade de nossos desejos é repetidamente reiterada. Poder e controle estão escritos em nossos corpos. O que é paixão? Desejo? Aventura? Diversão? O quê, além de slogans grudentos pra anúncios. Nosso amor e nossas vontades e até nossos corpos são inscritos com esta cultura. O capital está escrito em nossos corpos. Não ousamos sonhar. Como seria possível querer mais do que isso?

E os agentes e esforços do biopoder — as botas dos espancadores de queers, as câmeras de vigilância panópticas onipresentes com luzes azuis piscantes, as sirenes e as armas da polícia, as campanhas pelo casamento e serviço militar gay, as dores prolongadas da monogamia e seus manequins perfeitos, *ad nauseum* — permanecem erguidos em todos os lugares como postos de controle, garantindo a impossibilidade de qualquer outra coisa.

A vida, despida, nada mais é do que uma crua sobrevivência – banal, fria, dormente. Tem como ser mais óbvio? Heterocapitalismo, esta cultura, esta totalidade: está aí pra nos destruir.

### **Tomar e compartilhar: sobre conseguir o que é nosso**

A maquinaria de controle tornou ilegal nossa própria existência. Sofremos a criminalização e a crucificação de nossos corpos, nosso sexo, nossos gêneros indisciplinados. Ataques, caça às bruxas, queimas em fogueiras. Nós ocupamos o espaço de desviantes, de putas, de pessoas pervertidas e de abominações. Esta cultura nos tornou criminosos e, é óbvio, em contrapartida, dedicamos nossas vidas à criminalidade. Na criminalização de nossos prazeres, encontramos o prazer no crime! Ao nos tornarem ilícitos por sermos quem somos, nós descobrimos que realmente somos foda, que somos gente fora-da-lei!

Muitas pessoas culpam queers pelo declínio desta sociedade – nos orgulhamos disso. Algumas acreditam que pretendemos esmigalhar essa civilização e seu tecido moral – elas acertaram. Somos frequentemente descritos como depravados, decadentes e revoltantes – mas ah, não viram nada ainda.

Sejamos explícites: somos queers anarquistas criminosos e este mundo não é e nunca poderá ser suficiente para nós. Nós queremos aniquilar a moralidade burguesa e deixar este mundo em ruínas. Nós estamos aqui pra destruir o que está nos destruindo.

Vamos falar de revolta. Estamos traçando a linhagem de nossa criminalidade queer e projetando o declínio da ordem social. E ah!, o néctar do qual bebemos: piratas lésbicas furiosas pelos mares, manifestantes queer incendiando carros de polícia, festas sexuais em meio à decadência do industrialismo, assaltantes de bancos usando triângulos rosas, redes mútuas de ajuda entre profissionais do sexo e assaltantes, gangues de bixas-vestis dando-o-troco-no-soco. Nos garantiram que cada dia pode ser nosso último. Então, escolhemos viver como se todos os dias fossem. Em troca, prometemos que os dias de todo mundo estão contados.

Em nossa revolta, estamos desenvolvendo uma forma de jogar. Esses são nossos experimentos de autonomia, poder e força. Não pagamos por nada que vestimos e raramente pagamos

por comida. Roubamos o que dá quando estamos em empregos e damos nossos truques pra sobreviver. Trepamos em público e nunca gozamos tanto. Trocamos dicas de esquemas no meio das focas e das preliminares. Fazemos a limpa de tudo quanto é lugar e adoramos compartilhar a pilhagem. Destruímos coisas à noite, e voltamos pulando de mãos dadas pra casa. Estamos sempre aumentando nossas estruturas informais de apoio e sempre estaremos prontas pra nos defender entre nós. Em nossas orgias, motins e assaltos, estamos articulando e aprofundando a coletividade dessas rupturas.

### **Sobre intimidade criminosa, criação-de-mundo e tornar-se qualquer coisa**

É inegável o êxtase e a energia do crime. Sentimos o mais doce pico de adrenalina ao corrermos de seguranças e nos chuparmos no ônibus. E nada oferece mais a sensação de vida do que o peso de um martelo atravessando a fachada do capital. O crime me ajuda a sair da cama todas as manhãs.

Nós queers e demais insurgentes desenvolvemos o que as pessoas de bem talvez chamem de intimidade criminosa. Estamos explorando a solidariedade material e afetiva promovida entre foras-da-lei e rebeldes. Na obstrução da lei, descobrimos ilegalmente a beleza que existe entre nós. Quando revelamos nosso desejo às pessoas que são nossas parceiras de crime, acabamos por conhecê-las mais intimamente do que a legalidade jamais permitiria. No desejo, produzimos conflito. E, em conflito com o capital, podemos ter encontrado uma rota de fuga contra o amortecimento das nossas vidas. O discurso da nossa gangue é o conflito.

O verdadeiro poder manifestado nos nossos crimes não está nos danos causados aos nossos inimigos, nem nas várias melhorias das nossas condições materiais (embora tenhamos prazer em ambos). O poder que expressamos está nos fortalecimentos e nas relações que estamos criando. Tanto durante o sexo quanto nos ataques — quando tiramos nossas máscaras e partilhamos nosso estoque de tijolos — expandimos os potenciais de nossas afinidades. Em nossos crimes, criamos novas relações dinâmicas de intimidades criminosas. Nessas possibilidades, aprendemos como podemos, juntas, reduzir este mundo a escombros.

Temos que nos fazer corpos sem órgãos. Dentro de nós está contido um reservatório virtual de tudo o que somos capazes de nos tornar — nossos desejos, afetos, poder, formas de agir e infinitas possibilidades. Pra encorporar e ativar essas possibilidades, nós devemos experimentar as formas como nossos corpos agem em conjunto com outros. Nós cometemos crimes juntos pra podermos desvelar nosso devir criminoso.

Não oferecemos "criminosos" ou "queer" como identidade, nem como categoria. Criminalidade. Queeridade. Estas são ferramentas pra se revoltar contra identidade e categoria. São as nossas linhas-de-fuga pra além de toda restrição. Estamos em conflito com tudo que limita todo e qualquer desejo. Estamos nos tornando qualquer coisa. Nosso único ponto em comum é o ódio por tudo o que existe. Realizada em coletivo, tal revolta do desejo nunca poderá ser assimilada à forma-estado.

Os papagaios da direita invocam o imaginário de uma "guerra cultural", travada entre a sociedade civil de um lado e queers do outro. Rejeitamos esse modelo de guerra. Nossa guerra é uma guerra social. O vínculo entre dominação e sociedade de classes está em todo lugar. No entanto, também existem rupturas e pontos de conflito em todo lugar. Nessas fissuras existimos em rebelião — nós queers, criminosos, o que for.

Nossa conversa safada e sussurros noturnos compreendem uma linguagem secreta. Nossa linguagem de gente ladra e amante é estranha a esta ordem social, mas carrega as notas mais doces aos ouvidos de rebeldes. Esta língua revela o nosso potencial de construir mundos. O conflito é espaço pra que nossos possíveis outros eus floresçam. Ao organizarmos nosso universo secreto de abundância compartilhada e possibilidade de explosão coletiva, construímos um novo mundo de tumulto, orgia e decadência.

A roupa dos forçados tem listras rosas e brancas. Se, comandado pelo meu coração, universo que é o meu deleite, eu a elegi, tenho pelo menos o poder de descobrir nelas os numerosos sentidos que desejo: existe, pois, uma estreita relação entre as flores e os forçados. A fragilidade, a delicadeza das primeiras são da mesma natureza que a brutal insensibilidade dos outros. Se eu tiver de representar um forçado — ou um criminoso —, irei

enfeitá-lo com tantas flores que ele mesmo, desaparecendo debaixo delas, há de parecer uma outra, gigantesca, nova. Na direção do que se chama o mal, eu vivi por amor uma aventura que me levou à prisão.[...] Por si mesmos, ou pela escolha feita para eles de um acidente, eles se afundam com lucidez e sem queixas num elemento reprovador, ignominioso, igual àquele, se for profundo, em que o amor precipita os homens. Os jogos eróticos desvendam um mundo inominável que a linguagem noturna dos amantes revela. Essa linguagem não se escreve. Cochicha-se de noite, ao ouvido, com voz rouca. De madrugada está esquecida. Negando as virtudes do mundo de vocês, os criminosos desesperadamente aceitam organizar um universo proibido. Aceitam viver nele. O seu ar é nauseabundo: eles sabem respirá-lo. Mas – os criminosos estão longe de vocês – como no amor eles se afastam e me afastam do mundo e das suas leis. O deles fede a suor, esperma e sangue. Enfim, à minha alma sedenta e ao meu corpo ele propõe a dedicação. É porque ele possui essas condições de erotismo que me empenhei no mal. Neste diário não quero dissimular as outras razões que fizeram de mim um ladrão [...] Com um cuidado maníaco, 'um cuidado ciumento', preparei a minha aventura como se arruma uma cama, um quarto para o amor: eu tive tesão pelo crime.

Diário de um ladrão<sup>5</sup>

5 GENET, Jean, *Diário de um Ladrão*. Tradução de Jacqueline Laurence e Roberto Laurence, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

## O que é uma Beleza em via de ser?

*Em junho de 2010, pessoas em Oakland, Califórnia, nos Estados Unidos, causaram uma revolta, ainda que por poucas horas. Isto resultou na destruição e pilhagem em massa de uma loja de produtos de beleza. A pessoa proprietária da loja foi citada: "Era um monte de gente! Não era pouca gente não. E levaram as perucas mais caras que eu tinha!". Sem Justiça, Sem Paz pra quem concentra beleza.*

Apesar da noção infantil de que todas as pessoas são bonitas, a maioria não é. Existem muitas pessoas abomináveis, desprezíveis e horrivelmente feias neste mundo. Se a sociedade vê alguém como pacífique, honrade e linde, uma Beleza em via de ser deve entender que o objeto a ser adorado é exatamente o oposto. Na maioria das vezes, quem as pessoas feias veem positivamente, em geral está tentando arrancar sua mercadoria, roubar de você, ou condenar sua vida à miséria (Veja Gandhi – estuprador de criança/colaborador do Estado, Madre Teresa – aquela otária anticamisinha foi responsável pela rápida disseminação do HIV, e Franklin D. Roosevelt – um desgraçado que mandou nipo-americanos pra campos de concentração). Tornar-se bonito é desafiar de modo constante o colonialismo e a opressão internamente, e usar formas criativas externamente. Se alguém não topar esses desafios, então sem dúvida essa pessoa não é bonita. Na real, não é nem mesmo mediana. É feia pra caralho.

Pra quem procura beleza, aceite a sua mente e seu sexo pelo que são e pelo que você quer que sejam. O desejo de modificar suas características pra se conformar à "beleza" do púlpito público está incutido de inutilidade. A beleza não é a norma fraudulenta. Pelo contrário, é inestimável o desejo de foder quem você quiser,

ou trocar aquele pau cansado por uma buceta novinha em folha. Modifique seu corpo pra complementar sua alma. Arrebate-se com esplendor. A beleza é o confronto violento e persistente entre seu corpo e o Cosmo. Persiga isso.

Infelizmente, tornar-se bonita é mais complicado do que pode parecer. Que a verdade seja dita, talvez não seja possível uma transformação total. Nossa beleza exterior tem sido uma pobre refém da ganância patriarcal. A commodificação da Beleza pode ser um dos nossos inimigos mais mortais. Nós sentimos necessidade de ter uma beleza artificial. Vomitar aqui, levantar uns pesos ali, comprar rímel, ou não comer praticamente nada. A beleza commodificada afeta negativamente todas as pessoas, mente quem diz o contrário. Enquanto perseguirmos a beleza commodificada, e não a beleza real, estamos amaldiçoades à depressão, à doença e à fraqueza. Ninguém pode pagar pra se tornar bonita, apenas pra acentuar a sua via de ser.

A beleza-em-via-de-ser é a ferramenta mais preciosa no combate ao extremismo liberal. Liberais são feios, feios pra caralho, feiaços. Liberais têm pavor da beleza-em-via-de-ser. Vão mentir, enganar e roubar pra manter seu domínio sobre as relações públicas oprimidas. A beleza real está no que é verdadeiro. O liberal estabelecido teme a verdade e as táticas que a mudança real requer. A beleza caga pra ideia hipócrita e sórdida que é o respeito por uma diversidade de táticas. Nunca respeite as táticas de um liberal, e não confunda "liberal" com quem realmente corre maior risco de repressão estatal. Não tenha paciência com quem tolera esse tipo. Por fim, quem é bonita ameaça a classe, o privilégio e a superioridade racial do liberal estabelecido.

As pessoas bonitas são as únicas e verdadeiras inimigas do fascismo. Barack Obama jamais poderia travar uma guerra bem sucedida contra o fascismo corporativo. Ele é o fascismo corporativo. Ele é medonho. A direita não teme a "esquerda" na política estadunidense. Arranhe a superfície da sua pele ressecada e pálida e você vai ver Nancy Pelosi e Ron Paul se pegando nas salas dos fundos do Congresso. Beleza significa mirar em tudo que é Hétero na natureza. Dediquem suas vidas a cometer um Crime anti-Hétero atrás de outro. Entendam que Hétero não significa Um Homem e Uma Mulher, Gays e Lésbicas se encontram nos degraus mais altos da superioridade hétero. A heteronormatividade é produto do Patriarcado e da Assimilação. É a cerca branca nos bairros de classe média, Gays na televisão culpando Travestis

pelas tentativas sem sucesso ao casamento, "Nem Gordos, Nem Afeminados", estupro, e educação que só considera o inglês e ignora outras línguas faladas no país. Os Crimes anti-hétero são a manifestação física da beleza em nossa guerra contra a Heteronormatividade e em direção ao nosso objetivo final de criar uma ditadura da beleza.

As pessoas feias pra caralho vão dizer que são aliadas das lindas; não são. A heteronormatividade vai fazer de tudo pra evitar conflito entre alguém Queer e um parça Hétero. Heterossexuais podem até usar a paz e a proteção como nevoeiro pra esconder suas reais intenções, mantendo seu *status quo*. Que a verdade seja dita, a pessoa queer não exige (e não deve desejar) a proteção ou a paz que o hétero oferece. Isso se aplica a todas as outras pessoas oprimidas que compõem a beleza.

Tornar-se bonite significa tornar-se destemido. Não associe esta bela coragem com a definição comum. Aceite todas as emoções como legítimas e poderosas. Pra quem é bonite, coragem não significa sem medo, mas medo sem a possibilidade de estagnação e paralisia induzidas por possíveis consequências da revolta. Em vez disso, a pessoa bonita permitiria que o medo sinalizasse cautela, pensamento e sabedoria antes de qualquer disputa com a Feiura. Esse tipo de destemor vai garantir uma rota de viagem estável e segura pras belezas-em-via-de-ser.

Gente queer ou puta ou nativa ou racializada são a espada de quem está na estrada em direção à Beleza. A opressão gerou um ressentimento pra essas facções específicas que o cafetão — ou — branquelo — ou — héterozinho jamais conhecerá. Uma posição vantajosa pra se manter. Se as pessoas oprimidas abraçassem a raiva que só elas conhecem, e a usassem como a arma tão poderosa que é, então nada de feio poderia deter a beleza. Essa fúria é o que garante a sobrevivência. É por isso que, independentemente de milênios de colonização, a pessoa nativa, puta, racializada, transexual e queer ainda existem.

As pessoas Bonitas sabem que a libertação é tão fictícia como deus no céu. A libertação só pode/ria ser alcançada se o tempo, tal como é entendido pelas feias, mentalmente inferiores, fosse rebobinado. Depois de concluir um feito tão extenuante, as armas teriam de ser dispersas uniformemente entre as belas, e as feias teriam todos os seus membros destruídos. Já que viajar no tempo é infelizmente uma impossibilidade neste momento, nunca haverá libertação. Uma libertação parcial e superficial poderia vir de uma

junção de todas as pessoas feias; pra que fossem torturadas em campos de reeducação. Esta situação hipotética, mas igualmente inalcançável, pode de fato excitar as bonitas e eliminar as feias. Uma vingança desse tipo ainda não é a libertação completa. A libertação completa é uma condição que só pode ser ocupada por pessoas, animais ou coisas que nunca foram sujeitas à como-dificação. Neste mundo terrível de fascistas feios pra caralho, tudo que é bonito é usado como peão há tempo demais pra continuar absolutamente fora-do-jogo. Tornar-se bonite significa engajar-se numa luta libertadora sem uma ilusão utópica de libertação.

A revolução é tão fictícia como Jesus na cruz. As pessoas Feias aperfeiçoaram a arte da assimilação e da recuperação. A essa altura a feiura é capaz de se conaturalizar com a maioria dos estados emocionais ou filosóficos. Conseqüentemente, bonites ficam com um desejo não bélico, mas certamente não pacífico. Tudo o que há pra ser abraçado pelas belezas-em-via-de-ser é um niilismo debochado, um hedonismo coletivo; que não deve ser confundido com um deboche apático. É a fúria que deve ser aproveitada, até mesmo lindamente abusada, pra garantir sobrevivência e felicidade.

Sob o dedão de um fascismo onipotente, ainda que oculto do campo de visão, furtividade máxima é algo a ser considerado pelas belezas-em-via-de-ser. Às vezes só se consegue percorrer o caminho das pedras dessa beleza-em-luta-pra-ser vestindo as roupas do mestre. Isso é verdade pra putas de todos os tipos, sejam assimilacionistas ou contraculturais, corporativas ou de rua, seja percorrendo o caminho da beleza fraudulenta ou destruindo o caminho das pedras. Todes nós nos sacrificamos pra manipular o inimigo. O espelho é uma arma, esmague-o só depois da bandeira negra queimar. Em prol disso, nada é mais importante do que manter elevadas as metas e guardadas as consciências. Descubra a sua beleza. Mantenha a sua beleza perto do seu coração. Tenha fé na sua beleza. Agarre-se à sua beleza. Sinta a sua beleza. Conheça a sua beleza. Acaricie a sua beleza. Dê dedada na sua beleza. Chupe a sua beleza. Foda a sua beleza. A beleza é o seu único segredo. Desfile com ela como deve. Torne-se a pessoa mais bonita que puder. Acima de tudo, seja a sua beleza.

Pessoas dignas da beleza sabem que um dia o mundo pertencerá a quem é bonite. A beleza-em-via-de-ser é a única esperança da juventude. A beleza-em-via-de-ser é uma medida extrema, óbvio, mas é o único caminho pra felicidade, o amor, a realização

pessoal e a revolta. A guerra talvez não esteja aqui, talvez nunca venha, mas as bonites estão quase chegando.

Ainda que seja essencial afiar a lâmina da espada enquanto se vive na não-guerra; as belezas-em-via-de-ser devem limpar o pó das velhas camadas de ilusão do tempo. As camadas ilusórias são: a Guerra Revolucionária contra pessoas feias resultando na libertação final de travestis e queers. Sendo assim, incendeie a raiva e o ressentimento. Essas lógicas emocionais distintas são as únicas armas acessíveis às pessoas bonitas que jamais poderão ser incorporadas ao exército de feios escrotos. Dispense suas ilusões em nome da beleza. A Guerra Revolucionária é impossível. A libertação é inalcançável. A ultraviolência queer é beleza.

## Entrevista com Mary Nardini Gang

da *vengeance* 3

*vengeance*: A militância queer muda o que é ser proletária pra vocês?

Mary Nardini: Ser queer dificulta a forma como experienciamos nosso papel dentro do capitalismo. Os corpos queer são frequentemente forçados a vender seu trabalho de formas que seriam excluídas das narrativas marxistas tradicionais sobre o que significa ser trabalhador. Isso inclui profissionais de serviços e profissionais do sexo. Essas formas de exploração problematizam as ideias muitas vezes heteronormativas e patriarcais em torno do que é ou não é trabalho. Em última análise, as posições de queers e proletariado se entrelaçam — nós somos a classe que não tem controle sobre nossos corpos. Isso significa coisas diferentes em várias situações. Porém, as chefias que gerem nosso tempo e espancadores de queers que gerem nosso gênero são todos claramente inimigos de classe.

*Por que tanto o Espetáculo<sup>6</sup> quanto o movimento gay e lésbico dominante parecem se identificar apenas com as classes média e alta, e nunca com pessoas trabalhadoras e pobres? Quem se beneficia de tal narrativa?*

É bastante óbvio que políticos que lideram a "comunidade LGBT" só estão interessados em preservar o poder pra classe dominante. Campanhas políticas pro casamento gay, gays nas forças armadas e legislação contra crimes de ódio apenas reproduzem as

6 N.T. O termo *Espetáculo* se refere ao conceito explorado pelo escritor francês situacionista Guy Debord

no livro *A Sociedade do Espetáculo*, de 1967, traduzido por Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

instituições capitalistas do casamento, do exército e do complexo prisional industrial.

E vai muito além disso. Representações de queers retratam e capitalizam imagens de gays e lésbicas riques, abastades, branques, não-portadoras de deficiências. Basta assistir a *Will and Grace* ou ver um exemplar de qualquer revista LGBT pra ver a forma como os corpos queer e seus desejos são moldados pelo capital.

*Dentro do anarquismo, parece haver um choque iminente (ou um choque em curso) entre ativistas e vândales. Por que vocês acham que isso acontece? Quais são as tensões que deram origem a essa divisão?*

Sendo brega e citando *A Insurreição que vem*<sup>7</sup>: "Cada um não tem outro remédio senão tomar posição: escolher entre a anarquia ou o medo da anarquia". A divisão no meio anarquista mais amplo também está acontecendo entre queers radicais. Penso que muito da tensão tem raiz no fato de um monte de gente ter confundido a luta radical queer com um porto seguro pra pior forma de política identitária. Mas isso é realmente um grande engano. Não se trata de sustentar identidades, e sim de destruí-las.

*Vocês podem falar sobre as ações que ocorreram na época da Conferência Bash Back! e seu desapontamento com algumas das pessoas que responderam a essas ações?*

Na Convergência Bash Back!, uma ocupação em forma de balada num trem. A ocupação temporária era uma mistura absurda de dança, pegação e uma cacofonia de cantos e cânticos ridículos. Isso criou uma situação em que as pessoas causaram um baita estrago, vandalizando o trem e reivindicando-o como um espaço queerizado. Uma marcha de rua espontânea irrompeu então do trem. A marcha atacou carros de luxo e arrastou um monte de coisa pelas ruas.

Alguém na marcha começou a arrancar estandes de jornal das ruas, colocando-os de volta na calçada enquanto gritava "este é um protesto pacífico". Depois que os estandes foram removidos,

7 Comitê Invisível, *A insurreição que vem*. Brasil: Edições Baratas, 2013.

uma viatura da polícia literalmente passou por cima do pé de alguém e os policiais começaram a bater em todo mundo com seus bastões expansíveis. Quatro pessoas foram presas.

No dia seguinte, todos os tipinhos de ativistas liberais fizeram uma diatribe pra denunciar os eventos da noite anterior.

Uma história elucidativa: Três pessoas brancas levantam-se em fila e denunciam a ocupação como sendo racista porque havia pessoas racializadas no trem. "Havia pessoas racializadas que realmente vivem em Chicago naquele trem! Elas fazem parte da comunidade! Isso é racista! A galera estava sendo grossa!" Então, duas pessoas racializadas e com corpos feminizados que vivem em Chicago respondem, dizendo que acham todo mundo nojento. "Bash Back! não é sobre educação ou simpatia. Bash Back! significa desafiar e destruir a normalidade. Isso vai ser ofensivo. Vai causar confusão! Se você não está nessa, então está no lugar errado". Tudo fica em silêncio por um momento. Depois a treta continua. Elas são ignoradas, e mais ativistas brancos continuam a falar sobre como a ação era racista e alienante pra pessoas racializadas. E isso continuou enquanto o pessoal falava de todos aqueles "caras brancos com privilégio de passabilidade" que instigaram a situação.

As ações e sentimentos das pessoas naquele dia me enojaram muito, por causa de sua cumplicidade com a polícia e seu silenciamento de todos os corpos que não eram brancos, cisgêneros e masculinos.

*Que rumo vocês gostariam de ver a Bash Back! seguir nos próximos anos, se a rede continuar?*

Gostaria de ver grupos de anarquistas queer trabalhando pra construir um poder autônomo e se tornarem mais conflituosos. Estou entusiasmado com a okupa que a BB! Memphis acabou de abrir pra jovens queer/trans sem teto. Estou bem animado com grupos que distribuem spray de pimenta de graça e ensinam as pessoas a lutar. Estou empolgado com queers dando pontapés em espancadores de queers, e sempre lutando nas ruas. Independente de as pessoas continuarem a se organizar sob o nome de "Bash Back!" ou não, acho que a rede de queers ferozes que odeiam tudo vai continuar crescendo e construindo poder autônomo.

# GENDER MUTINY

**Não há fúria no inferno  
Como é que se toma no cu?  
Notas preliminares sobre os modos de reprodução**

O que se segue é uma compilação dos trabalhos autorais de teóricas-queer-niilistas que se autodenominam Gender Mutiny. Tal qual a Mary Nardini Gang, GM tem sido uma força altamente influente, ainda que sem rosto, na teoria queer negativa e elegante. Incluímos três ensaios da GM: Não há fúria no inferno, Como é que se toma no cu? e Notas preliminares sobre os modos de reprodução. Além desses três ensaios, incluímos uma entrevista com uma pessoa lixo que é associada ao grupo.

## Não há fúria no inferno: uma cronologia da insurreição genderfuck<sup>8</sup>

por Gender Mutiny

*Não há fúria no inferno como há numa drag queen desprezada.*

Sylvia Rivera

A cronologia abaixo requer pouca introdução; as ações desses manifestantes falam por si. Basta dizer que esta cronologia é uma pequena tentativa de abordar uma falácia nas concepções populares de insurreição — que a insurreição é "coisa de macho", masculina, ou que reforça as normas de gênero. Deve também tratar de outra falácia na cronologia que geralmente se entende sobre a resistência queer e trans — aquela que diz "Stonewall foi a primeira".

Uma nota sobre a linguagem. Quaisquer termos que aplicarmos anacronicamente deixarão de refletir as maneiras pelas quais esses indivíduos e coletivos se identificaram. Além disso, não temos relatos em primeira mão de manifestantes, exceto de alguns que participaram de Stonewall e Compton's. Como qualquer linguagem que escolhermos pra um alcance tão amplo de tempos, lugares e culturas será historicamente imprecisa, dizemos apenas insurreição genderfuck. Soa excelente aos nossos ouvidos.

Genderfuck é um termo ativo; fala de uma força que atua sobre a normalidade de gênero. Isso é mais interessante para nós do que outros termos que são passivos e falam de identidade,

8 N.T. Genderfuck: propositalmente desafia a normatividade de gênero, quebrando e subvertendo paradigmas.

Definição tomada do tumblr "Espectrometria não-binária". Disponível em <https://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/post/95841791923/glossario-terminos-sobre-genero-sexualidade>

que tentam congelar e colocar em quarentena a transgressão de gênero em indivíduos especiais.

Nossa turnê começa na Grécia, o berço da democracia e o local da mais recente insurreição massiva contra a falsa esperança da democracia...

### **390**

Em Tessalônica, Grécia, Buterico, o comandante da milícia, prendeu um artista de circo popular sob uma nova lei que punia a "efeminação dos homens". O povo de Tessalônica, que amava tal artista, levantou-se em rebelião e matou Buterico. Em resposta à insurreição, as autoridades cercaram e massacraram três mil pessoas.

### **1250**

No sul da França, uma pequena multidão de homens vestidos como mulheres avançou em direção à casa de um rico proprietário de terras. Cantavam "Nós pegamos um e devolvemos cem", e ignoraram as objeções da dona da casa enquanto saqueavam todos os bens da propriedade.

### **1450-51**

Esses foram os anos da Rebelião de Jack Cade em Kent & Essex, na Inglaterra. Liderados por "servos da Rainha das Fadas", camponeses invadiram as terras do Duque de Buckingham e levaram seus cervos e corças.

### **1530**

Durante sua campanha de conquista contra comunidades de resistência em regiões ocidentais da "Nova Espanha", o conquistador espanhol Nuño de Guzmán escreveu sobre uma batalha. O último guerreiro indígena feito prisioneiro após a batalha foi, nas palavras do conquistador, "um homem com os hábitos de uma mulher" que havia "lutado corajosamente".

## **Século XVII**

Carnavais urbanos por toda a Europa integraram o cross-dressing e as máscaras como elementos-chave. Os festivais eram organizados por sociedades de "homens" não casados, com personalidades trans. Recebiam a alcunha de Abadia do

Desgoverno, Abades da Desrazão, Mére Folle e sua prole etc. Durante as festividades, roubavam a atenção com casamentos simulados e davam moedas pras multidões. Zombavam do governo, criticavam o clero, protestavam contra a guerra e contra o alto custo do pão.

### **1629**

Em Essex, na Inglaterra, um motim dos grãos foi liderado pela "Capitã" Alice, que era trans.

### **1630**

Em Dijon, na França, Mére Folle e sua Infantaria foram além de realizar carnavais e zombar das elites. Lideraram um levante contra os oficiais de impostos reais. Como resultado, um furioso decreto real aboliu a Abadia do Desgoverno.

### **1631**

Motins contra os cercamentos na Inglaterra foram liderados por Lady Skimmington, à frente de uma multidão em drag.

### **1645**

Em Montpellier, na França, uma revolta fiscal foi liderada por La Branlaire, um termo usado pra mulheres consideradas masculinas.

### **1720**

Números incontáveis de piratas trans navegaram através dos mares abertos na Época Dourada da Pirataria no Caribe. Não era totalmente incomum na época que "mulheres" se "passassem por homens" enquanto navegavam na marinha, em navios mercantes e como piratas. Os dois piratas trans mais conhecidos da época são Read e Bonn. Navegaram juntos com o Capitão John Rackham, e suas histórias ficaram conhecidas quando foram levados a julgamento por pirataria. Dizia-se que eram os combatentes mais ferozes e corajosos da sua tripulação. Como a maioria dos piratas, eram viados.

## 1725

Desde 1707, as Sociedades para a Reforma dos Costumes realizavam ataques sistemáticos ao submundo queer londrino. Mais de vinte "molly houses"<sup>9</sup> foram invadidas pela polícia em Londres e muitas mollies foram arrastadas e enforcadas publicamente por cross-dressing. Mas um dia, em 1725, a polícia tentou dar uma batida em uma casa de Covent Garden, e a multidão de mollies, muitas em drag, reagiu feroz e violentamente.

## 1728-1749

"Pra citar apenas quatro exemplos, portagens de pedágio foram demolidas por bandos de homens armados, vestidos com roupa para mulher e perucas, em 1731 e 1749 no condado de Somerset, em 1728 na cidade de Gloucester, e em 1735 no condado de Herefordshire."

## 1736

"Os Motins de Porteous, que foram deflagrados por um odiado oficial inglês e opressivas leis de costumes, além da resistência expressa à união entre Escócia e Inglaterra, foram conduzidos [em Edimburgo, Escócia] por homens disfarçados de mulheres, com um líder conhecido como Madge Wildfire".

## Década de 1760

Esta foi a década do movimento White Boy de restauração das terras comunais na Irlanda. Os White Boys, um grupo de guerrilha camponesa cujos integrantes se chamavam entre si de "fadas" e faziam travessuras à noite, eram uma peça central da guerra de classes rural. Destruíram cercamentos, enviaram cartas ameaçadoras às elites, recuperaram propriedades empossadas por senhores de terras e libertaram aprendizes confinados. Por fim, foram abatidos por força armada. Seu espírito inspirou a formação das Lady Rocks e Lady Clares nos anos de 1820 e 1830, e, mais tarde, das Sociedades Ribbon e Molly Maguires — todas sociedades de cross-dressers, envolvidas nas lutas contra o cercamento e anticoloniais da Irlanda.

9 N.T. "molly houses" era um termo usado na Inglaterra, durante os séculos XVIII e XIX, para designar pontos de encontros entre "sodomitas".

Esses lugares podiam ser tabernas, cafés, casas públicas ou lugares privados.

## **Década de 1770**

Em Beaujolais, na França, camponeses "homens" com roupas de "mulheres" atacaram agrimensores que estavam avaliando suas terras para um novo senhorio.

## **1812**

Uma das primeiras Rebeliões Ludistas contra a Revolução Industrial foi liderada pelas "esposas do General Ludd", dois trabalhadores cross-dressers. A multidão composta por centenas de pessoas quebrou janelas, apedrejou a casa de Joseph Goodair (dono de uma fábrica) e depois ateou fogo nela. Destruíram os produtos na fábrica de teares a vapor, quebraram os teares e queimaram a fábrica de cima a baixo. A revolta continuou por quatro dias até que foi interrompida pelos militares em Stockport, mas depois voltou a irromper em Oldham.

## **Década de 1820**

O grupo militante da resistência irlandesa Lady Rocks estava ativo durante esta época; inspiravam-se nos White Boys, e usavam capotas e véus.

## **1829**

A Guerra das Demoiselles nos Pireneus foi uma revolta campesina contra códigos florestais restritivos, na qual camponeses faziam cross-dressing.

## **Década de 1830**

Lady Clares, um grupo militante da resistência irlandesa, estava ativo nesta década; inspiravam-se nos White Boys; seu traje oficial era fazer cross-dressing.

## **1839-1844**

As revoltas galesas contra portagens foram realizadas por "Rebecca e suas filhas". Um caso bem documentado ocorreu em 13 de maio de 1839. Ao anoitecer, um toque de cornetas, tambores e tiros são ouvidos pelo campo no lado oeste do País de Gales. Homens camponeses armados, vestidos como mulheres, tropejam a cavalo, brandindo forquilhas, machados, foices e armas. Enquanto arrombam a portagem, seu líder ruga: "Viva as leis livres! Portagens livres para minas de carvão e fornos de cal!" Essas exigências são pontuadas por uma cacofonia de música,

gritos e disparos de espingarda. As tropas rebeldes quebram as barreiras de pedágio e saem vitoriosas. Chamam-se de "Rebecca e suas filhas". As Rebeccas ficam ativas por quatro anos no País de Gales, liderando milhares de "filhas" cross-dressers na destruição das barreiras de pedágio em estradas. Recebem amplo apoio popular.

### **1843**

O grupo de resistência militante Molly Maguires estava ativo na Irlanda durante esta época. Inspiradas pelos White Boys, a palavra "Molly" era o equivalente ao que hoje poderíamos chamar de "mona".

### **1959**

Em maio deste ano, em Los Angeles, a polícia fez uma batida na Cooper's Doughnuts, um ponto de encontro noturno pra drag queens, michês, monas de rua e clientes. Os policiais exigiram os RGs. Queers contra-atacaram. Os donuts e os copos de café se tornaram projéteis. A briga acabou indo pra rua. Os policiais, levados pelo tumulto, pediram reforços. Manifestantes acabaram na cadeia e a rua ficou interditada por um dia.

### **1966**

Em agosto de 1966, a gerência da cafeteria Compton's (um ponto de encontro noturno em São Francisco pra drag queens e prostitutas, no bairro de Tenderloin) chamou a polícia por causa de um grupo de monas jovens que estavam causando. Um policial, que estava acostumado a agredir a clientela regular da Compton's, agarrou uma mona. Ela jogou seu café na cara dele. Partiram pra briga. Pratos, bandejas, copos e móveis foram atirados. As janelas de vidro do restaurante foram quebradas. A polícia pediu reforços quando a confusão tomou a rua. As janelas de uma viatura da polícia foram estilhaçadas e uma banca de jornal foi incendiada.

### **1969**

Em 28 de junho, a polícia realizou uma batida "rotineira" no bar Stonewall Inn, no bairro de Greenwich Village, em Nova York. Eles começaram a dar enquadro em pessoas trans, drag queens e kings pra serem presas por cross-dressing, o que era ilegal. A hostilidade foi crescendo, até que um oficial empurrou uma mona,

que reagiu batendo-lhe na cabeça com sua bolsa. A multidão se enfureceu. Os policiais foram atingidos, primeiro com moedas e depois com garrafas e pedras. Quando uma sapatão fortona, que resistia à prisão, chamou a multidão em busca de apoio, a situação explodiu. A multidão tentou derrubar o camburão enquanto rasgavam os pneus das viaturas. A multidão, já atirando garrafas de cerveja, descobriu um esconderijo de tijolos num canteiro de obras. Os policiais foram forçados a entrincheirar-se dentro de Stonewall. Lixeiras, lixo, garrafas, pedras e tijolos foram atirados no prédio, quebrando as janelas. As pessoas revoltosas arrancaram um parquímetro e o usaram como um aríete. A multidão ateou fogo no lixo e lançou pelas janelas quebradas; esguichou fluido de isqueiro dentro e acendeu. A polícia de choque chegou ao local, mas não conseguiu recuperar o controle da situação. Drag queens dançaram conga e cantaram músicas em meio à briga de rua pra zombar da incapacidade da polícia em restabelecer a ordem. O tumulto continuou até o amanhecer, e durante os quatro dias seguintes. Multidões encheram as ruas e amassaram mais carros da polícia, atearam fogo em mais coisas e saquearam lojas.

## 1970

Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, veteranas dos motins de Stonewall, formaram a Transvestite Action Revolutionaries (STAR) em Nova York. Marsha e Sylvia abriram a casa STAR pra que drag queens sem teto e jovens queers que fugiram de casa pudessem ter onde ficar. As cuidadoras agilizavam pra pagar o aluguel, pra que as crianças não precisassem. Jovens, por sua vez, roubavam comida pra trazer pra casa. A STAR se juntou ao Young Lords, um grupo revolucionário de pessoas porto-riquenhas, e aos Panteras Negras.

## Como é que se toma no cu?

por Gender Mutiny

*A vontade de cagar também  
é uma vontade de qualquer coisa.*

Bakunin

Nossos ânus têm sido roubados pra que possam transformá-los em peças pra máquina desprezível que produz o capital, a exploração e a Família. Reduzido às suas funções biológicas mais práticas, o ânus está se tornando uma fortaleza — impenetrável, singular, produtivo. Nosso próprio excremento tem valor comercial — tantos nutrientes por pé cúbico, teor médio de umidade, custo de processamento.

Pra rejeitar a lógica mercantil da merda, abraçamos o ânus a tornar-se flor — prazeroso, penetrável, comunal. O ânus tem cinco músculos; a flor, cinco pétalas; o punho, cinco dedos. O ânus é o nexo sexual comum, um cercamento na comunalidade do prazer. Nós recusamos a mediação de nossos ânus sob a lógica do biopoder, em vez disso desvelamos sua insurgência, elaborando uma lógica da bosta. Em outras palavras, os ânus da nossa revolta são escatológicos e não biológicos.

A greve humana floresce em cada ponto de ruptura; ou seja, em cada ponto de emergência. Falemos de ruptura anal, da emergência da matéria fecal do nosso corpo. A greve escatológica humana não produzirá nada no ato da defecação; e não deixará nada pra trás a não ser um reto vazio. No espaço desse vazio, nos tornamos singularidades qualquer coisa. Nossas fezes, libertadas da lógica do capital, tomam linhas de fuga quanto à polícia, enquanto nossos ânus, não mais meros apêndices de carne sobre uma máquina de circulação de nitrato, estão cheios de objetos encontrados. Os nossos ânus tornam-se... gozo cintilante, merda, o que quer que seja.

CaGue eM TuDo,

—|—  
./\

comitê do pentágono do cu de judas

## Notas preliminares sobre os modos de reprodução

por Gender Mutiny

*Você me ganhou na necrofilia...*

Q---

### **Criacionismo**

*Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,  
Filho Unigênito de Deus,  
nascido do Pai antes de todos os séculos:  
Deus de Deus, luz da luz,  
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,  
gerado, não criado,  
consustancial ao Pai.  
Por ele todas as coisas foram feitas.*

O credo niceno

Nenhuma lógica é mais completa do que a do monismo, embora nenhuma outra receba protestos com tanta frequência. Enquanto toda a Criação for derivada de Deus e de Sua Palavra escrita, nenhum ataque pode romper as paredes de seu castelo. Em Verdade, a lógica do monismo contém tudo, e não pode ter nenhum inimigo. O clamor de ateus e descrentes não consegue alcançar os ouvidos de seus habitantes, porque a heresia não é logicamente possível.

A reprodução de Deus não acrescenta nada ao Seu ser perfeito. Deus só pode reproduzir a Si Mesmo – homem à Sua imagem, Filho em Sua imagem – cópias, não descendentes. A Criação de Deus é feita apenas por Ele, não pode ultrapassá-Lo nem existir além d'Ele.

Quando Deus se masturba, Ele reproduz. Onde quer que a Sua porra seja derramada, a vida irrompe.

Num piscar de olhos, é como se você tivesse nascido, arremessado na escuridão. Espaço inquieto, totalmente estranho aos Últimos Tempos. Naturalmente, sem ideia de onde esteja, você naufragou, você tem apenas a palavra naufrágio como lanterna e explicação, de resto você está na escuridão. Tudo está perdido. A perdição — um estado do qual você nada sabia. Você é adúltero e bípede, mas a espécie é desconhecida. Você não sabe nada sobre ser. Não nos lembramos nada deste mundo.

No monismo, há apenas um gênero, o do homem. O homem, que foi feito à imagem de Deus e, como Deus, reproduz-se despejando sua semente sobre a Terra arada. Terra — que chamaríamos mulher — não constitui um gênero distinto pra si mesma, em vez disso, ela é sem singularidade ou alma, uma forma material vazia como a própria Terra.

Falar da mulher na ideologia do monismo é uma impossibilidade — quer dizer, a menos que se fale de um nada, de uma ausência, de um fantasma. Não sendo um homem, a mulher não pode existir na Criação de Deus, porque aquilo que não é Um, que não é Deus, não é. O vazio é a origem ontológica da mulher. Ela emerge do nada, porque sua existência não é apenas impossível, mas totalmente inadmissível na lógica monista. Se uma mulher existisse (o que, é óbvio, ela não poderia), ela teria que ser um nada. E assim, foi somente afirmando continuamente a sua própria inexistência que ela foi capaz de existir. Ela não podia, na Verdade monista, ser, e assim ela era um fantasma quando vivia no jardim, e era um vazio que sofria a dor do parto, e um espectro que passava pelos corredores do rei pra deixar vestígios de desejo no corpo dele.

## Procriacionismo

*Quando meninas e meninos chegam à puberdade, seus corpos começam a mudar e se tornam mais maduros. A partir deste momento, se um homem e uma mulher têm relações sexuais (muitas vezes chamadas de "fazer amor", ou "dormir com alguém"), é possível que a menina possa engravidar, ou seja, que um bebê possa começar a crescer.*

do livro Como são feitos os bebês<sup>10</sup>

Desde o momento em que começamos a falar da mulher como tal, não estamos falando de Deus e do Seu mundo, mas sim do mundo da oposição. Uma vez que a mulher existiu sequer como um pensamento, na verdade, em qualquer forma que exce- desse a inexistência, o centro ontológico do monismo não poderia se manter. Deve-se dizer que nesta crise jaz um potencial íntimo pra aniquilação total do existente – será que a mulher, ainda que inexistente, um ser do vazio, que veio do nada e retornou tudo ao nada, poderia negar o existente que era a sua própria negação? Mas tão feroz era a afirmação da mulher de sua própria existên- cia, que sua força não faria o monismo cambalear e desabar sob o peso da impossibilidade de algo verdadeiramente fora de si, mas equilibraria e harmonizaria o Homem.

Tudo o que separa a modernidade do que existia antes é a mudança radical de um existente monolítico pra um dicotômico.

Nós não paramos de nos matar. Morremos cada um de nós aqui e ali, meu amor, é uma obsessão, é um exorcismo, é um fingimento o que estamos fingindo. Não faço ideia se é um pecado uma manobra uma vacina a domesticação de uma pítion o conserto de uma gaiola; é uma inclinação, não paramos de nos esfregar contra as nossas torres, tocando-lhes os lábios... erotismo ao enésimo grau, lábios no pergaminho sagrado, o inocente manuseio do livro, um santo, a gente simplória, sabemos tudo sobre isso, sempre pensamos, sempre tememos também por

10 N.T. Referência ao livro infantil publicado em 1975, polêmico por trazer informações bastante detalhadas à famosa pergunta infantil.

nossas torres, uma clareza tão evidente, e nua, mas que terror quando os verdadeiros aviões realmente se chocaram contra elas, um terror sombrio que nos roeu o coração, então, isso na realidade pode acontecer, na verdade havia um túmulo em um de nossos corpos, isso era um fato e não um despertar, nós acordamos assassinares...

A façanha prometeica está concretizada. O ato de criação roubado de Deus e espalhado diante de simples mortais para sua maculação. Entregam-se ao desejo carnal e, quando humanos pequenos, molhados e atrofiados emergem de seus lombos, maravilham-se com seu poder divino de criar vida.

A imagem do Deus único, o Pai, o Todo-Poderoso, criador do Céu e da Terra, já não prevalece. Sua Criação O abandonou, e agora se curvam diante de falsos ídolos e fazem genuflexão diante da imagem da Criança.

Deus ainda se demora aqui. Porque Seus atos masturbatórios de Criação são ridicularizados, Ele coloca de lado o autoerotismo e se aproveita da heresia de Seu rebanho. Ele constrói Sua Trindade procriadora: Pai, Filho, e Espírito Santo – pai, mãe e Criança. Essa divina imitação dos atos profanos de procriação das pessoas é queer demais. Ele não admitiu a existência da mulher, do dualismo, do Outro; e no regime binário, a heterossexualidade é sacrossanta. De agora em diante, adoram a Criança.

Embora antes o Criador tenha sido objeto de adoração, o procriacionismo desloca o foco pra aquilo que é criado. O ato sexual é tão banal que somente pessoas de pensamento conservador, apegadas ainda às velhas formas de louvar a Deus, podem enxergá-lo como um ato divino. O progenitor não está imbuído de um manto de mistério ou do desconhecido. Mas a Criança – quem se lembra da infância? – a Criança é uma imagem que poderia representar o mistério sagrado da reprodução.

A imagem é singular, mas sua fonte é binária. Agora, o mito de que as subjetividades vêm de Deus é posto de lado pela ideia de que se pode existir simplesmente porque duas pessoas transaram em algum momento e não usaram contracepção. A fé religiosa em um evento que não se experienciou foi agora estilhaçada, e apenas uma explicação científica e historicamente rigorosa será satisfatória. Continua-se sem se lembrar de sua concepção ou nascimento, mas o método científico confirma que outros bebês são feitos dessa maneira, e assim "eu também fui".

O mito – ou fato – procriativo estrutura e dá sentido à oposição binária dos sexos. As categorias de masculino e feminino têm significado e poder porque sua estabilidade e dualidade é generativa. Tal qual a potência de Deus pra fazer a vida brotar de Si Mesmo, o masculino e o feminino, em sua oposição e união, têm o poder de criar vida. Não mais "Deus me fez, portanto eu sou", mas agora "minha mãe e meu pai me fizeram, portanto eu sou".

A família constitui o aparato procriador, distinto do aparato criativo por uma oposição binária inerente à inclusão da mulher no reino da substância – enquanto de Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo foram gerados, não feitos, e permaneceram em consubstanciação com o Pai, é somente através da união de sexos opostos que bebês são feitos. Um mundo monista podia se autor-reproduzir em perfeita singularidade e semelhança, mas, uma vez que a mulher se postulou em sua diferença, a força de sua Outridade foi estabelecida como uma força procriadora. E assim seria com a reprodução do futuro, da ordem política e do capitalismo.

A maçã que Eva comeu da Árvore do Conhecimento pode ter iniciado a queda da graça monista pra profanação dualista na mitologia que conhecemos; na história, foi a maçã que caiu na cabeça de Newton que deu início ao pensamento dualista. A teoria de Newton identifica as forças que mantêm e harmonizam o mundo dualista no vazio contra a ameaça de colapso (assim como as altas muralhas do castelo de Deus mantinham o mundo monista unido). A saber, pra cada força há uma reação de força igual em direção oposta. Um exemplo simples no sistema da física newtoniana explica como dois corpos celestes de velocidade suficiente podem orbitar um ao outro em harmonia, através da dinâmica de suas forças de gravidade relativas, sem colapsar um no outro e espalhar sua poeira no vazio. Da mesma forma o pensamento dualista equilibra e harmoniza o mundo do procriacionismo.

A modernidade é física newtoniana é dialética é liberalismo é reprodução binária é capitalismo. É desnecessário desenhar as conexões entre cada um deles, quando cada um é um aspecto da mesma lógica do mesmo. O triunfo da lógica do dois sobre a lógica do um define o mundo que habitamos, embora este mundo esteja sendo suplantado pelo mundo da pluralidade.

Da imagem da Criança vem a imagem do Futuro, nossas esperanças e sonhos, nosso investimento em um mundo melhor

para as gerações futuras. O projeto político é sempre dirigido pela imagem do Futuro. A Criança é o Futuro, e tal como a Família produz a Criança, o aparelho político produz o Futuro.

A ordem política da modernidade é o liberalismo. A monarquia governou o mundo monista, e o mundo binário requer algo mais equilibrado. Com um gesto, a soberania do Estado é balanceada com os direitos do povo, enquanto o Estado se vale de partidos políticos opostos e sistemas de pesos e contrapesos, de forma a se contrapor a si mesmo. O sistema liberal de governo, basicamente, é a forma-estado envolta na lógica da dicotomia. Toda e qualquer ideologia política que se exerce no esforço de combater outra tendência política, ou de afirmar o poder do povo em resistência ou oposição ao do governo, participa do discurso do liberalismo.

O mundo da oposição é o mundo da dialética. Assim como a oposição dos sexos produz a Criança e juntos constituem a Família, também o capitalismo se reproduz através da oposição das classes.

Na dialética, o existente contém a sua própria contradição — o proletariado. O proletariado é a força negativa que poderia destruir o capitalismo; em vez de excluir seu inimigo, como a mulher foi excluída pelo monismo, o capital encerra sua força negativa na luta contra si mesmo desse modo, explora seu trabalho para a produção, administra sua reprodução como fonte de mais trabalho, e reproduz o capitalismo através da luta de classes.

A dialética dita que o projeto negativo do proletariado — a abolição do capital — implica a destruição do proletariado como tal. As apostas aumentaram. A força negativa já não é uma impossibilidade lógica no reino do existente, mas uma máquina intrínseca para a reprodução deste reino. Ao mesmo tempo, porém, a força negativa é validada, reproduzida e alimentada pela mesma ordem que a explora. No final, o desejo do proletariado por libertação e autonomia com relação ao controle da burguesia, como o desejo da mulher de afirmar seu ser existencial no reino do homem, superaria seu desejo de abolir o estado atual das coisas.

Todo e cada estágio da luta de classes deu origem a outro estágio do capitalismo, e cada nova manifestação foi mais perfeita do que a anterior. O mais recente ponto alto da luta de classes — maio de 1968 —, com suas demandas radicais de desligar o movimento operário da gestão de burocratas sindicais

(ou seja, seu projeto de trabalho autônomo e liberado), foi o mais significativo deles, dando à luz a era pós-moderna juntamente com um modo de reprodução que superou a oposição dialética. A Torre de Babel tinha caído há muito tempo; agora era a vez das Torres Gêmeas.

## Re-criacionismo

*Descubra seu novo eu...  
É seu mundo...  
Um telefone que te entende...  
Tão sua cara...*

Dá pra escutar na rua e no local de trabalho, na sala de aula da faculdade e na sala da diretoria executiva, na última convergência radical e na praia, em baladas e em locais subterrâneos: a lógica da dualidade é tão coisa do milênio passado.

Vivemos em um mundo pós-moderno, e você é uma garota pós-moderna. O que é a mesma coisa que dizer: na verdade, você não é bem uma garota.

A pós-modernidade postula uma ordem social na qual as estruturas binárias são *desestabilizadas*. A mais importante delas é a estruturação da diferença sexual, a própria estrutura que constituiu o meio pelo qual a vida foi criada.

A desestabilização dos sexos binários em oposição constitui uma crise na família e na reprodução da vida, mas essa crise não é uma que deva soletrar o fim da reprodução. Todo um conjunto de técnicas de biotecnologia, ciberprodução e trabalho social está sendo implantado pra viabilizar, entre outras coisas, possibilidades reprodutivas "queer", e também pra superar os limites do útero humano que bem facilmente deixa de funcionar, especialmente sob o estresse da vida pós-moderna. Essa análise fica, no entanto, aquém de reconhecer como as questões centrais da reprodução foram deslocadas do ato de fazer bebês pra construção do eu, da mesma forma que a centralização do ato de fazer bebês no pensamento procriacionista usurpou a importância anterior da questão da criação cósmica.

O principal modo de reprodução num mundo pós-dialético é a reprodução do indivíduo — isto é, re-criacionismo.

A singularidade pós-moderna não é criada por Deus ou por sua mãe e seu pai, mas construída através de um processo

pluralista que é cada vez mais "artificial", "social" e, paradoxalmente, autorrealizado. É o processo de identificação.

O processo reprodutivo pluralista não poderia padecer de limites. Cada vez que ele se reproduz, ocorre numa escala ontológica. Não há necessidade de falar dos modos de reprodução constituídos por três, quatro ou cinquenta e quatro torres porque, uma vez que são três, as torres não se reproduzem, nem a relação entre si, mas cada vez mais torres, não gêmeas, mas únicas e individuadas, marchando pela paisagem num ritmo cada vez maior. O World Trade Center caiu, mas hoje há mais arranha-céus do que nunca.

Desde sua morte, todo seu sofrimento... nosso estoque de venenos confiado às Torres, contando, é óbvio, com o aparato gigantesco das paixões estadunidenses, em algumas dessas paixões, todo o jogo ansioso e maléfico — de nossas vidas, nossas crenças primitivas, nossas pirações, os fantasmas mortais de inspiração grega e bíblica, todos aqueles pavorosos arquivos que, intuitivamente, conservamos em nossas Torres — foi usado desde então, inconscientemente, como os colossais envelopes de todas as ideias da catástrofe, caixões revestidos como templos dos nossos desejos de morte.

A diversidade é o imperativo científico imposto pela ciência evolutiva e pelas teorias pós-modernas do devir.

As tensões da rápida evolução das *commodities* e das suas formas no capitalismo tardio impõem rápidas mudanças no mercado de trabalho, que se manifestam na vida de trabalhadores pós-modernos como a condição de precariedade. A precariedade, por sua vez, é o impulso pra que estejam em contínua recriação de si. Esse processo é vivido por es trabalhadores como a escassez dos trabalhos que sabem realizar; a criação de cargos de trabalho cada vez mais numerosos — e cada vez mais abstratos; o impulso pra educação e formação contínua (o "aprimoramento" de si); a perda de possibilidades de carreira assalariada de longo prazo, bem como de benefícios e pensões; e o aumento do trabalho de meio período, de curto prazo, horista ou pago por produtividade.

A capacidade do capitalismo de alcançar novos mercados, agora que a expansão geográfica e material está completa, se baseia em sua capacidade de alcançar identidades sempre novas. Assim, identidades devem ser produzidas, e produzidas como *commodities*. A identificação — isto é, o processo de re-criacionismo — é o aparato que produz essas identidades.

Cada nova identidade é uma torre nova, na qual consumidores podem se arrebanhar pra escapar à natureza *passé* das antigas. Eventualmente — isto é, em breve e muito em breve — será preciso haver uma torre pra cada pessoa ("Sabe, pode haver tantos gêneros quanto pessoas..."), provavelmente mais, e a escala de tal produção ultrapassa de longe os limites dos antigos locais de trabalho, que se baseiam na capacidade da linha de montagem de fazer produtos múltiplos e idênticos. No entanto, na economia do capitalismo tardio, cada mercadoria deve ter o ar de única, e isso vale duplamente pras *commodities* identitárias. A mão-de-obra desse trabalho "criativo" é deslocada dos antigos locais de trabalho; por imperativo e desejo sociais, o indivíduo é colocado pra trabalhar, sem remuneração (trabalho reprodutivo — produção de bebês, luta de classes, Facebook — é sempre não remunerado), pra criar novas identidades "pra si".

O Espetáculo pós-moderno é uma coleção de imagens que, cada vez mais, deve ser construída exclusivamente pra cada indivíduo — o fantasma da reprodução não deve aparecer na tela —, mas também deve permitir que ele interaja com outros. Um aparato de produção do Espetáculo que seja conectado por redes sociais oferece a consumidores um perfil e um conjunto de notícias exclusivos, mas também a capacidade de "conectar-se" com amigos "reais". A Realidade, no final das contas, é o produto.

A luta política já não se resume a uma guerra de um partido ou classe contra outra, nem do povo contra o Estado, mas se torna o campo de batalha da guerra social travada entre muitas identidades ou formas de vida umas contra as outras. Assim como a guerra entre partidos dentro do governo serviu pra mascarar a luta de classes, hoje a guerra pelas identidades mascara a guerra das formas-de-vida.

Na guerra pelas torres, a identidade é a base da luta política, assim como o seu objetivo. As lutas pelo controle da criação e manutenção das identidades não são uma ameaça ao que existe mais do que as lutas pela fabricação de bebês.

A guerra entre formas-de-vida não é uma guerra entre identidades, embora muitas vezes possa manifestar-se como se fosse. Nessa guerra, a parte negativa é a queer, a anormal. Queer constitui a força negativa que está centralmente envolvida na proliferação da identidade, através de sua luta pra se afirmar positivamente fora do domínio do normal (cada ação queer positiva rende mais uma posição dentro da normalidade), no entanto,

apenas a superação dos seus limites na luta queer é o que ameaça demolir todas as torres. Isso é assim porque queer se posiciona pra destruir o mecanismo de reprodução que habita e afirma — o mecanismo da *diferença*, da *anormalidade*, da *queeridade*.

Que esteja posto: a revolta queer é ainda a vanguarda do capitalismo, e isso porque é a revolta queer positiva que existe, e não ainda aquela puramente negativa. Esta última não se distingue da primeira pela sua violência e destruição somente — um ataque às identidades existentes é inerente à produção de novas identidades —, mas pelos seus gestos de aborto e pela promoção de impotência.

O fato de estarmos escrevendo estas notas é prova suficiente de que a tendência puramente negativa ainda não se revelou o suficiente pra destruir o mundo tal como o conhecemos.

## **Niilismo**

*Aneantir le néant.  
Aniquile o nada.*

Até agora, toda crítica à ordem social teve mais ou menos sucesso, enquanto toda proposta de negação só conseguiu um fortalecimento ou reconfiguração da mesma ordem. O existente é logo descrito pelo discurso que ele contém, mas a força puramente negativa é verdadeiramente indizível. Não há razão pra acreditar que a elaboração discursiva do projeto puramente negativo seja de todo possível. Ainda assim...

A essência comum da ontologia monista, binária e pluralista é a elevação do sujeito a uma substância (singular ou múltipla) — o fracasso em apreender o nada que define a subjetividade. A questão de "por que eu sou?" contém sua própria resposta. Sem um sujeito pra colocar a questão, ela não poderia ser colocada. Nenhum aparato reprodutivo é necessário pra criar ou explicar a subjetividade. A origem e a definição da subjetividade é o abismo; tudo o mais consiste em substância que é construída em torno do vazio e confundida com o eu. Quando dizemos que o eu consiste em um nada, isso é o mesmo que a asserção de que *não existe um eu*.

A *vanguarda* do capitalismo tem sido mal interpretada como sua inimiga. Reconhecendo que a destruição da reprodução é o projeto de negação queer, o que passou a ser conhecido como

"queeridade radical" é um projeto largamente positivo, e não puramente negativo. Em oposição ao mundo do gênero binário, da procriação, da família, da política, do modernismo, do estruturalismo, da dialética etc., a "revolta queer" postula gênero pluralista, re-criacionismo, grupo identitário, identificação, pós-modernismo, pós-estruturalismo, luta multiforme etc. Esses últimos constituem os aparatos reprodutivos do existente pluralista.

Há muito tempo, em um ponto crucial de emersão, a mulher se estabeleceu como existente em vez de afundar o mundo monista do Homem no vazio do qual ela veio. Em outro ponto, o proletariado lutou pra assegurar sua libertação autônoma da burguesia, em vez de destruir a burguesia e a si mesmo por completo. No palco montado pela ordem atual, a força queer está se ocupando com a proliferação de identidades, em vez da negação total delas.

Na ordem re-criacionista, a vida é experienciada como um vazio e a morte como o único escape. Isso não está longe da verdade. Para aquelas singularidades que nascem ou são incorporadas na ordem reprodutiva de identificação — que agora inclui até mesmo mulher, proletariado, queer, hipster, anarquista e todo o resto — o vazio não é mais experienciado como algo fora do castelo, mas *o habita*.

Como o projeto negativo do proletariado, o projeto negativo queer implica a negação do existente, do aparato reprodutivo do existente, e de si mesmo. Além disso, a autoabolição de si deve ocorrer não só como morte, mas também como assassinato de um certo tipo de morte. Isso porque mesmo o suicídio, ou abolição de si, tem sido englobado sob o processo de re-criacionismo. A morte é necessária no processo de autocriação porque, no ato de tornar-se, mata-se a antiga versão de si. Pra destruir o processo reprodutivo de re-criação, o projeto queer deve destruir a versão falsa de suicídio. A pulsão de morte queer é uma ânsia por *puro* suicídio, que também é *puro homicídio*.

Não é por acaso que quem teoriza sobre temas de identidade de gênero pluralista, pós-modernismo e interseccionalidade encoraje o leitor/sujeito a não se matar e, em vez disso, a matar *uma parte de si mesmo a fim de reinventar-se novamente*.

A queda do Homem da graça e o colapso das Torres Gêmeas empalidecem quando comparados ao projeto puramente negativo de hoje, tão terríveis são suas manifestações. São ainda indizíveis, mas se pudéssemos imaginar o mundo inteiro apresentado como

um feto abortado, o mergulho do universo num abismo que se abriu no *continuum* do espaço-tempo, ou as pessoas do mundo escavando cadáveres dos seus túmulos e transando com eles interminavelmente, teríamos um vislumbre da morte que esse projeto quer liberar. Pra quem ama este mundo, a greve humana não vai parecer nada bonita, mas pra quem o odeia, não há nada tão bonito quanto.

O puro suicídio não é o suicídio do indivíduo motivado pelo desespero, embora seja *antitético à esperança*. Não é o suicídio que vem de um momento de desespero, mas de *todo um mundo de desespero*. Não é decidido no momento de um instante, mas cuidadosamente considerado ao longo do tempo. Pois antes de destruir a si mesma, a singularidade puramente negativa esforça-se pra destruir este mundo, tornar impotentes os seus aparatos de reprodução e pôr fim ao seu sentido de Futuro.

Se a Torre nossa mãe nosso corpo nosso sexo se incendiar esta noite — a hipótese não pode ser rejeitada, todo o castelo já se incendiou, exceto a Torre, a vez da Torre vai chegar, pois o que mais resta pra queimar? O que pode ser mais difícil de explicar que uma tal Torre, uma joia tão perfeita da grandeza humana, não ser condenada e executada nestes dias de criminalidade perversa? Com certeza é um alvo, os planos estão a caminho... Ela está lá, redonda, deliciosa, apetitosa, eterna, grávida de gênios e de livros, e ela não está lá. Um golpe do avião. Nós já fomos assassinados. Leia tudo no jornal de amanhã — se a Torre estiver queimada, já estamos mortos e amanhã morreremos.

*Se a Torre ainda não estiver queimando, queimará dentro de um dia ou dois.*

## Entrevista com Gender Mutiny

### 1. *O que é "Gender Mutiny"? O que é motim de gênero?*

"Gender Mutiny" é um grupo teórico que não existe. A contradição entre a presente inexistência do motim de gênero e a falsa aparência de existência que este mantém tem paralelo intencional a uma contradição similar, entre a falta de qualquer eu verdadeiro e a asserção obstinada de existência tão frequentemente feita por vários indivíduos e grupos inexistentes.

Existe um mundo inteiro de aparências em circulação, e essas imagens são confundidas com ser. O gênero é uma das formas dentre as muitas formas de ser-aparente. A partir disso, motim de gênero é uma prática de rejeição dessa forma particular de aparência. Mas a prática, na verdade, é sugestiva de muito mais, é uma linda e alegre aniquilação, a revolta totalmente negativa do eu verdadeiro (que é nada) contra tudo o que não é próprio a si (que é tudo).

### 2. *Qual é a relação entre teoria queer e niilismo?*

Esta é uma pergunta interessante de se fazer. Acredito que é uma questão absolutamente incompreensível no domínio da heterossexualidade.

Por quê? Bem, porque você, essencialmente, perguntou quais são as relações que um vazio poderia ter com outro vazio. Niilismo é literalmente nada. É isso que significa. Nada. E a teoria queer é um pouco menos fácil de definir, mas ela se originou com a crítica literária lendo a queeridade em textos. Teóricos queer acharam que poderiam fazer isso por causa da rejeição pós-moderna de uma verdade objetiva existente "lá fora" no "mundo real" e da ideia de que o significado de um texto não é

imbuído por quem o cria, mas selecionado por quem o lê. Portanto, embora a teoria queer tenha muitas aparências superficiais (assim como o niilismo: roupas pretas e cigarros e tal), baseia-se no senso de que nada no mundo tem qualquer significado ou verdade objetiva. Então, a teoria queer tem um certo tipo de condição do nada que lhe é caro, mesmo que seu projeto ativo de queerizar seja algo bem diferente.

Então a questão é como um nada se relaciona com outro nada. Essa nunca foi uma questão heterossexual, porque a heterossexualidade se preocupa sobretudo com as relações entre o vazio e o falo. (Dá licença, mas vou ter que fazer um desvio aqui pra, eventualmente, responder sua pergunta.)

A maioria das pessoas sabe que houve um tempo em que se acreditava que algo chamado "homem" existia. Se você não acredita na minha afirmação, de que esse tempo existia, basta ler alguns textos dessas pessoas; elas falam bastante sobre o tal "homem". Mas o importante aqui é que o estabelecimento da suposta existência do homem foi um feito verdadeiramente revolucionário da filosofia, que era totalmente axiomática — isto é, a afirmação não era apenas infundada, mas infundável (ela foi fundacional). Naquele tempo, o que chamamos de "mulher" nem mesmo existia. A reprodução acontecia por meio de uma relação entre uma força positiva, substancial (o falo) e o nada.

O feminismo interveio aqui pra postular a existência da "mulher", e esse também foi um feito bastante revolucionário, mas acabou mais ou menos reproduzindo o processo filosófico totalmente axiomático de antes. Com o tempo, a maioria das pessoas passou a acreditar que a "mulher" existia, e tornou-se bastante aceito (por causa tanto da investigação científica quanto do feminismo) que a reprodução era o resultado das relações entre homens e mulheres. Já não se entendia que essas relações envolviam o nada e um falo, mas sim um falo e outro falo. Isso porque a "mulher" havia sido estabelecida à imagem do "homem", como um falo. (O falo é simplesmente aquilo que existe. A teoria da mulher-como-falo foi muito bem estabelecida por Freud etc.)

É interessante notar que, nessa época, houve quem rejeitasse o feminismo e a existência da "mulher". Algumas pessoas simplesmente acreditavam que o homem e só o homem existia, mas outras eram profundamente céticas em relação a toda essa frágil noção de ser qualquer coisa que seja. Essa tendência foi chamada

de "feminismo negativo", embora tenha muito pouco a ver com o feminismo.

Mais recentemente, as intervenções pós-feministas passaram a postular a existência de mais de dois gêneros (talvez infinitos gêneros), e estes, aos poucos, estão ganhando aceitação social. Esse processo de postular cada vez mais gêneros, que passam a ganhar aceitação social, é geralmente chamado de "queerizar". Essas ideias pós-feministas também fazem alegações a respeito da reprodução — a saber, que ela pode ocorrer em configurações variadas entre esses vários gêneros.

Suponho que existam algumas reflexões na teoria queer que tentam abordar a natureza das relações entre nadas. Mas a teoria queer tem sido, na maioria das vezes, uma espécie de versão hiperativa do feminismo, que está superinteressada em postular mais e mais gêneros e trazer à tona mais mundos virtuais hipersubjetivos, por meio de processos de queerizar o social. Por essas razões, que são as principais preocupações de nossa crítica à prática/teoria queer, a tendência queer pode ser considerada como a metecção obsessiva de infinitos falos na arena social. E, dado que queer admite de cara o vazio inerente do social, mas continua com suas tentativas criativas de construção do mundo, a coisa toda acaba virando uma enorme masturbação coletiva "em direção ao vazio". Então apesar de tudo ser bem queer, ainda estão em jogo as relações entre falo(s) e nadas, não entre um nada e outro, por isso tem pouco a contribuir com a questão.

Sei que me alonguei muito, então vou concluir apenas reforçando que as relações entre teoria queer e niilismo (ou entre quaisquer dois nadas) são inevitavelmente um esforço misterioso, do qual hesito falar diretamente.

### 3. *O que influencia a GM?*

Ah, bem, os assassinatos dos corvos que pousam nas árvores do lado de fora das nossas janelas e escurecem o céu com suas asas são de importância primordial pro nosso senso de mistério do vazio, e com eles estamos verdadeira e profundamente em dívida. Também somos influenciades por todas as maravilhosas e revoltosas pessoas queer que vieram antes de nós, que foram pros seus túmulos em completo e abjeto fracasso e cujos ossos clamam por nossos lábios. Toda chama que pulsa de uma prisão é como um

sopro de ar para nós. Essa alegria singular que brota do pegar em armas nos é cara. Como tudo o que permanece invisível. E mais... muito, muito mais.

#### 4. *Quais são as cumplicidades da GM com a insurreição e suas várias articulações?*

Me ocorre que, de todas as palavras que você poderia ter usado pra me fazer uma pergunta, "insurreição" é talvez a mais difícil, independentemente do contexto. Esta palavra representa algo. Tem insurreição acontecendo, eu sei, mas quando vejo um vídeo do Egito, isso não é insurreição, não pra mim, porque não estou nela. Tem só umas imagens numa tela. Eu experiencio a ausência de insurreição. A ausência de insurreição, e não a sua presença, é com o que nos familiarizamos. A presença dessa ausência é familiar porque é a vida cotidiana. Por consequência, a insurreição, na sua ausência, representa tudo o que não é o normal, o que não é aqui. (Exceto que, óbvio, isso nada tem a ver com as possíveis reconfigurações deste mundo, como, por exemplo, uma nova tecnologia de energia sustentável.)

Agora parece que existem duas principais trajetórias para lidar com a ausência da insurreição. Por um lado, existem profetas com suas insurreições a caminho. O "tá pra chegar" da insurreição se torna um mantra. A iminência da insurreição é a ausência da insurreição. Amanhã, como uma órfã chamada Annie reconheceu certa vez, está sempre a um dia de distância.

Do outro lado está quem diz que a insurreição começou. No primeiro caso, são profetas que vemos por toda parte, no segundo, são pessoas fanáticas que espumam pela boca, convencidas de que o apocalipse já chegou e que tentam fazer com que todo mundo perceba, apontando pros "sinais". Um tipo específico de alucinação que é insana não em virtude de estar totalmente errada, mas mais por seu caráter extremista. Todo mundo sabe que a insurreição não está aqui. Além disso, se isto é a insurreição, então foda-se, porque parece a vida comum, e se a insurreição significa qualquer coisa que seja, então não pode ser a vida comum.

Eu rejeitaria tanto o futurismo quanto a abordagem mística de autoajuda a respeito do potencial de reivindicar o momento presente retrabalhado pra insurreição. Não há tempo de nada disso.

Mas vou falar um pouco mais sobre o tempo. Do passado, tenho uma vaga sensação, se eu não cutucar muito as águas da memória, de que já encontrei o que estou tentando encontrar agora. Então, eu também devo ter perdido essa coisa. Parece que a vida cotidiana — que é o tempo mesmo — é simplesmente tudo o que compõe e tece o tecido, no qual o que estou procurando pode ser o buraco. Espero mesmo encontrar um de novo em breve, e espero te encontrar lá também.

5. *Como a GM foi recebida?*

Suponho que eu gostaria de saber. Mas saber exigiria entrar nas profundezas mais íntimas de alguém, violando-o. Além disso, tenho medo do que poderia encontrar lá — algo que não é pra mim. Algo pra além do meu conhecimento. Mas com certeza eu gostaria de saber também.

**PERGUNTAS  
A SEREM  
FEITAS  
ANTES DE  
DENVER**

## Perguntas a serem feitas antes da convergência da Bash Back! de 2010 em Denver

As perguntas a seguir foram escritas como uma tentativa de iniciar conversas críticas sobre a existência continuada da Bash Back! antes da convergência em 2010. Originalmente em circulação no blog Bash Back! News e outros sites anarquistas, as reproduzimos, pois é a primeira avaliação crítica pública e por escrito do papel da rede e das intenções de participantes. Os temas que envolvem organização, apresentados neste texto, seriam posteriormente expandidos em conversas na convergência e no discurso subsequente em torno da Bash Back! e sua desintegração.

## Algumas coisas ouvidas na convergência da Bash Back! de 2009 em Chicago

"Aquela ocupação do trem foi muito zoadada. Todo mundo se beijando, sendo super queer no meio de todas aquelas pessoas racializadas pobres que não conseguiam nem imaginar o sentido de tudo aquilo."

*Pessoa racista, que gosta de se imaginar como "aliada" ou algo do tipo.*

"UAU, que mágico."

*Evan Greer, do Riot Folk*

"Isso aqui é um protesto NÃO VIOLENTO!!!"

*Alguém arrastando o entulho pra fora da rua pra permitir a passagem de veículos policiais.*

"É, na real foi tudo bem zoadado. Todo mundo com o privilégio de passabilidade estava na revolta e eu não tinha uma pessoa parceira comigo, então tive que tirar minha saia pra poder voltar andando pra onde estava hospedada. Fui forçada a passar!"

*Evan Greer (certificade e especialista na opressão de pessoas trans) em relação a uma marcha desordeira em que várias pessoas trans foram presas e/ou atacadas pela polícia enquanto ficavam cada vez mais selvagens.*

"A 'revolta' em Oakland depois que Oscar Grant foi assassinado não foi um motim. Foi só um bando de anarquista branco privilegiado. Um motim não é um motim se não for no bairro onde você mora."

*Eric Stanley, da Gay Shame, mostrando que ele sabe tanto sobre Oakland quanto sobre o que constitui um motim.*

Pessoa Branca: "aquela marcha foi tão racista e tão zoada."

Outra Pessoa Branca: "aquela marcha foi tão racista e tão zoada. Havia pessoas racializadas no bairro e mulheres e pessoas trans lá perto."

Várias pessoas racializadas de corpo feminizado, que moram em Chicago: "Na real, não foi zoado. Bash Back! não é pra ser educada. Destruir o capitalismo e a normalidade não vai ser nem bonitinho nem educado. Provavelmente vai ser bem tenso. É isso que 'Bash Back!' significa. Quero dizer, nós somos anarquistas, certo?!"

Silêncio por um momento

Outra Pessoa Branca: "Nós não somos todes anarquistas."

Ainda Outra Pessoa Branca: "Aquela marcha foi tão zoada! Todo mundo precisa pensar sobre as merdas que faz!"

## Perguntas a serem feitas antes da convergência da Bash Back! de 2010 em Denver

O que é a Bash Back!?! Bash Back! é uma rede? Uma organização? Uma gangue? Uma tendência?

Se somos uma rede, o que encontramos entre nós? O que temos em comum? Um desejo? Uma paixão? Uma estratégia? Uma ideologia? Ou simplesmente uma identidade, um nome?

Se BB! é uma organização, estamos condenados desde o início. Podemos esperar um futuro cheio de reuniões de consenso altamente moderadas atrás de mais reuniões de consenso altamente moderadas até que não sejamos nada mais do que hipsters arrogantes se encontrando em uma livraria e demorando quase seis meses pra planejar ou escrever alguma coisa. Se algum dia tivermos uma lista de participantes, pode deixar a gente de fora.

Se somos uma gangue, qual é o nosso ritual? Como devemos lutar? Como medimos in/exclusão? De que maneira podemos compartilhar os meios de nossas existências? Quais são as melhores maneiras de nos apoiarmos? Como as armadilhas do ativismo e da organização nos limitam? E o mais importante, quão fofo é o nosso look? Já treinamos nossos passos de dança? Se queremos ser uma gangue, temos muito a fazer.

Se damos nome a uma tendência, como fazemos essa tendência se alastrar feito fogo? Como podemos fazer com que essa tendência escape dos becos sem saída da política de identidade liberal e/ou da academia e/ou do ativismo? Como encontraremos comunalidade com outras formas de vida que revidam no soco? Como podemos fazer este mundo explodir?

## **Nossa violência é de substância ou de imagem?**

Estamos brincando quando escrevemos sobre violência? O que se quer dizer com essa bela imagem de pessoas segurando tacos de beisebol e marretas? É simbolismo? É real? Significa mesmo revidar?

A estrada se ramifica aqui. Queers radicais irão continuar no caminho da imagem de militância; da irrelevância? Se for o caso, podemos esperar muito mais filmes e sessões de fotografia mostrando uma luta armada glamourosa (como uma facção do exército vermelho com glitter). Podemos esperar por mais comemorações de motins acontecidos quarenta anos atrás e levantes do outro lado do oceano (acompanhadas, é óbvio, pela condenação de motins no aqui e agora – com choro pelas janelas quebradas e estandes de jornal que recebem muita gorjeta). A violência será aceitável desde que tome forma na abstração, na arte, numa ocorrência histórica, ou numa notificação no feed de notícias globais – quando estiver separada de nós. Sempre será recusada na esfera de nossas vidas diárias, quando nos tornamos agentes dela.

Ou podemos nos localizar dentro da violência cotidiana no capitalismo. O reconhecimento da violência sentida em nossa pele vai se traduzir em uma violência sentida em nossos punhos, nossos braços, nossas vozes. A partir daqui, Bash Back! só pode aceitavelmente designar a práxis. Redes de defesa pessoal, clubes de luta, cumplicidade, intimidade, spray de pimenta, fluidos corporais e uma quantidade saudável de glitter. Nós escolhemos o glitter.

## **A questão das barricadas**

Nesta guerra civil global, em curso, entre o capitalismo e sua negação, só nos resta escolher um lado. Existe o lado das barricadas (onde você sempre vai me encontrar) ou o lado oposto. Explicando melhor: a oposição às barricadas é sempre um endosso à ordem; é sempre se aliar com a polícia, espancadores de queers, juízes e júris, as prisões, o Estado. Então, onde vamos te achar? Entre a ralé ou em aliança com os dedos-duros e cidadãos de bem do império?

Uma amizade minha escreveu da Grécia a respeito de um trecho recém-traduzido sobre insurreição:

Me pergunto se vale mesmo a pena apresentar um texto que celebra as barricadas pra ser lido por pessoas que condenam suas construções nas ruas de Chicago. A meu ver, a única coisa que poderia ser pior é que *Instead of a Conclusion* [Em vez de uma Conclusão] seja encarado como um aplauso exótico a bloqueios, motins e brigas de rua apenas em lugares e vidas distantes das nossas. Felizmente, e por outro lado, houve quem negligenciou a crítica banal de 'anarcoliberais' e erigiu barricadas pra impedir de vez o domínio do Estado sobre sua existência. Deixa. Pro bem ou pro mal, uma divisão é inevitável. Uma divisão pra que a discussão gasta sobre construir ou não barricadas possa ser silenciada como um bêbado fazendo uma elegia inadequada em um funeral solene. Uma cisão pra avançarmos com as questões importantes, recusarmo-nos a considerar a moralidade das barricadas, e apenas nos preocuparmos, com razão, em como torná-las mais altas, mais fortes, mais terríveis, pra que as avenidas metropolitanas se tornem tão incontroláveis quanto uma força da natureza.

### **O que significa resistir à opressão?**

Nosso trabalho antiopressão vai ter a mesma forma gasta dos comitês e dos workshops orientados pela culpa de aliados? Seremos simplesmente a vanguarda extrema da mesma política identitária inútil regurgitada por docentes de estudos liberais em todas as universidades do país? Quantas vezes mais vamos repetir as fórmulas que falharam conosco? Ou podemos imaginar uma outra coisa?

Pra enfatizar: as forças que ocupam nossas vidas são ao mesmo tempo generalizadas e minuciosas. Terríveis e ainda assim invisíveis. Uma totalidade e uma multiplicidade. O monstro que está destruindo o mundo é o mesmo monstro que nos faz odiar

nossos corpos, que nos escraviza ao gênero, que devasta nossos desejos. Recusar esta sociedade vai exigir novas armas. Vamos começar com uma greve humana; todo o resto ainda precisa ser desenvolvido.

### **Qual é o nosso propósito?**

A resposta a esta pergunta prefigura e determina todo o resto. Queremos uma versão mais agradável, amigável, diversa, inclusiva, radical, hipermediada e menos zoada dessa sociedade? Ou queremos vê-la queimar? Temos interesse no progresso ou na ruptura? Vamos nos contentar com isso tudo, só que um pouco diferente? Ou somos insaciáveis? Se você deseja um capitalismo queer, por favor fique em casa. Se você quer destruir o capitalismo, nos vemos em Denver!

**PINK  
AND  
BLACK  
ATTACK**

**Destruição, não separação  
Identidade, política e antipolítica  
Ideias sobre o desenvolvimento da teoria queer anarquista  
Reflexões sobre a extinção da Bash Back!**

Os quatro ensaios seguintes foram tirados das edições de 4 a 6 da publicação *Pink And Black Attack*. O PABA era uma publicação antiassimilacionista e anarcoqueer periódica que se originou no Noroeste Pacífico e estava intimamente ligada à explosão da Bash Back! O periódico reproduziu, de maneira consistente, comunicados de ações queer clandestinas e publica novos ensaios e reflexões sobre o papel da teoria queer anarquista.

Como um exemplo de projetos queer que sobreviveram à morte da rede Bash Back!, o PABA continuou após o término da BB!, mas desde então deixou de ser publicado ou distribuído. Incluímos o ensaio *Destruição, não separação*: algumas ideias sobre a Igreja e o Estado, bem como *Identidade, política, e antipolítica*, *Ideias sobre o desenvolvimento da teoria queer anarquista* e *Reflexões sobre a extinção da Bash Back!* Após esses ensaios, quem estiver lendo vai encontrar uma entrevista com uma das pessoas que editava a publicação.

## Destruição, não separação: algumas ideias sobre a Igreja e o Estado

de Pink And Black Attack 4

O debate sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, pra política dominante, se dividiu essencialmente em dois campos: a Direita, que é contra, e a Esquerda, que é a favor. É óbvio que estes campos representam apenas o discurso dominante e marginalizam outras posições. Anarquistas e demais radicais, por exemplo, historicamente se opuseram à instituição do casamento de maneira geral, e mais recentemente se posicionaram contra o casamento, em específico, entre pessoas do mesmo sexo por causa de sua natureza assimilacionista. Outra posição que vem ganhando popularidade nos últimos anos é um argumento liberal de que o Estado não deve se meter na instituição do casamento, e que o casamento deveria ser desaposado de *status* legal e, em vez disso, se tornar simplesmente uma questão pras igrejas.

À primeira vista, esse argumento parece se encaixar na crítica anarquista. Promove essencialmente uma solução não estatal pra questão do casamento, tirando da equação a regulamentação do governo e do Estado. No entanto, isso é uma falsa alternativa justamente porque é uma solução não-estatal. O que é necessário é uma solução antiestado.

Existem duas partes principais no argumento liberal: um lado econômico e um lado social. O argumento econômico afirma que os incentivos fiscais e outros benefícios financeiros ao casamento oneram o Estado. Como anarquistas, não nos preocupamos simplesmente com a abolição do governo, mas também com a abolição de toda hierarquia e dominação. Tornar o casamento um compromisso apenas religioso não faz nada sobre a natureza patriarcal do casamento, nem ataca o heterossexismo generalizado que encontra uma base de apoio na igreja.

Se quisermos a abolição da hierarquia e da autoridade, a destruição da opressão e dominação, então nossos alvos devem incluir todas as instituições que apoiam, promovem ou dependem dessas coisas. Uma separação mais incisiva entre Igreja e Estado não ajuda em nada e, portanto, a solução não-estatal pro casamento entre pessoas do mesmo sexo é inútil, na melhor das hipóteses. Apenas resolve a questão política de direitos, de um governo que seja adequado e de equidade na proteção. Isso é de pouco interesse pra pessoas como nós, que buscamos a libertação queer.

Não apelamos ao governo como seus súditos, buscando a igualdade que há muito prometeu, mas nunca entregou. Não procuramos ajustar o papel do governo em nossas vidas a um nível adequado. Não procuramos fazer do casamento uma instituição estritamente religiosa. Todas essas são soluções políticas pra questão política do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

O movimento moderno pela igualdade de casamento tem suas raízes no movimento de libertação queer da década de 1960. Esse movimento foi uma resposta ao heterossexismo estruturante que continua a funcionar como um pilar da sociedade estadunidense. No entanto, quando o movimento se voltou pro ativismo político como meio de transformação, ele adotou a lógica do sistema político. Esse sistema tem regras e estruturas definidas que limitam as maneiras como as demandas são enquadradas, e as soluções a elas. Essas demandas, porque precisam aderir a um sistema abstrato de regras, tornam-se abstratas porque precisam ser definidas nos termos do sistema político. Assim, o casamento entre pessoas do mesmo sexo se torna uma demanda política, necessitando de uma solução política. Essas soluções também devem aderir às regras do subsídio pra quem se casa. Basicamente, as pessoas entre nós que não se casam estão pagando por aquelas que se casam. O argumento social alega que o governo não deve ter opinião nenhuma sobre quem se casa com quem, já que pessoas adultas em consentimento deveriam poder se casar sem intervenção do Estado. Ambos os argumentos são persuasivos, mas o problema não são os argumentos em si. Antes, o problema está nas suposições sobre as quais eles se baseiam e, por extensão, nas questões que não abordam.

Talvez a maior diferença entre uma perspectiva anarquista e uma liberal seja o papel do Estado. Como mencionado acima, o contraste é entre antiestatismo e não-estatismo. A diferença pode parecer uma simples questão de terminologia, mas não é o caso aqui. Pelo contrário, a divisão entre as duas posições é gritante; porque todo o argumento liberal é baseado em uma crítica da intervenção do governo na vida privada das pessoas, em vez de uma crítica ao próprio governo. O argumento econômico liberal, por exemplo, afirma implicitamente que a equidade de proteção perante a lei é uma virtude que atualmente não está sendo alcançada, devido aos subsídios disponíveis pra quem decide se casar. Da mesma forma, o argumento social liberal baseia-se na suposição de que o governo não deve determinar quem pode ou não pode se casar, pois isso é uma intrusão na liberdade das pessoas.

O que esses dois argumentos não abordam é a ideia de que o governo em si é o problema. Ao contrário, o problema é apresentado como uma questão de excesso de governo; como se uma simples redução da interferência do governo fosse suficiente pra resolver a questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Além disso, um argumento que tem como premissa encontrar um papel apropriado pro Estado em nossas vidas carrega consigo uma aceitação desse papel, qualquer que seja, sujeitar-se ao Estado. Ou seja, se quisermos requerir um governo melhor, estamos argumentando como pessoas cidadãos, com participação na sociedade governada.

Outra falha da perspectiva liberal é que ela falha em criticar a sociedade civil, e todas as suas conexões com o sistema, o que significa que ela não pode subverter o processo político (o Estado de Direito).

O sistema político e o processo político, portanto, impedem soluções fora de suas regras e limites. A solução liberal pra demanda do casamento entre pessoas do mesmo sexo fica dentro desses limites e não faz nada pra desafiá-los. Não apresenta um desafio ao sistema político ou ao sistema social mais amplo. Resolve a demanda sem o Estado, mas apenas de maneira a manter o processo político intocado.

Para avançar em direção a uma solução antiestatal, devemos antes argumentar a favor de um novo entendimento da questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Como já observado, o ímpeto que se manifestou no ativismo político pela igualdade

de casamento tem suas raízes na luta pela libertação. Essa luta, através de sua politização, foi reduzida a uma série de demandas sobre o Estado. Devemos rejeitar e lutar contra a politização da luta, a transformação das nossas vidas em uma questão política.

Foda-se a Igreja. Foda-se o Estado.

## Identidade, política e antipolítica: uma perspectiva crítica

de Pink And Black Attack 4

### Introdução

Eu sou alguém \_\_\_\_\_ que busca a destruição da sociedade de classes. Esse espaço em branco pode ser preenchido com uma variedade de palavras, de trabalhador a queer a indivíduo a pessoa multirracial a anarquista. O que cada um desses termos tem em comum é que cada um significa uma certa identidade. Embora a política de identidade tenha ganhado potência tanto nas cenas anarquistas/radicais quanto na sociedade em geral, a própria ideia de política de identidade é um problema. A política de identidade, como uma força política, busca a inclusão nas classes dominantes, em vez de agir como uma força revolucionária pra destruição da sociedade de classes. No entanto, isso não significa que devemos descartar a identidade ou a organização e a ação baseadas em identidade. As instituições que criam e reforçam a sociedade de classes (capital, trabalho, Estado, política) dependem das identidades pra sua estratégia de controle, atacando algumas identidades e não outras, ou colocando várias identidades umas contra as outras, pra competir pelo acesso ao privilégio de aceitação pelas classes dominantes. No uso da repressão, que tem como base as identidades, quem está no poder também cria afinidade entre as pessoas dominadas. Que isso fique bem posto: não afirmo que toda pessoa que se identifica com ou é identificada por uma identidade social específica tem a mesma experiência. Da mesma forma, nem discuto o fato de que essas identidades sejam construídas socialmente. No entanto, defendo que as pessoas que compartilham uma identidade podem encontrar maior afinidade com outras que compartilham da mesma identidade. Isso é devido às maneiras pelas quais o capitalismo e o

Estado impõem identidades. Por mais que essas identidades sejam socialmente construídas, isso não diminui sua importância ou sua realidade. Na verdade, é indispensável, na luta pela libertação total, entender como as identidades são construídas pra subjugar as pessoas.

Faz anos que na academia se fala do "Outro" como a identidade mais abstrata, definida em oposição às forças dominantes. Ainda que essa abstração funcione em comparações mais gerais das várias identidades, é nas especificidades de identidades distintas que as afinidades são construídas. Uma discussão sobre todas as identidades socialmente impostas seria impossível; então, vou me concentrar em uma análise da identidade queer. Especificamente, vou tentar articular uma perspectiva antiassimilacionista e anarquista/comunista sobre a identidade queer, também com implicações pra outras identidades. Essa é uma perspectiva crítica em relação tanto à política de identidade quanto à falsa unidade sob qualquer identidade (cidadania, raça humana, proletariado). É uma crítica à política e à prática assimilacionistas e, talvez o mais importante, é explicitamente antiestado e anticapitalista.

## **Construção social e fatos sociais**

Pra entender a identidade no contexto da atual ordem social, é preciso entender o conceito de construção social. Este conceito, em resumo, refere-se às maneiras pelas quais as instituições sociais estabelecem, regulam e reforçam várias identidades. Um exemplo bastante ilustrativo é a maneira com que pessoas rotuladas como "insanas" são empurradas pra instituições que servem apenas pra reafirmar uma suposta insanidade. Afinal, a homossexualidade já foi considerada um distúrbio mental.

Entretanto, o termo "socialmente construído" carrega uma conotação infeliz. Supõe-se que, se uma identidade é socialmente construída, ela difere de alguma maneira de uma identidade natural, mais autêntica. Essa suposição se assemelha ao dogma religioso em que nos pedem que aceitemos uma natureza humana imutável, conforme definida por outra pessoa. Na realidade, dizer que identidade é uma construção social significa que as identidades são definidas e impostas por instituições sociais, como governos e empresas. Assim, a identidade se torna fato social no sentido de que afeta materialmente as pessoas. Espancamento

de pessoas queer e proibição do aborto: algumas identidades carregam consigo desvantagens materiais. Direitos à propriedade e leis de segregação racial Jim Crow: certas identidades carregam vantagens materiais. Essas identidades são construídas socialmente e, por isso, tornam-se fatos sociais. Desigualdades não são expressões de uma ordem natural preexistente. Pelo contrário, a causa dessas desigualdades materiais pode ser atribuída ao contexto socioeconômico em que elas existem. Esse contexto é determinado pela ordem social dominante, que continua sendo a do capitalismo e do poder estatal.

Porém, nem todo ato de discriminação ou opressão pode ser considerado um ato direto do Estado ou do capital. Isto é o que se vê, particularmente, quando se considera manifestações específicas do patriarcado. A agressão sexual e a violência doméstica são, com frequência, consideradas disputas interpessoais, em vez de terem um significado maior no contexto de uma ordem social profundamente patriarcal. No entanto, mesmo que não exista um agente do Estado ou do capital diretamente envolvido, não se pode ignorar a estrutura social que normaliza tal comportamento. Deve-se pelo menos considerar o fato de que a instituição do casamento era, em sua origem, uma relação de propriedade, e há poucas décadas o estupro era aceitável, desde que acontecesse no contexto do casamento. Isso não quer dizer que perpetradores tenham qualquer desculpa. Eles ainda impõem o sistema social do patriarcado, apesar de (na maioria das vezes) não agirem oficialmente em nome do Estado ou do capital.

Assim, podemos atribuir a opressão baseada em identidade tanto às negociações oficiais do poder estatal e do capitalismo, quanto ao poder da ordem social capitalista e estatista. A distinção, contudo, se torna acadêmica. O problema é óbvio que está nessa sociedade, na ordem social e nas instituições que a criam, mantêm e impõem. Assim como a identidade, a opressão também é social: é resultante de interações humanas, não de algum tipo de poder superior.

O termo construção social significa também que a identidade não é fixa, mas muda de acordo com uma variedade de fatores. Em particular, existe uma tensão entre quem a desigualdade beneficia e quem a desigualdade oprime. Nos Estados Unidos, essa tensão é demonstrada pela variedade de movimentos de libertação relacionados à identidade que têm se mantido ativos no país.

Com exceção de alguns casos notáveis (o movimento sufragista sendo um deles), os movimentos de identidade ganharam projeção na década de 1960, quando hinos ao poder negro, à luta gay e à potência da sororidade tornaram-se constantes em manifestações e protestos. Essas manifestações e conflitos eram espaços de disputa a respeito do que significava o uso dos termos negro, gay ou mulher. A nomeação por qualquer um desses termos significava que não se era totalmente humano, que existia um defeito que ninguém poderia corrigir. Os movimentos Black Power, de Libertação Queer e Libertação das Mulheres contestaram a ideia de que as pessoas deveriam ser definidas por essas identidades e, por isso, não mereceriam igualdade. Essas disputas (em que cada movimento era, em grande parte, focado apenas em uma identidade específica) significavam que não apenas a desigualdade política poderia ser desafiada, mas também as próprias definições de identidade. Em outras palavras, as pessoas começaram a construir ativa e conscientemente suas identidades e a explorá-las em relação à estrutura social mais ampla.

A exploração inicial da identidade mostrou-se útil, proporcionando uma maior compreensão das maneiras pelas quais a dominação e suas manifestações específicas (racismo, sexismo, homofobia) estão conectadas ao Estado e ao capitalismo. Os anos de 1960 também foram anos de resistência e insurgência de maneira geral. Esses eventos não aconteceram separadamente; ao contrário, faziam parte de um descontentamento maior com a sociedade como um todo. No entanto, assim como a energia da década de 1960 foi dissipada em formas tradicionais e rígidas de ativismo e dissidência administrada, isso também ocorreu com o potencial revolucionário de explorar a identidade.

Com o tempo, esses movimentos nos legaram organizações como a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) [Associação Nacional para o Progresso das Pessoas Racializadas], a Human Rights Campaign (HRC) [Campanha de Direitos Humanos], e a National Organization for Women (NOW) [Organização Nacional para as Mulheres], autoproclamadas líderes na luta por igualdade nos termos da lei. No entanto, o que é interessante notar é que essas organizações servem como entidades explicitamente políticas, buscando igualdade política por meio de processos políticos. Esses grupos podem, portanto, ser entendidos como engajados em políticas de identidade.

## Política de identidade e política anti-identidade

Dada a eficácia política dessas organizações, seu modelo foi imitado por quem busca reformar a ordem socioeconômica vigente. Isso resultou na política de identidade se tornar uma parte central da ordem política contemporânea dos Estados Unidos. É o que acontece especialmente no movimento reformista liberal, em que organizações como NAACP, HRC e NOW são proeminentes. Com seus sucessos na reforma política, estas (e muitas outras organizações de política de identidade) foram incorporadas ao discurso político dominante. É aqui que encontramos um dos principais problemas da política de identidade: os grupos que tentaram desafiar a opressão baseada em identidade simplesmente entraram numa parceria com quem se beneficia da opressão. Essa parceria diz respeito à capacidade de definir a agenda política pra determinada identidade. Isso é visível na comunidade queer pelo esforço da HRC de pautar leis pra crimes de ódio, casamento e serviço militar. Essas demandas mostram que a HRC aceitou a lógica e requisitou parcerias no governo e no mercado. Na verdade, a HRC está lutando pela assimilação por, e não pela destruição de, um sistema que cria e impõe a própria opressão contra a qual a organização está supostamente lutando contra.

No entanto, nem mesmo a política de identidade tem poder irrestrito na política dominante. Até a aparência de alteração nas relações de poder nessa sociedade é, pra algumas pessoas, uma ameaça. Esses reacionários afirmam que a política de identidade quer direitos especiais pra certos grupos. Essa lógica equivocada baseia-se na ideia de que, como as pessoas têm igualdade garantida pela Constituição, o problema da desigualdade jurídica é inexistente. Mesmo que se aceite a lógica do Estado, a discrepância entre igualdade jurídica/política e igualdade social é gritante.

Outra reação à adoção da política de identidade pela Esquerda é a ascensão da política de identidade da extrema Direita. Isso resulta em absurdos como movimentos de direitos dos homens, movimentos de direitos de pessoas brancas e grupos dedicados à preservação da cultura e identidade cristã. É possível enxergar uma conexão entre essas posições reacionárias, apesar de suas aparentes contradições. Cada posição representa uma tática diferente em direção ao mesmo objetivo: manter uma sociedade de classes com a estrutura homofóbica, supremacista branca e patriarcal que a sustenta. Isto entra em contraste com

a política de identidade, que busca reformar moderadamente a sociedade de classes e suas instituições.

Em resumo, existe hoje uma tensão entre a política de identidade progressista e a política reacionária anti-identidade. O fracasso de ambas se apoia em sua dependência do Estado e do capitalismo como alicerce à visão da sociedade. Ambas procuram gerenciar melhor a ordem atual. É evidente: existe um subconjunto de pessoas nesta sociedade que se beneficia da ordem social vigente. Isto inclui pessoas queer, pessoas racializadas, mulheres e todas as outras identidades. Políticos, policiais, guardas prisionais, proprietários e chefes: esses são nossos inimigos. Aparecem de todas as formas.

Também é evidente que espancadores de queers, estuproadores e racistas são inimigos da libertação. Mesmo que em alguns casos não sejam pessoas com acesso ao e apoio do poder institucional, a violência que infligem não é por isso menos real ou importante. De fato, suas táticas são copiadas diretamente do Estado e sustentam sistemas de controle mesmo depois de serem abandonados oficialmente pelos poderes formais.

A identidade é significativa, pois nos marginaliza de maneiras diferentes, e a afinidade resultante de experiências semelhantes ou compartilhadas é poderosa. Porém, é preciso lembrar sempre que essa afinidade é inútil quando integrada a um sistema de dominação e controle. Essa afinidade deve ser encorajada à medida que fortaleça os laços entre nós e promova conflito com a ordem social, seja ao bombardear carros da polícia ou expulsar estuproadores de alguma comunidade.

### **Identidade antipolítica: uma perspectiva queer multirracial**

Um tipo específico de afinidade é gerado entre pessoas que enfrentam opressões semelhantes baseadas em identidades socialmente construídas. No entanto, surgem problemas quando essa afinidade é expandida pra significar outra coisa, como uma ideia de unidade racial ou de gênero. A afinidade não pode ser reduzida a mera identidade: por exemplo, só porque sou uma pessoa multirracial não significa que tenho afinidade com todas as pessoas racializadas. Embora possamos compartilhar experiências semelhantes, ter apenas experiências em comum não constitui afinidade. A questão "o que constitui afinidade?" é bem importante e está muito além do escopo deste trabalho. Mas o

que está posto é o problema da política de identidade pra quem entre nós busca a libertação total.

Ao trabalhar na arena política, agentes da política de identidade trabalham dentro de noções aceitas de poder, mudança e luta. Tais agentes tornam-se outro lobby, outro interesse especial que determinados políticos abraçam, enquanto outros atacam. As pessoas que constituem essas identidades ficam perdidas no meio disso tudo, se tornam um bloco de votação a ser negociado, em vez de pessoas.

Este modelo falha conosco. Nossas vidas não são questões políticas, posições a serem tomadas ou votos a serem conquistados. Não podemos ser reduzidas a categorias distintas de identidade, cada uma com seu conjunto próprio de lobistas para conquistar políticos burgueses. Isso é o beco sem saída do assimilacionismo. É o beco sem saída da política. Em vez de mais política, mais dinheiro pra lobistas e mais campanhas publicitárias, precisamos do fim do processo político.

Afinal, foram os políticos que nos criminalizaram ou mataram. São os capitalistas que nos fazem trabalhar pra sobreviver, ou às vezes nos deixam sem trabalho. Por que requisitamos a quem nos marginaliza o fim da nossa marginalização? Eles têm interesse em expandir seu poder sobre nós ou, pelo menos, em mantê-lo como está. É verdade que ocasionalmente permitem concessões moderadas, mas essas concessões não devem nos pacificar. Essas concessões não representam a libertação e, às vezes, nem são libertadoras. Expansão dos direitos do casamento? Permissão pra lutar no exército? Esses objetivos são inúteis porque são simplesmente objetivos políticos; eles procuram alterar a maneira como o sistema político funciona.

O objetivo não é alcançar a igualdade pelo processo político. O objetivo é destruir o processo político e, com ele, o aparato que sustenta a sociedade de classes. Isso requer uma perspectiva antipolítica. A identidade deve ser tratada não como um conceito político, mas como uma faceta da nossa vivência diária. Minhas experiências me convenceram de que a ordem socioeconômica atual precisa ser destruída. Tenho uma forte afinidade com outras pessoas queer por conta da minha compreensão da homofobia, mas não vou votar pelo casamento gay. Tenho forte afinidade com outras pessoas multirraciais por causa do meu entendimento sobre o racismo, mas não vou votar em leis mais severas contra os crimes de ódio.

É evidente que as identidades moldam nossas experiências, por isso não podemos descartar a identidade como algo sem importância. No entanto, é também evidente que não podemos nos dar ao luxo de manter as identidades que nos são impostas. Assim, surge uma aparente contradição entre a necessidade de reconhecer a identidade socialmente construída, ao mesmo tempo em que se tenta destruir a sociedade de classes que impõe essas identidades. Essa contradição se revela complicada, com uma gama de respostas possíveis, desde menosprezar a destruição da sociedade de classes até ignorar a identidade, e tantos outros argumentos que se encontram entre essas duas posições. O problema é que não existe contradição. De fato, uma coisa necessita da outra. Para que se possa destruir a sociedade de classes, é fundamental uma análise de como ela funciona. Pra resumir, devemos conhecer nosso inimigo. Porém, é importante evitar a armadilha do essencialismo; precisamos sempre entender que essas identidades são construídas pela estrutura socioeconômica mais ampla. A opressão que afeta pessoas de identidades diversas é imposta pelo poder do Estado e pelo poder do capital. Entender isso gera uma premissa de solidariedade, pois as pessoas marginalizadas encontram afinidade dentro de suas comunidades com quem enfrenta lutas semelhantes. Além disso, entender as conexões entre a experiência com a identidade e a experiência com a ordem socioeconômica mais ampla permite uma solidariedade que vai além de qualquer identidade específica.

A importância da identidade não reside na política de identidade, mas no fato de que a identidade é socialmente construída pelo sistema dominante pra manter o capitalismo e o poder estatal. Por sua vez, a opressão originada é parte integrante da ordem social como um todo, seja na violência a nível interpessoal, institucional ou estrutural. A opressão também ajuda a criar afinidade, por meio de experiências ou lutas compartilhadas. Reconhecer a identidade e a opressão baseada em identidade como fatos sociais permite uma afinidade mais sólida, e reconhecer as conexões entre as experiências de alguém e a ordem social mais ampla também estimula solidariedade entre pessoas que desejam abolir o Estado, abolir o capitalismo e abolir a dominação que ambos mantêm sobre nossas vidas. Esta abolição não exige negociação política, mas organização e ação antipolíticas.

## **Ideias sobre o desenvolvimento da teoria queer anarquista**

de Pink And Black Attack 5

Nas últimas duas décadas, a teoria queer se desenvolveu como investigação acadêmica e ganhou considerável aceitação no âmbito do ensino superior. Embora alguns dos conceitos desse ramo de estudo tenham se espalhado no pensamento queer radical, ele permaneceu sendo principalmente uma investigação acadêmica. Acredito que a teoria queer pode ser útil, mas precisa ser expandida pra ser acessível às pessoas fora da academia. Além disso, tendências problemáticas dentro dessa teoria precisam ser discutidas, e eu defendo que o desenvolvimento de uma teoria queer explicitamente anarquista seria benéfico. Neste ensaio, espero apresentar uma explicação básica da teoria queer, uma crítica do atual estado da teoria queer, e propor uma estrutura básica pro desenvolvimento da teoria queer anarquista. Em última instância, busco expandir a discussão dentro da comunidade queer anarquista sobre a construção de teoria queer anarquista. Longe de querer esgotar o assunto, espero que este texto gere mais discussões, escritos e conversas.

### **Teoria Queer**

A teoria queer é uma das correntes mais recentes da teoria crítica a ganhar ampla aceitação acadêmica. Desenvolveu-se a partir do campo dos Estudos Gays e Lésbicos, produto do período em que surgiram programas de estudos interdisciplinares como os Estudos das Mulheres e Estudos Étnicos. No entanto, a teoria queer adota uma abordagem de identidade radicalmente diferente das outras teorias sobre identidade. Diferente da maioria dos outros estudos baseados em identidade, e mesmo em contraste

com alguns estudos queer, a teoria queer procura especificamente questionar a própria ideia de identidade.

Um conceito que é central pro projeto da teoria queer é o debate essencialismo *versus* construção social. A perspectiva essencialista se assenta no argumento de que as identidades são inerentes e fixas. Por exemplo, uma posição essencialista argumentaria que o binário homem/mulher é legítimo, que essas identidades são naturais e que as diferenças entre elas são também naturais. A construção social, por outro lado, argumenta que a identidade não tem base na natureza e é construída inteiramente por forças e discursos sociais. Enquanto o essencialismo toma como ponto de partida uma identidade fixa e depois analisa de que formas a sociedade em geral impacta e é impactada por pessoas com tal identidade, a construção social argumenta contra a identidade fixa, alegando que ela é continuamente construída e reconstruída por forças sociais.

Talvez a pessoa teórica queer mais conhecida seja Judith Butler, docente da Universidade da Califórnia em Berkeley. Seu livro *Problemas de Gênero*<sup>11</sup> alcançou certo grau de sucesso incomum pra um texto acadêmico. Devido à popularidade de seu trabalho, Butler é uma grande influência na teoria queer. Uma de suas maiores contribuições é a ideia de performatividade de gênero. Pra Butler, o gênero é uma ficção coletiva, que consiste no conjunto das performances dos indivíduos. As pessoas agem de acordo com essa ficção pra performar seu gênero. Indivíduos sofrem punições por agir de maneira contrária a essa ficção, seja por meio de leis ou de normas sociais. Butler também rebate a tradicional noção de sexo como biológico e gênero como social, argumentando que fora do gênero, o sexo não tem significado e, portanto, é também construído socialmente.

A teoria queer pode, portanto, ser vista como uma desconstrução da própria identidade, especificamente no caso de sexo e gênero, porém com implicações mais amplas. No entanto, muitas vezes essas implicações mais amplas se perdem devido ao caráter excessivamente acadêmico da teoria queer, com todas as desvantagens que acompanham esse *status*. Sabe-se que a linguagem

11 BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019 [2003].

usada por muitos teóricos é bem inacessível e suas obras são difíceis de encontrar. A teoria queer também tende ao elitismo, já que existe pouca chance de estudar ou teorizar fora de contextos acadêmicos específicos. Não acredito, contudo, que devemos descartar a teoria queer; espero vê-la escapar da academia, com suas lições e debates tornando-se parte do discurso em geral.

## **Anarquismo**

A teoria queer traz uma abordagem crítica pra questões de gênero e sexualidade, bem como de identidade em um sentido mais amplo. No entanto, como teoria, não é explicitamente anarquista. Dado que meu objetivo é oferecer uma estrutura pra teoria queer anarquista, quero apresentar os princípios operacionais do anarquismo nos quais baseio minha estrutura. O que se segue não é uma definição final de anarquismo, nem é uma tentativa de tal. Em vez disso, vou oferecer uma explicação básica do anarquismo, a fim de fornecer uma base pro resto deste ensaio.

O anarquismo visa a abolição da hierarquia e da autoridade, o que posiciona anarquistas contra o Estado, contra o capitalismo e contra a opressão social. Mesmo que os três sistemas ajam de maneiras diferentes (ainda que esmagadoramente complementares), a teoria queer é relevante à crítica anarquista de cada um deles. O poder do Estado, por exemplo, regula e criminaliza uma série de identidades. O capitalismo representa uma força que, por natureza, busca mercantilizar relações humanas e identidades. O capital também desempenha um papel central na ideologia da família, que se tornou medular no debate político dominante. A opressão social é abundante, sendo comum tanto a violência extralegal contra pessoas queer quanto a discriminação e a intolerância em geral.

Reconhece-se que esta é uma descrição muito básica do anarquismo, e de modo algum representa a amplitude ou profundidade da análise anarquista. Contudo, uma explicação mais detalhada exigiria se aventurar em debates que estão muito além do escopo deste ensaio. Os recursos disponíveis são amplos pra quem deseja mais informações sobre o pensamento e a teoria anarquistas.

## Identidade e política de identidade

A teoria queer, como mencionado acima, é crítica às noções tradicionais de identidade, e procura desconstruir os processos pelos quais a identidade é construída. O conflito do pensamento queer antiassimilacionista contra a política LGBT assimilacionista é um exemplo brilhante da relevância da teoria queer. O assimilacionismo, em um contexto queer, é representado pelas campanhas das organizações reformistas dominantes. Questões como casamento gay, a política Don't Ask, Don't Tell<sup>12</sup>, e leis contra crimes de ódio estão no topo da agenda LGBT, de acordo com grupos como a Human Rights Campaign (HRC) [Campanha dos Direitos Humanos], a Força-Tarefa Nacional para Gays e Lésbicas, e a Igualdade no Casamento EUA. Isso, junto à assimilação cultural na forma de Pride Parades patrocinadas por empresas, demonstra um compromisso em abraçar a lógica estatista da cidadania e dos direitos, bem como a mercantilização capitalista da cultura. O assimilacionismo, então, busca a integração ao capitalismo e ao poder do Estado em troca da lealdade de seus súditos. O movimento LGBT é, portanto, ele todo, um esforço assimilacionista.

A crítica antiassimilacionista ao movimento LGBT começa com a diferença na terminologia. O termo LGBT se trata fundamentalmente de estabelecer uma identidade fixa pra fins de representação. Isso fica evidente até mesmo quando se olha pra sua progressão histórica: partindo de lésbica e gay, acrescentando a bissexualidade e, finalmente, adicionando trans à sigla. Cada uma dessas adições foi recebida com resistência pelo *establishment* gay, demonstrando a natureza excludente do termo. Queer, por outro lado, é um termo propositadamente ambíguo que foi reivindicado como uma descrição positiva, em contraposição ao estigma que costumava ter.

Conforme indicado pela terminologia, o movimento LGBT busca construir uma coalizão de identidades definidas para poder participar plenamente do processo político. Isso requer identidades cuja definição se espera que se mantenha estável, a fim de conceder ou retirar direitos. A teoria queer rejeita, de forma consciente, a ideia de identidades fixas, sendo queer um

12 N.T. Em livre tradução "Não Pergunte, Não Conte"; refere-se a uma medida criada em 1993 pelo então presidente dos Estados Unidos Bill Clinton,

que proibia a permanência nas forças armadas de pessoas LGBT abertamente assumidas. Em 2010, o então presidente Barack Obama assinou a revogação da lei.

termo que, de propósito, não fornece identidade estável. Assim, a libertação queer tem pouco a ver com o objetivo assimilacionista do movimento LGBT e sua limitada política de identidade.

### **Em direção à teoria anarquista queer**

A teoria queer, como uma investigação acadêmica, seguiu uma trajetória diferente de outros estudos acadêmicos baseados em identidade (estudos étnicos e estudos de mulheres, entre outros), pois a teoria queer foi desenvolvida na academia, em vez de se desenvolver a partir de uma luta das massas. Por causa disso, a teoria queer permaneceu principalmente na academia, em vez de se espalhar pra população em geral. No entanto, o confinamento da teoria queer à torre de marfim não é completo. É fato que, dentro de círculos anarquistas, certos conceitos se tornaram bastante populares. O principal exemplo disso é a noção de gênero-queer e a crítica mais ampla à binariedade de gênero. Com base na teoria da performatividade de Butler, ser gênero-queer indica uma recusa da dicotomia tradicional masculino/feminino, já que o gênero é construído de acordo com os desejos individuais.

Contudo, também existem aspectos da teoria queer que merecem um exame crítico e levam a outras questões. Um desses aspectos é o individualismo da performatividade, pois se analisa principalmente a identidade de gênero de um indivíduo em relação à ficção coletiva de gênero que é imposta. A pergunta então a ser feita é: se o gênero é uma ficção coletiva usada pra controlar as pessoas, então como nós, anarquistas, abolimos essa ferramenta de dominação? Uma abordagem de base individual é suficiente, ou é necessária uma ação coletiva?

Outra questão é a dicotomia essencialismo *versus* construção social, que se tornou bastante simplificada. Ainda que a base filosófica do essencialismo seja obviamente problemática, isso significa que a análise que utiliza categorias fixas é igualmente problemática? Pode o Estado ser visto como uma força essencializante, enquanto a teoria queer analisa a relação do Estado com quem é essencializado, ao mesmo tempo que tenta subverter o próprio processo de essencialização?

Espero ver o desenvolvimento da teoria queer anarquista pra discutir essas e outras questões. Embora existam desafios inerentes a esse projeto (dada a natureza acadêmica da teoria queer), tal teoria tem muito a oferecer à teoria e à prática anarquistas. De fato, mesmo das maneiras limitadas em que já alcançou o pensamento anarquista, ela se provou libertadora e útil. Espero que este ensaio sirva como ponto de partida pra novas discussões e debates sobre o assunto.

## **Reflexões sobre a extinção da Bash Back!**

de Pink And Black Attack 6

Bash Back! começou em 2007 como uma rede de anarquistas queer, com o intuito de formar uma presença especificamente queer nos protestos durante a Convenção Nacional Democrata e a Convenção Nacional Republicana no verão de 2008, já que se sentia essa ausência em mobilizações passadas. A Bash Back! se expandiu rápido, com levantes por todos os Estados Unidos. Um dos principais temas da convergência da Bash Back! 2010 foi a afirmação "A Bash Back! morreu". Gostaria de apresentar algumas reflexões sobre essa afirmação e suas implicações.

### **Na rede**

Bash Back! foi formada como uma rede com um objetivo específico em mente: os protestos durante as convenções CND/CNR. No momento da formação da BB!, não existiam organizações/redes nacionais específicas pra queers anarquistas. Embora grupos queer anarquistas existam, há anos, em cidades e regiões específicas, esses grupos têm um foco local. Bash Back! foi formada pra suprir a necessidade de uma rede nacional de anarcoqueers, o que provou seu rápido crescimento e popularidade. O estabelecimento de uma rede nacional foi considerado útil, na época, por sua capacidade de reunir um grande número de queers anarquistas na resistência às convenções/cúpulas mencionadas anteriormente. Isso também revela o desejo de muitas pessoas por manifestarem-se especificamente em torno dessa identidade.

Pontos de unidade foram adotados e mais levantes surgiram por todo o país. O único requisito pra adesão era a adoção dos pontos de unidade, o que resultou na criação de uma rede de levantes descentralizada e bem informal (com certa presença

internacional). A estrutura da rede também facilitou a expansão rápida, porque não operava a partir dos princípios tradicionais e formais de organização, e, em vez disso, concentrou-se na construção de uma rede entre levantes locais autônomos. A ênfase foi colocada na tomada de ação. A unidade ideológica e tática não foi priorizada acima dos pontos de unidade. Mesmo esses pontos ofereceram apenas uma estrutura básica com definições amplas como de antiopressão, antiassimilação, libertação e uma diversidade de táticas. A Bash Back!, como rede e não como organização formal (tipo uma associação), não fez nenhuma tentativa formal de definir sua análise política.

Os levantes locais que compunham a Bash Back! não eram nada homogêneos. Os levantes estavam ligados apenas por um nome e às vezes por algumas conexões sociais, sendo cada um único na forma como se formava, operava e o que fazia. Por isso é difícil falar das pessoas que compunham a Bash Back! como um grupo distinto, já que não havia uma unidade ideológica implicada na associação à Bash Back!, e a adesão também não era controlada ou rastreada de nenhum jeito. Alguns levantes eram mais ativos que outros, o Centro-Oeste teve uma alta concentração de levantes especialmente ativos.

Embora não existisse uma organização central pra Bash Back!, ainda aconteciam convergências nacionais após a convergência fundadora. As convergências são diferentes de convenções ou conferências, pois a participação não se limitou às pessoas membras da organização, e nenhuma decisão sobre a rede em si foi tomada. Em vez disso, as convergências focaram no fortalecimento da rede, num sentido informal.

## **Sobre a tensão e a morte da Bash Back!**

*Nossa violência é de substância ou de imagem?*

Perguntas a serem feitas antes da convergência da Bash Back! em Denver

Quando a BB! iniciou sua rápida expansão (depois do verão de 2008), questões de unidade política começaram a surgir, culminando em conflitos na convergência de 2009. Uma das razões é que, com o crescimento da Bash Back! por todo o continente, as conexões pessoais que tinham sido estabelecidas devido à relativa proximidade dos primeiros levantes não existiam mais. Ainda que

não tenha existido uma posição política formal pra organização, de maneira informal parecia que os primeiros levantes tinham forte afinidade entre si, em especial taticamente. Na convergência de 2009, surgiram fortes desacordos (políticos e táticos) entre participantes de uma ação. Com a ausência de fortes conexões pessoais, esses conflitos foram intensificados.

Na época da convergência de 2009, as ações da Bash Back! que envolviam vários levantes também se tornaram menos frequentes. As ações foram tomadas por levantes individuais, em vez dos múltiplos levantes que estavam envolvidos nos protestos das CND/CNR, na ação da Igreja Mt. Hope, e na campanha Avenue Duanna. Embora seja impossível identificar uma única razão pra esse declínio, é provável que a diminuição de ações compostas por vários levantes tenha contribuído pra decaída da unidade tática.

A formação de conexões pessoais, resultado de agir em conjunto, diminuiu conforme a BB! cresceu. Isso não é necessariamente ruim, pois pode indicar uma mudança de foco pro trabalho local ou pra atividades clandestinas. Em todo caso, indica um enfraquecimento dos laços entre levantes que caracterizaram a origem da Bash Back!

As diferenças políticas e táticas, incapazes de serem resolvidas por qualquer processo organizacional dentro da Bash Back!, tornaram-se visões concorrentes sobre a organização. Na convergência de 2010, isso culminou em uma discussão sobre o futuro da BB!. As visões adversárias sobre a Bash Back! centralizaram-se na forma organizacional do grupo. Algumas pessoas defendiam uma forma organizacional mais semelhante a uma associação, com relações formalizadas entre os levantes e uma ênfase mais forte na unidade política/teórica. Outras afirmaram que a Bash Back! tinha morrido/deveria morrer como organização.

Muitos pontos seriam questionados mais tarde: a questão da organização *versus* o antiorganizacionismo, a afirmação da identidade queer *versus* a negação da identidade, quem defendia a não violência *versus* quem reivindicava uma diversidade de táticas, autonomia *versus* revolta, construção de uma libertação queer autônoma que desloca o poder estatal/heterossexual *versus* destruição do existente. É necessário aqui expor o papel da identidade na criação dessas tensões. Quem achava que a autoidentificação era a base necessária pra se inserir na luta colidia com quem enxergava compreensibilidade e identificação como necessariamente recuperação da luta.

Algumas pessoas disseram que a Bash Back! estava morta logo antes da convergência de 2010 em Denver. Embora a veracidade da declaração ainda seja um ponto de contenda, a ideia da Bash Back! estar morta oferece um excelente ponto de partida pra uma discussão sobre o papel da Bash Back!

Como uma rede informal, a BB! nunca se concentrou em tarefas de organizações formais, como inscrever as pessoas membras, orientar educação política ou definir campanhas ou orientações estratégicas. Essas tarefas, se fossem realizadas, eram relegadas pra cada levante. Assim, é difícil falar sobre a BB! como um todo, porque ela não tinha posições ou políticas organizacionais explícitas.

De fato, os levantes pelo país variavam em tamanho, atividade e organização. Alguns levantes recrutavam abertamente, enquanto outros se estabeleciam a partir de redes preexistentes de amigos e camaradas. As grandes diferenças entre os levantes tornam a discussão sobre a BB! problemática, porque o que constituía a BB! nunca foi definido explicitamente pra além de um acordo em relação aos pontos de unidade. A facilidade de se juntar à BB! permitiu um crescimento enorme em termos de visibilidade e números, com ações por todo o país sendo reivindicadas pelas pessoas e levantes da BB!.

## Sobre organização

*Se algum dia tivermos uma lista de participantes, pode deixar a gente de fora*

Perguntas a serem feitas antes da convergência da Bash Back! em Denver

A forma organizacional extremamente descentralizada, que a Bash Back! adotou desde o início, trouxe consigo limites e *trade-offs*. Esses limites, junto com a formação da BB! que tem como base a identidade, podem fornecer alguns *insights* teóricos sobre a ascensão e queda da Bash Back!.

Unidade política e teórica não era uma prioridade pra Bash Back!, a ação e a formação de rede eram o principal ímpeto e expressão. Ainda que isso não seja inerentemente problemático, as contradições internas da identidade queer resultaram em complicações na tentativa de construir uma rede de anarquistas queer. Já que queer é, de maneira ampla, entendida como uma

identidade explicitamente social, e não uma identidade explicitamente política, as visões políticas das pessoas que constituíam a Bash Back! variavam tremendamente. Isso aconteceu apesar dos princípios anarquistas da BB!; "anarquista" foi usado no sentido de uma identidade política passiva, em vez de afirmar qualquer unidade política específica. A falta de afinidade política se tornou problemática quando a adesão se baseou em uma identidade social. Isso limitou as opções que a Bash Back! tinha quanto à forma organizacional, pois qualquer mudança em direção a uma estrutura formalizada, como o modelo de associação, seria dificultada pela falta de unidade ideológica entre participantes definidos de maneira vaga. A forma organizacional da Bash Back! também teve implicações na longevidade do grupo. Na falta de uma adesão mais solidamente definida, responsabilidades delegadas, estratégia e objetivos especificados, a BB! não tinha processos pelos quais se sustentar de maneira oficial. Como dito anteriormente, o grupo foi fundado com ênfase na formação de redes para um conjunto específico de ações (protestos das CND/CNR), ou seja, pra atender a uma necessidade específica. Em vez de focar na permanência organizacional por si só, a Bash Back! se apoiava numa estrutura mínima necessária pra atingir seu objetivo de construir uma rede de anarquistas queer.

A organização em resposta a uma necessidade específica tira a importância da permanência organizacional logo que a necessidade é atendida. Se a permanência organizacional vira uma preocupação secundária, o desaparecimento de uma organização não é indesejável. Na verdade, a dissolução é uma alternativa preferível a continuar uma organização só por continuar. O resultado de transformar uma rede altamente descentralizada em uma organização mais formal mudaria irrevogavelmente o caráter da organização. O desejo de tentar uma reestruturação tão radical de uma organização que já existe indica que a ênfase foi colocada no nome e no legado da organização em vez das ações que criaram sua reputação. Se uma organização não está atendendo às necessidades das pessoas devido a limites estruturais, parece mais lógico descartá-la.

## O fim

*Foder, foder sem parar*

escrito na parede durante o debate de planejamento de ação,  
na convergência da BB! em maio de 2010

Bash Back!, no início, foi uma tentativa de preencher um vazio — a falta de uma rede anarquista queer. Bash Back! foi construída pela afinidade entre participantes, e essa afinidade foi expressa por meio da ação, e novos levantes surgiram como resultado de uma certa ressonância transmitida pelas ações Bash Back!. As origens da Bash Back! como uma tendência baseada na ressonância tanto promoveram seu crescimento quanto permitiram que diferentes levantes reinventassem a Bash Back! a partir de desejos políticos particulares e situações locais de luta. O *status* da Bash Back! como rede impôs certos limites; limites que não poderiam ser quebrados sem transformações fundamentais em relação ao modelo que permitiu seu sucesso inicial.

Falar da morte de uma organização geralmente tem uma conotação negativa, mas isso se baseia na suposição de que a permanência organizacional é uma coisa boa. Pra além dessa suposição, surge a pergunta: alcançamos nossos objetivos com essa organização, ou seja, com essa ferramenta? Se a resposta for afirmativa, se a organização foi levada ao seu limite, então talvez sua morte seja merecida. Mesmo se a Bash Back! estiver morta, o ressurgimento da atividade e da rede anarcoqueer sobrevive. Hoje existem relações que não teriam existido se a Bash Back! nunca tivesse se formado. Quando nossos projetos param de ter utilidade, deixá-los morrer não é motivo de preocupação.

## Entrevista com uma das pessoas que editam a Pink And Black Attack

1. *O que é o Pink and Black Attack? O que é um ataque rosa e preto? Quais são as suas intenções?*

Pink and Black Attack é um periódico anarcoqueer. Não sei muito bem o que é um ataque rosa e preto, escolhi o nome só porque rimava. Se fosse pra fazer de novo, eu teria escolhido um nome diferente. A intenção do projeto sempre foi criar uma literatura queer anarquista com foco em atacar a ordem existente, em vez de ser um zine sobre assuntos pessoais ou algo do tipo.

2. *Como o PABA circulou? Como foi recebido?*

O PABA circulou principalmente pela internet, todas as edições estão no site *zinelibrary*. Apresentei alguns exemplares em feiras de livros locais, e coloquei outras em consignação em algumas livrarias. Mas a maior parte da circulação foi pela internet. Quanto à recepção, o feedback que recebi foi na maioria das vezes positivo. É difícil dizer, na verdade, porque é impossível saber exatamente quantas pessoas estão lendo cada edição.

3. *Qual foi a relação do jornal com a BB! e como o projeto do periódico mudou desde a morte da BB!?*

O jornal nunca teve uma relação oficial com a BB!, mas foi inspirado por sua existência, e todo mundo que se envolveu com o jornal também esteve envolvido com a BB! em algum nível. O PABA foi criado pra publicar informações, notícias e análises pra queers radicais, já que a anarquia queer estava ganhando popularidade por causa da BB!. O público-alvo inicial era, basicamente,

as pessoas que faziam parte da BB!. É óbvio que isso nunca foi oficial, mas éramos o único grupo dando conta de um periódico consistente.

Sendo a ação e as notícias uma parte tão importante do PABA, ficou mais difícil manter o zine desde que a BB! morreu. A edição 7, que deve sair em breve, será o último zine. Isso vai acontecer por diversas razões, mas a morte da BB! com certeza tem um peso nessa decisão.

*4. Até que ponto e como o PABA influenciou e foi influenciado pela atividade anarcoqueer no Noroeste Pacífico?*

Como eu disse anteriormente, todo mundo que já trabalhou no zine esteve envolvido com a Bash Back! e, por isso, é claro que foi muito influenciado pelas atividades anarcoqueers da região. Quanto à influência do PABA na atividade, não sei bem se isso realmente aconteceu.

*5. A seu ver, quais são as limitações de outras publicações radicais queer?*

Eu vejo muitos zines queer focados apenas em experiências pessoais. Não estou dizendo que isso é necessariamente ruim, mas acho importante ter material queer radical que defenda o ataque ao capital e aos sistemas de dominação que ditam nossas vidas. Acho que estou acostumado a ver zines queer que são mais direcionados a uma cultura específica de zines com a qual nunca me envolvi de verdade. As experiências individuais das pessoas são importantes, é óbvio, e, afinal, são a base da luta. Mas acho necessário fazer circular um material que vá além do pessoal e aborde teoria e prática pra queers anarquistas.

Acho que outro problema das publicações queer radicais é que muitas estão presas à mentalidade de precisar sempre se limitar ao básico. O que quero dizer é que entendo que todo mundo precisa começar do começo, mas também acho importante não nos limitarmos a um entendimento superficial da identidade queer. Isso também motivou o PABA: expandir o discurso anarcoqueer pra além das oficinas introdutórias.

## 6. *Como tem sido o feedback negativo?*

Então, houve uma controvérsia em torno da edição número 4, porque usamos uma imagem racista sem sabermos de onde tinha vindo. Por causa disso recebemos muita crítica, mas a gente pediu desculpas e acabou alterando a imagem e relançando a edição. Esse foi o maior incidente de *feedback* negativo.

Tirando isso, nosso design foi criticado, principalmente nas duas primeiras edições. A maioria das críticas foi construtiva, e as primeiras duas edições tinham mesmo um design bem horrível. Mas acho que, com o tempo, o design do PABA melhorou. Em relação ao conteúdo, as pessoas criticaram vários textos que publicamos, mas isso é de se esperar. Algumas pessoas gostam de certos textos, outras não.

## 7. *Quais são os outros motivos pra não fazer mais o PABA?*

Eu mudei muito desde que comecei o projeto, e minhas ideias são bem diferentes de quando montei a edição número 1. Não sei bem se o formato periódico é apropriado pras ideias que tenho interesse em explorar e divulgar atualmente. E também, como disse antes, tem sido mais difícil manter o zine desde que a BB! morreu, porque o meio social do qual se originou e com o qual mantinha interlocução está muito mais silencioso. Não estou dizendo que isso é ruim, é só mais uma razão pra desistir do zine.

Um dos meus primeiros objetivos ao começar o PABA era articular uma análise explicitamente anarcoqueer, e criar material pra preencher uma lacuna de publicação queer anarquista. Não sou arrogante ao ponto de dizer que o PABA preencheu essa lacuna, mas acho sim que as contribuições do PABA e de sua distribuição foram significativas. Muito material surgiu de vários projetos diferentes num curto período de tempo, e fico feliz que o PABA tenha feito parte disso.

## 8. *De quais maneiras o projeto atendeu às suas ambições e de quais maneiras não?*

Essa é uma pergunta difícil, porque não tenho certeza quais eram as minhas ambições. Não sei, muitas pessoas leem, e algumas dessas pessoas encontram algo de valor ali. Por outro lado, ter publicado o PABA não destruiu a sociedade de classes e

o cis-heterossexismo. Com certeza não me arrependo de ter feito o projeto, e fico feliz por ele ter contribuído pro ressurgimento da atividade e literatura queer anarquista. Mas, no final das contas, o PABA é só mais um periódico anarquista de vida curta. É claro que eu queria que mais gente tivesse lido, mas acho que foi muito bem considerando a distribuição feita principalmente pela internet.

Acho que, no final das contas, não sei dizer se o PABA foi um sucesso ou um fracasso. Sei que me ensinou muito, e me ajudou a construir algumas das amizades que mais valorizo hoje.

**A  
POLÍTICA  
NÃO É  
UMA  
BANANA**

## Sexo em público e guerra social

O ensaio a seguir foi publicado originalmente num livrinho fofo, o *Politics is Not a Banana; What Are You Doing After the Orgy or the Insurrection or Whatever?* [A política não é uma banana; O que vocês vão fazer depois da orgia ou da insurreição ou do que for?], pelo Institute for Experimental Freedom [Instituto pela Liberdade Experimental]. Uma exploração teórica do potencial confrontante do sexo em público, ele foi escrito quando a Bash Back! estava organizando ocupações de sexo em público e vários esforços pra subverter o espaço público.

## Sexo em público e guerra social

Pierres traçam a borda da metrópole, penetrando o porto. Chegando perto, torna-se visível que dúzias de corpos se derretem uns nos outros, criando uma circuitaria de prazer nos então abandonados condutos do capital. A cada noite e em toda parte, exoesqueletos do pós-indústria são arregaçados; prédios são ocupados pra noites de orgia precária. Toda uma frota de caminhões em pedaços torna-se um labirinto de cavernas — e no breu de cada caminhão irrompe uma cacofonia de toque, metecção e gozo anônimos. Espaços abandonados como zonas de jogo pra corpos-em-via-de-ser. Trocar olhares num parque ou num vagão do metrô como um esquema pra transar na hora do almoço num beco ou numa escada. Gesto de encontro em potencial.

Algumas pessoas nomearam esse período de sexo em público, entre as revoltas de Stonewall e o ataque devastador da AIDS, como o "período mais sexualmente livre da história". Ao invés disso, o vemos como "um momento de resistência contra o controle social ou uma libertação do poder" espremida pelos espectros do biopoder. Ainda mais importante, vemos esse momento como parte de uma linhagem de subversão, manchada de suor, que, ah!, é nossa herança por direito.

Marcamos o espaço público como o domínio da metrópole — o espaço onde o controle social está mais amplificado e abrangente. Biopoder é o nome que damos à força que governa não somente nossos corpos, mas o espaço entre nossos corpos. A lógica do que é público é aquela da alienação. Uma síntese disjuntiva que rastreia átomos através dos fluxos do capital. Milhões de órgãos produzem uma coesão abismal, mesmo assim, as quarenta pessoas no ônibus nem sonham em fazer contato visual. O ritmo mais bunda-mole dita o que é público. Essa merda é a fábrica.

"Não ligo pro que esses viados fazem, só não quero ter que ver." O público é dessexualizado — um deserto de corpos estéreis. "O que se faz na privacidade do quarto de cada pessoa é problema dela." A conclusão disso é que nossos eus públicos ficam à disposição de agentes do biopoder.

Sexo em público, então, é uma greve biopolítica — um ataque de corpos desejanter contra esse mundo de merda em que vivemos. Ao transar onde a gente quiser, agimos pra sabotar os mecanismos de controle social. Recusamos nosso relacionamento com a fábrica, e deixamos de trabalhar — escolhemos, em vez disso, agir apenas nas potências que nos levem aos gozos mais explosivos e perigosos. Ao fazer do público uma orgia, criamos zonas de indeterminação, nas quais formas-de-vida inéditas se acoplam com afetos selvagens e desejos liberados. A orgia pública como uma zona autônoma — como a ingovernabilidade erótica das crianças bastardas do biopoder.

Um contrapúblico sexual se torna aquele de uma síntese expansiva, inclusiva. Prédios perdem seus sentidos originais — tornam-se pontos de encontro pros flertes sórdidos de hoje à noite. Parques, pontes e piers são reinscritos de significado como playgrounds sem limite pro desejo. Lindas singularidades andam juntas no metrô, imbuídas com potenciais de outro mundo, como coconspiradoras em insurreição contra a esterilidade e o horror do capitalismo pós-moderno. A metrópole é vista da perspectiva de seu potencial — de quais formas ela pode nos fazer gozar. As ruas não mais direcionam os fluxos do império. Em vez disso, tornam-se pontos-de-partida pra corpos que se encontram em revolta extática. Os apps se tornam irrelevantes conforme os fluxos de decadência se reterritorializam. Chamar de "ocupação" qualquer coisa menos que isso significa pouco-ou-nada.

Estamos aí na luta pra materializar uma indistinção entre os *modos de prazer* e *o resto de nossas vidas horríveis*. Em outras palavras, queremos colapsar as categorias de "sexo" e "vida cotidiana" em uma pane seminal da normalidade. Mapear uma linha-de-fuga em direção à prazerabilidade e ao orgasmo criminoso, ainda impossíveis.

Tais linhas-de-fuga, se juntas a outras, podem levar à crise, na medida em que populações inteiras são sensibilizadas sobre as singularidades des participantes, combinando potenciais e criando novos. Se o sentido é um *encontro de forças*, e uma coisa pode ter tantos sentidos quanto existem forças capazes de abarcá-la, então

a força dos seus lábios no meu pescoço e o peso dos seus quadris contra os meus cria uma região de claridade, que goza sentido nas paredes. Talvez possamos chamar isso de uma infusão de vida.

Chamamos esse em-via-de-ser – de uma dança acelerante de gênese e aniquilação; invenção carnal, como dizem. Enquanto gozamos em conjunção, extraímos entre nós afetos virtuais imensos: formas pelas quais corpos se conectam entre si e com o mundo. Combinamos as formas e as atualizamos na carne. Um em-via-de-ser-monstruosidade.

Em-via-de-ser, começar com o desejo pra além da limitação corporal, desvairar o hábito; ampliar uma lacuna que é preenchida – de novo e de novo – com potencial. Re-tornar-se indomestível. Re-erotizar o espaço público. Na orgia, podemos abrir num rasgo o tecido do controle social, criando zonas cada vez mais amplas de autonomia povoadas por cada vez mais singularidades deliciosas, cada uma contendo uma geografia virtual-sexual desconhecida a este mundo.

Temos dezessete anos e transamos no museu público. Estou de joelhos com seu pau na minha boca, ao redor tem arte maia e estátuas de tigre. Nossos sussurros baixos e respiração frenética formam uma linguagem de poder secreta. E nós, em via de ser monstruosos, comendo-tudo que é restrição e desculpa. O mundo arrebenta enquanto a gente goza, mas isso não basta. Queremos tudo, é óbvio – expropriar o espaço público como uma zona selvagem de em-via-de-ser-orgia, e destruir o que estiver pelo caminho.

# BASH BACK! DE CHICAGO & NOT YR CISTER<sup>13</sup>

13 N.T. O nome da editora faz uma crítica ao uso de "sister", "irmã/mana", no meio feminista, como a associação somente entre mulheres cisgênero, excluindo as mulheres trans. Uma possível tradução sonora, mais longa, seria "No seu sistema não sou sua mana".

## **"Deixem as mulheres trans falarem!" Rumo a um transfeminismo insurrecional**

Os dois textos a seguir, "Deixem as mulheres trans falarem!" e Rumo a um transfeminismo insurrecional, emergiram ambos de um grupo de pessoas envolvidas com a Bash Back!, particularmente nos arredores de Chicago. Esses textos circularam pela internet no verão de 2010, primeiro através da Bash Back! News, mas também através do blog da Not Yr Cister, distrito de Chicago, um projeto de distribuição de literatura transfeminista insurrecional. Na sequência desses materiais, se encontra uma carta, em resposta a quem edita Pink and Black Attack, que nunca foi publicada antes. Além disso, conduzimos e incluímos uma entrevista com uma pessoa que edita a Not Yr Cister (que antes fazia parte da BB! Chicago).

**"Deixem as mulheres trans falarem!":  
uma resposta à Camp Trans 2010**  
por umas Vadias Totalmente Artificiais

*Nós vadias estamos com os nervos em frangalhos. Ao longo da última semana, tudo, ou quase tudo, nos feriu, e o que não feriu foi no mínimo irritante. O que vem a seguir é uma breve análise dos eventos desse ano da Camp Trans, e o diálogo resultante dos momentos de hostilidade que vieram à tona por causa desses acontecimentos. Não arregamos diante de conflitos, e esta é nossa tentativa de elaborar a guerra civil que subjaz na fratura da Camp Trans:*

Ainda que essa história pudesse muito bem ter começado vários anos atrás, talvez baste dizer que o Michigan Womyn's Music Festival — com sua política de entrada pra "mulheres-nas-cidas-mulheres" — nasceu de um desejo feminista de policiar corpos pra garantir que fossem de Mulher o suficiente, construindo assim uma "sororidade" positiva longe do patriarcado, cujo poder político pelo visto goza da porra de um pênis. A Camp Trans começou como uma "comunidade" baseada no apoio à inclusão das mulheres trans nesse festival virulentamente transfóbico, a partir do lema "Espaço pra todos os Tipos de Mulheres". São esses legados que nos trazem à semana passada. O conflito começa na vigília anual nos portões do MichFest: abordaram um caminhão guincho pedindo que o motor fosse desligado, porque a história da Camp estava sendo contada, o motorista do guincho ameaça matar duas pessoas trans, dirige-se agressivamente a uma mulher trans no masculino, e, por fim, com uma grande corrente de guincho, ameaça matar todas as pessoas trans que vieram acudir suas amigadas. Pessoas que estavam trabalhando na MichFest formaram uma barreira entre a galera da Camp e o motorista, enquanto inflavam o ego dele. De várias maneiras,

tudo isso é comum acontecer com quem desafia a violência social de gênero, de formas impensáveis, todo dia. A base do conflito reside não nesse confronto, mas na resposta à agressão da ampla "comunidade Camp Trans". Reuniões da comunidade começaram com chamados pra tratar sobre como aquelas pessoas enfurecidas com a agressão eram "gatilhos" pra outras, por causa dos "gritos agressivos" e "energia violenta" daquelas diretamente envolvidas com a defesa de suas amigas contra a violência patriarcal, um grupo majoritariamente de pessoas que se identificam como mulheres trans e gênero-queer. Enquanto as pessoas que tiveram suas vidas ameaçadas buscaram reagir imediatamente, a reunião de consenso da comunidade não quis discutir como se daria a reação até que, por fim, se recusou a tomar uma atitude porque "mulheres trans se sentem desconfortáveis com a situação". Isso culminou em uma "célula política de mulheres trans" que afirmou sua intenção de assimilar-se ao MichFest e construir seu próprio acampamento lá, apesar do fato de terem visto com os próprios olhos mulheres trans quase serem mortas, sem reação nenhuma por parte do MichFest. Quando outras mulheres trans campistas falaram pra verbalizar sua indignação contra a cumplicidade com essa violência, alguém berrou, "Deixem as mulheres trans falarem!". Esse silenciamento é o contexto no qual escrevemos. Enquanto A Voz das Mulheres Trans se pronunciou, nós, algumas das mulheres trans artificiais e abjetas, permanecemos discursivamente apagadas da conversa, num sacrifício à política de identidade. Mas, foda-se, não vamos mais calar a boca.

No fim das contas, vemos os eventos desse ano da Camp Trans como ainda outra falha da política de identidade e sua forma correlata, a Comunidade. Nos eventos desse ano da Camp Trans, de novo vemos a comunidade sendo usada como aparato pra arrefecer a potencialidade da luta radical. Observamos como as vozes das mulheres trans mais reacionárias e assimilacionistas foram chamadas pra falar "pela maioria das mulheres trans na Camp" em prol de ignorar a agressão e se juntar às festividades do MichFest. Algumas chegaram a dizer na célula que elas "queriam passar por mulheres, e mulheres não são violentas." Consequentemente, circularam rumores de que aquelas mulheres trans – que, diante de serem surradas quase até a morte, tiveram uma reação não pacifista – eram secretamente "homens cis se apropriando das experiências de mulheres pra justificarem suas atitudes violentas." Para nós, nas palavras de um jornal europeu pouco

conhecido, a violência foi tomada de nós, e hoje temos que tomá-la de volta: dos motoristas de guincho e dos festivais musicais transfóbicos e de todas as pessoas que buscam usar nossos corpos como capital político pra levar políticas liberais adiante.

O que está em jogo ao continuar na linha-de-fuga do ativismo liberal nos parece evidente agora. O ativismo trans não nos levou rumo à destruição do terror de gênero. Saímos da mulher-como-útero à mulher-como-níveis-de-estrogênio e mulher-como-resposta-pacífica-amorosa-à-opressão. Nesse sentido, a Camp Trans representa o novo fio de corte do patriarcado, um em que cidadãos da Comunidade substituem o Patriarca ou homens-como-uma-classe e agem como polícia pra suprimir a resistência fora dos processos legais, além de garantir que exista somente uma Voz das Mulheres Trans ressoando através do policiamento-de-gênero. Permanecemos comprometidas com a luta de atíçar nosso poder pra cima de quem nos sujeitaria às piores formas de violência de gênero, estejam na Terra consagrada do MichFest ou em nossa própria "comunidade". De agora em diante, a única força que tem chance de arruinar as forças que arruinam nossas vidas é aquela construída na amizade, afinidade e em desejos compartilhados de acabar com a dominação. Foda-se o essencialismo de gênero, as reuniões em busca de consenso morno, o pacifismo feminista privilegiado e aqueles aparatos ou pessoas que tentam falar por nós em nome de qualquer mulher ou pessoa trans ou o que for. Vamos demolir tudo. Somos vadias destruidoras, temos nossas próprias vozes e de agora em diante seremos as únicas falando por nós mesmas ou nada feito. Cola com a gente ou sai da frente.

## Rumo a um transfeminismo insurrecional

por Umas Travas Dissimuladas

Uma nota sobre gênero:

*Este ensaio lida com as histórias discursivas e materiais de pessoas a quem me refiro como "mulheres trans", que defino de forma ampla como qualquer pessoa que não foi designada mulher ao nascer e experiencia seu corpo como de mulher, que vive seu gênero de um jeito que pode ser tomado como de mulher, e/ou que se identifica como mulher/no espectro-transfeminino/transfeminista. Uso esse termo com um certo grau de hesitação e meio relutante, pois ele sem dúvida apaga as complexidades da minha experiência de gênero, mas tenho como objetivo me referir com amplitude às pessoas que foram coercitivamente designadas com outras categorias de gênero que não Mulher, mas ainda herdaram muito do legado de tal categoria.*

Pessoas trans permanecem como estranhas e rejeitadas em muitos dos discursos contemporâneos do feminismo insurrecional. Ensaios sobre perpetradores de agressão sexual "com corpo de homem" e pessoas "socializadas homens e mulheres" parecem deixar muito por analisar, considerando as formas pelas quais pessoas trans mostram a conexão histórica entre o funcionamento dos sistemas de gênero e o desenvolvimento do capitalismo como um sistema. É nesse contexto em que intervimos discursivamente com o que podemos chamar de transfeminismo insurrecional, uma perspectiva que destacadamente analisa os modos pelos quais corpos trans se relacionam com o legado do capitalismo e as possibilidades de viver o comunismo e espalhar a anarquia. Isso definitivamente \*não\* é um apelo pra inclusão, nem é uma articulação de política de identidade, mas uma articulação de por

que podemos nos dedicar a uma insurreição e comunizar com quem compartilha dos nossos desejos e, talvez, isso também seja um conjunto de ideias preliminares sobre como nossas posições podem ser usadas em tais processos. Porém, pra imaginar as possibilidades de subversão, precisamos primeiro reconhecer as relações históricas do capitalismo com a formulação da temática trans.

A relação entre capitalismo e temática trans é controversa. Enquanto intelectuais, como Leslie Feinberg, buscaram montar uma narrativa universal e a-histórica das pessoas trans pelo mundo, consideramos essa tarefa fadada ao fracasso, pois não leva em conta as condições sociais e econômicas precisas que deram surgimento a cada instância específica de variação de gênero. A não conformidade de gênero não é um fenômeno estável ou coerente que aparece na história por causa das mesmas condições, mas pode ter uma multiplicidade de sentidos em cada contexto. Ainda que, sem dúvida, possa ser útil analisar as formas pelas quais o capitalismo instituiu sistemas de gênero binários como maneira de organizar o trabalho reprodutivo em contextos coloniais com diferentes sistemas de gênero, nós começaremos, pros objetivos deste ensaio, com a noção de transexual no contexto dos Estados Unidos no começo do século XX, onde as primeiras narrativas de transexualidade começaram a aparecer. Essas narrativas estão intimamente ligadas à ascensão das incursões capitalistas em procedimentos médicos experimentais, que fizeram surgir as primeiras formas de cirurgia de reatribuição de gênero. Pelos anos 1950, a transexualidade ganhou atenção pública nos Estados Unidos com a cirurgia de reatribuição de gênero de Christine Jorgensen<sup>14</sup>. A narrativa de Jorgensen, assim como outras de vinte anos antes dela, tornou-se um modelo pra narrativa da identidade transexual, na qual a pessoa sente que está no "corpo errado" e que a cirurgia a fez sentir-se completa e aliviada do imenso sentimento de disforia corporal, tornando-a

14 N.T. Nota tomada da cronologia no site Trans Media Watch, nossa tradução: "1952-3, Dinamarca e Estados Unidos: Christine Jorgensen (1926-89). No primeiro de dezembro, a capa do *New York Daily News* traz uma história sensacional – 'Ex-Militar se Torna Beleza Loira' – alegando que Jorgensen (que

na época estava na Dinamarca) foi a primeira a receber uma 'mudança de sexo'. Porém, não foi uma vaginoplastia, como geralmente se afirma, mas uma vulvoplastia cosmética". No Brasil, a primeira mulher trans a fazer essa operação foi Waldirene Nogueira, em 1971.

uma mulher de verdade. É nessa narrativa que vemos as experiências de disforia de gênero tomarem forma, definindo a posição subjetiva concreta de quem é "trans".

Ao mesmo tempo, na medida em que o capital criou a habilidade pra pessoas trans modificarem seus corpos do jeito que lhes pareça apropriado, ele também proliferou os meios pelos quais disciplinar o corpo trans, usando aparatos biomédicos e psicológicos. Dois dos aparatos mais significativos pra esse fim são as Standards of Care [Normas de Atenção], que reforçam padrões rigorosos de feminilidade e passabilidade como primeiros passos necessários rumo ao acesso às tecnologias médicas de transição, assim como as "escolas de etiqueta" que faziam par às clínicas GID<sup>15</sup>, que buscavam ressocializar adequadamente mulheres trans como "damas respeitáveis" com modos, graça e todas as artimanhas femininas das "mulheres naturais". Os desejos da sujeita trans são facilmente moldados pra serem lucrativos ao capitalismo, seja em incontáveis sessões de depilação a laser, em cirurgias de reatribuição de gênero ou em terapia hormonal. Ou seja, a subjetividade trans está amarrada às condições do capitalismo e às técnicas disciplinárias que lhe deram origem. No entanto, usamos essas palavras cuidadosamente, uma vez que reconhecemos as formas pelas quais "radicais" e "feministas" as usaram como meio pra construir uma ideia de mulheres trans como criadas pelo capitalismo enquanto penetradoras da vaidade e dos artefatos artificiais de feminilidade. Porém, o caráter construído da sujeita trans e do corpo trans está tão ligado à história do capitalismo e da dominação quanto o caráter construído da mulher como identidade e corpo, assim como o caráter construído de identidades e corpos racializados.

Não queremos insinuar que a identidade trans se baseia em uma forma específica de modificação corporal ou acesso à tecnologia médica, mas sim que essas primeiras narrativas de experiência trans e de técnicas disciplinárias a moldar tais identidades

15 N.T. GID (Gender Identity Disorder).

A partir da 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2013, passou a significar Gender Identity Dysphoria. No Brasil, atualmente o Conselho Federal de Medicina recomenda o uso de incongruência de gênero.

são fundacionais. Assim, a identidade trans cresceu a partir delas, seja em um sentido amplo – de constituir uma "comunidade trans" política na base de compartilhar um sentimento de disforia –, seja na emersão de gênero-queer como uma subjetividade politizada que se tornou o deleite do pós-modernismo. O transfeminismo, então, emergiu como uma teoria dedicada a articular a fala da sujeita trans. Porém, o capitalismo possui um espaço sempre em expansão pra incorporar um conjunto infinito de subjetividades generificadas que possam se tornar fonte de valor pro capital. Assim, a teoria trans encara limites similares aos da teoria feminista, que produziu um tipo feminizado de capital que não é menos brutal em sua forma. Então, a tarefa é criar uma teoria insurrecionária que se baseie em formar corpos trans sem função no processo de criação de valor, que necessita de suas próprias identidades como pessoas trans, mulheres, humanas. Como pessoas trans, sentimos a corporalidade sendo forçosamente empurrada pra cima de nós como uma tentativa de nos tornar inteligíveis, de usar o estado de nossos corpos pra compreender nosso gênero e nos vender corpos de "aparência mais natural". Sentimos nossos corpos adquirirem mais importância que as identidades que escolhemos, quando interagimos com outras pessoas e não temos passabilidade. Como mulheres trans, na medida em que vivemos o legado da subjetividade trans dentro do capitalismo, também sentimos o peso da corporalidade da mulher no capitalismo esmagar nossas existências. Vivemos a violência implícita na divisão generificada do trabalho toda vez que somos estupradas e espancadas e inferiorizadas e tratadas como um traveco<sup>16</sup> gostoso, brinquedo sexual. Ainda assim, é nessa experiência que conseguimos ver as possibilidades de uma greve humana para a mulher trans.

Mulheres trans experienciam a corporalidade de forma única. Enquanto o capital espera continuar usando os corpos de mulheres como máquinas proletárias pra reprodução da força de trabalho, os corpos de mulheres trans não podem produzir mais pessoas trabalhadoras e já são constantemente vistos como desnaturalizados. Talvez, ao valorizar essa inoperância na reprodução e estendê-la intencionalmente pra todas as formas de trabalho reprodutivo, veremos a potencialidade da greve humana. Permanecem em aberto os meios de estendê-la, mas,

16 N.T. she-male

nessa afronta à natureza produzida pelo capitalismo e às matrizes da heteronormatividade que são cruciais ao funcionamento do capitalismo, enxergamos o parentesco entre a greve humana de mulheres trans e a materialização de uma força queer puramente negativa e não-reprodutiva. Parece que a mulher trans também não tem futuro, e, portanto, através da construção dessa força negativa, talvez ela possa ter uma chance de arruinar tudo e abolir-se no processo. Em todo caso, não temos as respostas pra tornar inoperante a sociedade, pra acabar com a reprodução social deste mundo. No entanto, como mulheres trans, sabemos que todo ataque contra o capital é um ataque contra os mecanismos de opressão de gênero, e que todo ataque contra a violência generificada em nossas vidas é um ataque contra as maquinações do capital.

A greve de gênero é uma greve humana.

## A falha da forma correlata

enviada para Pink And Black Attack

Pra quem edita:

O ensaio "*Deixem as mulheres trans falarem!*": uma resposta à *Camp Trans (Falarem!)* por autoras anônimas (Anon) aparece na edição mais recente de seu periódico *Pink and Black Attack* (setembro de 2010). *Falarem!* é um ótimo exemplo do que parece ser uma tendência crescente no meio anarquista, na qual certas teorias insurrecionistas populares são desfiguradas e são mal aplicadas com o propósito de propagar uma forma mais militante de um tipo de política que a teoria original critica. Neste caso, as autoras de *Falarem!* tomam como inspiração o *Introduction to Civil War* [Introdução à Guerra Civil] (*Intro*) do grupo Tiqqun e prosseguem numa traição radical da intenção afirmada pelo texto, mesmo quando se apropriam dele. Escrevo não só pra sublinhar o mau uso do *Intro* pelo *Falarem!*, mas também pra destacar a política divergente de cada grupo e — se isso não for uma esperança ousada demais — encorajar anarquistas a tomarem mais cuidado em suas leituras e usos da teoria.

Revelarei que, embora as autoras de *Falarem!* professem sua intenção de "elaborar... a guerra civil", essa pretensão é desmentida pelo verdadeiro ofuscamento dessa guerra; e que outra camada de pretensão é a de conceder muito mais importância aos "eventos" da *Camp Trans* do que esses "eventos" propriamente autorizam.

"Nós vadias estamos com os nervos em frangalhos. Ao longo da última semana, tudo, ou quase tudo, nos feriu, e o que não feriu foi no mínimo irritante."

*Falarem!* começa copiando a primeira frase do *Intro* quase palavra por palavra ("vadias", por exemplo, substitui "decadentes" no texto de partida), um cômico ato falho freudiano.

As Anon imediatamente revelam que não estão com nada. Mesmo que esteja na cara que as Anon devem ter uma cópia de *Introduction to Civil War* [Introdução à Guerra Civil] em sua estante ou mesa de cabeceira (provavelmente a edição de 2010, traduzida e publicada pela Semiotext(e), cuja paginação será referenciada na minha carta), é óbvio que elas não entenderam o livro.

Quando o primeiro parágrafo do *Intro* nomeia os decadentes, com seus nervos esfrangalhados e suscetibilidade a feridas, ele nomeia a nós, todas as pessoas que são os sujeitos modernos que "somente aguentam cada vez menores... doses da verdade, e preferem bem mais... a narcose por quilo e, acima de tudo: nada de guerra, acima de tudo, nada de guerra" (p. 11). O "nós" dos Tiqqun serve pra comunicar que todo mundo é decadente, mas também se esforça pra realizar uma ruptura radical com o "desejo por uma antropologia positiva" (p. 11) dos decadentes. "Mas nós", escrevem os Tiqqun, "quem se recusa a acomodar-se com qualquer forma de conforto, nós que temos os nervos reconhecidamente esfrangalhados, mas que também pretendemos torná-los ainda mais resistentes... precisamos de alguma coisa inteiramente outra" (p. 11). Essa outra coisa é uma "antropologia radicalmente negativa" (p. 12) e chamam-na de "guerra civil".

As autoras de *Falarem!* mantêm um "nós" que é marcado por sua fraqueza, sua vitimização e seu desejo por conforto. Embora elas declarem sua tentativa de "elaborar... a guerra civil", vão falhar ao partir do impotente "nós" dos decadentes. No fim, vão se revelar casadas com sua vitimização, com suas identidades e umas com as outras; elas vão tombar pesado (ainda que com alguma confusão e talvez um tornozelo torcido) pro lado da antropologia positiva.

A antropologia positiva é definida pelos Tiqqun como "positiva, primeiro e principalmente, porque ela designa qualidades, atributos determinados e predicados substanciais ao 'Homem'" (p. 12). Ela é, portanto, uma antropologia baseada-em-identidade, e isso serve como base pra toda política de identidade. Ainda que as Anon pareçam "tomar uma posição contra a política de identidade", elas participam desta política através do *Falarem!*, embora o façam no solo instável que pode ser chamado de "política de identidade antiessencialista".

Se há algo substancial sobre a discussão feita em *Falarem!*, é sua confiança em predicados. O raciocínio político que o texto faz

(em prol do ato simbólico "contra" a MichFest "em resposta a" as ações ou ameaças do motorista de caminhão) tenta convencer o público quase que inteiramente na base da identidade – neste caso, na "trans-mulheridade" das vítimas/protagonistas da narrativa. O que poderia exemplificar melhor a política de identidade do que a análise das Anon daquele "evento" em que "Deixem as mulheres trans falarem!" foi berrado interrompendo as protagonistas? As Anon dizem que foram, desse modo, "discursivamente apagadas", que "esse silenciamento é o contexto no qual escrevemos", que "foda-se, não vamos mais calar a boca" e, mais adiante, "temos nossas próprias vozes". (E ainda assim elas atacam agudamente a "política de identidade" e a "política liberal" de outras pessoas, como se desse jeito nos convencessem de que são "contra" essas coisas). Aqui também divergem dos Tiquun, que alertam contra "pronunciar nosso poder" e "ocupar nossos espaços"; o Partido Imaginário não pode se manifestar jamais, pra que não seja capturado pelo Espetáculo. O que as Anon demandam é *falar de seu próprio poder* – para assegurar sua representação *autônoma* no Espetáculo.

Por que elas falam sem agir? Por que sua militância é linguística e não física? Sabemos que elas falharam em manifestar sua violência contra o corpo do caminhoneiro, mas por que elas tentam agora, um tanto desesperadas, compensar isso, com palavras duras e ataques verbais contra "pacifistas"? Por que reclamam que "a comunidade" realizou reuniões de consenso em que uma reação ao que aconteceu foi recusada e depois abandonada por completo "enquanto as pessoas que tiveram suas vidas ameaçadas buscaram reagir imediatamente", se, na realidade, a oportunidade pra reação "imediate" foi quando o caminhoneiro estava girando o gancho; ou, depois, quando ele estacionou seu caminhão num lugar conhecido; ou mais tarde ainda, quando o caminhoneiro voltou pra casa; ou um mês ou um ano depois – oportunidades com as quais elas não fizeram nada e continuam sem fazer nada?

Por vergonha: vergonha de serem confrontadas por seu pecado original, sabendo já terem barrado a possibilidade de violência retributiva contra o caminhoneiro e que nunca voltarão atrás, nunca – tal é a nuvem trovejante da qual vertem seu dilúvio retórico. A inundaçãõ de sua vergonha se esparrama sobre a terra, e toma o caminho do mínimo esforço e da maior vitimizaçãõ. O caminhoneiro "ameaçou matar todas as pessoas trans", elas reclamam; pessoas "viram com os próprios olhos mulheres trans

quase serem mortas, sem reação nenhuma do MichFest"; e, é óbvio, tudo isso é "comum acontecer com quem desafia a violência social de gênero, de formas impensáveis, todo dia". Exageros enormes, mas quem se atreveria a contestá-las? Ah, sim, bem, aquelas massas apolíticas que vão à Camp todo ano apenas pra transar e que não estão nem aí (Quão diferentes de nossas protagonistas, cujas idas e vindas são motivadas por formatos políticos mais elevados!), deixe-as serem varridas por nosso rio de vingança ou serem esmagadas contra as rochas. "Cola com a gente ou sai da frente". Liberais e pacifistas, todes. Devem pagar. "Vamos demolir tudo".

Pode-se imaginar que toda essa água justificaria alguma retaliação bem épica, especialmente porque as protagonistas alegam estar tão familiarizadas com a violência cotidiana, mas as "militantes" protagonistas terminam molhadas mais com seu próprio cuspe e acabam mostrando ter bem pouca prática na violência.

Seria mais fácil admitir que esse "nós" está desacostumado com a violência se as Anon tivessem lido o *Intro* com atenção. Os Tiquun escrevem, assim como as Anon citam, "a violência foi tomada de nós, e hoje temos que tomá-la de volta" (p. 34). Aqui as Anon acreditam, erroneamente, que foram nossos inimigos que arrancaram a violência de nós, que temos que "tomar a violência de volta" de motoristas de caminhão, de festivais de música e de ativistas! Absurdo. Nossa capacidade pra violência não é tomada por nossos inimigos; toda intensidade e relação nos são negadas pela "hostilidade que, no Império, ordena tanto a não relação com o eu quanto a não relação generalizada entre corpos" (p. 178; cf. p. 187).

Este é um ponto crucial. Pros Tiquun, o Império é a força que diminui a intensidade da guerra civil (p. 120); o Império é como um ambiente que é hostil para nós (p. 171); essa hostilidade é uma não relação (p. 46) que nos distancia do nosso poder (p. 52). O Império — não nossos inimigos — tomou a violência de nós. Na realidade, a extensa amizade e inimizade é a redução da esfera da hostilidade (p. 179), e isso é *o que precisamos fazer* (p. 178) pra aumentar nosso poder. Apesar do juramento vazio de lealdade à amizade das Anon, há poucos indicativos de que as protagonistas elaboraram a guerra civil de acordo com as linhas propostas pelos

Tiqqun. Isso teria demandado *alguma coisa inteiramente outra*.

As Anon não somente leram comicadamente errado o texto que citam, mas, se as colocarmos lado a lado com a teoria da guerra civil que alegam "elaborar", vemos que fazem justamente o contrário — estão difundindo a esfera de hostilidade que é o domínio do Império. As Anon parecem concordar. "Momentos de hostilidade", elas escrevem, "vieram à tona por causa desses acontecimentos". É incerto se as Anon usaram o termo "hostilidade" intencionalmente como referência ao uso pelos Tiqqun; mas é evidente que a afirmação das Anon segue verdadeira se lemos "hostilidade" através da lente dos Tiqqun.

Em última análise, não devemos ficar particularmente surpresos, nem chateados, que as Anon tenham entendido errado e ofuscado a guerra civil dessa forma. A autoria do *Intro* previu, com precisão, que o termo *guerra civil* seria usado por quem não o entende: "A impossibilidade de prever qualquer coisa sobre essa liberdade implacável nos força a designá-la com um termo indefinido, uma palavra cega, que ALGUÉM costuma usar pra nomear qualquer coisa que ALGUÉM não sabe nada sobre, porque ALGUÉM não quer entendê-lo, ou entender que o mundo precisa de nós. O termo é guerra civil. Esse movimento é tático; queremos, antecipadamente, nos reapropriar do termo pelo qual nossas operações serão necessariamente encobertas." (p. 12-13)

Em suas falhas na Camp Trans e em sua escrita de *Falarem!*, as Anon encobriram nossas operações, e, se continuarmos a ler os Tiqqun com atenção, percebe-se que elas fizeram isso com um propósito. Agora, aguenta coração, querido Partido Imaginário, e se cubra como for possível nesse campo de batalha.

Por fim, devemos notar que os "eventos" desse ano da Camp Trans não foram, como as Anon declaram, uma "falha da política de identidade e sua forma correlata, a Comunidade"; eles não foram — primeira e principalmente — *nem sequer eventos*. Mais ainda, o não-evento da Camp Trans — sendo um não-evento em vez de um evento — foi, de fato, o sucesso tanto da política de identidade quanto da "comunidade" como elaboradas por todos os partidos — as protagonistas do *Falarem!* estão longe de ser a exceção disso.

## Entrevista com a Not Yr Cister Press

### *1. No sistema, não é mana de quem?*

Olha, mana de ninguém no sistema. Nos opomos à tese feminista de que existe uma sororidade universal que une todas as mulheres, e à ideia de que isso seria um ponto de partida possível pra ação revolucionária. Resumindo, é um repúdio à política de identidade, em especial à maioria das vertentes do feminismo, como meio de libertação. Conseguimos ver como a tese da sororidade rapidamente se decompôs da mesma maneira que as linhas racializadas, generificadas e de classe à medida que o feminismo se transformou ao longo das décadas. A "mana do sistema" se refere especificamente ao policiamento dos corpos trans pelo movimento feminista, em especial dos corpos de mulheres trans, e é esse tipo de violência normalizadora que influenciou nosso entendimento da falha da política de identidade como estratégia. No lugar, buscamos produzir e/ou espalhar escritos com o propósito de expor a violência dos processos de generificação que sustentam as categorias de homem/mulher, cis/trans e natural/artificial, entre outras coisas, e teorizar sobre como essas identidades podem ser destruídas.

### *2. Qual foi a relação da NYCP com a BB! e seu fim?*

A Bash Back! foi um momento bem formativo no desenvolvimento antipolítico de todo mundo que se envolveu com a NYCP. Observamos a decadência da Bash Back! e a transformação de um projeto – que começou como algo totalmente anti-identidade – no mesmo discurso liberal LGBT, com algumas pequenas torções

ideológicas. A segunda convergência da BB! foi a que melhor expôs essa transformação, quando a identidade trans foi invocada como uma forma de policiar taticamente as correntes de mentalidade mais insurrecionária da Bash Back! e de reforçar a política de identidade nas mentes de quem foi à convergência. Desde então, nos devotamos a expor momentos como esse, quando nossas identidades são usadas contra nós como uma forma de contenção e controle.

3. *De que formas a BB! foi assombrada pela política LGBT tradicional? De que formas esse desenvolvimento foi uma traição da BB!?*

Bem, suponho que a manifestação mais óbvia do liberalismo na Bash Back! começou na captura de queer como uma forma de identidade em vez de sua destruição. O resto realmente partiu dali: Bash Back! se tornou então um solo de procriação estagnado, voltado pra políticas centradas em torno dessa "identidade queer" – que na realidade só reproduzia essa propaganda política de estilo de vida subcultural que era sobre "espaços seguros", orgias e genderfuck – como um tipo de resistência sublime ao *status quo*, em vez de tentar conectar quem realmente ataca em diferentes pontos pela ruptura social. Quando a queeridade passou a significar nada além de "ativismo pansexual", a Bash Back! se tornou uma cena social liberal, em vez de um espaço a partir do qual atacar, que, penso, era o propósito de "revidar no soco" desde o começo. Atacar e socar de verdade foram deixados de lado, ao ponto de, em Denver, ter comentários como "Olha, acho que é tipo uma metáfora, saca? Revidar no soco pode ser qualquer coisa, como providenciar espaços seguros ou usar roupas sem conformidade de gênero em público".

4. *Quais são suas influências?*

Em termos teóricos, somos influenciados por uma variedade de tendências filosóficas, incluindo excertos de teoria queer, autonomismo, teoria crítica e anarquismo. O texto de Susan Stryker sobre monstruosidade e identidade trans, *My Words to Victor Frankenstein Above the Village of Chamounix* [Minhas Palavras para Victor Frankenstein acima da Vila de Chamounix],

foi a primeira zine que formatamos e foi altamente influente em nosso entendimento de gênero e insurreição, assim como os trabalhos de Lee Edelman, Silvia Federici, Tiqqun e outros projetos contemporâneos de feminismo negativo, como a *Petroleuse Press* e a *Gender Mutiny*.

5. *Como o transfeminismo insurrecional se relaciona com outros feminismos insurrecionais?*

Acho que de várias formas nos vemos como uma mistura de feminismos insurrecionalistas, mais influenciados pelo autonomismo europeu, com todos os projetos teóricos quer influenciados pela negação que estão por aí hoje em dia. O transfeminismo insurrecional, como um conjunto de ideias, surgiu em partes de projetos de orientação mais marxista, que forçam a barra com textos bastante essencialistas sobre gênero, como o *SCUM Manifesto* e Luce Irigaray, sem de fato desconstruir como esses escritos ainda vinham de um lugar que traz uma pegada bem simplista e naturalizada sobre como o gênero/sexo é mantido. Um monte de gente trans estava totalmente de acordo em ser parte desse recente impulso de feminismo insurrecional, com uma afinidade e respeito gigantes por esses projetos e as pessoas envolvidas com eles, mas, ainda assim, ficavam um tanto desconcertadas com essa pegada acrílica de publicar textos tão transmisóginos.

A NYCP começou como uma forma de tentar preencher o vácuo teórico em que um feminismo insurrecional antiessencialista, totalmente negativo, pudesse se enraizar. Outros escritos, como o *Dictatorship of the Postfeminist Imagination* [Ditadura da Imaginação Pós-Feminista] do Institute for Experimental Freedom [Instituto pela Liberdade Experimental] e o comunicado de anarcafeministas de São Francisco, fizeram contribuições bastante interessantes nessa área que, penso, complementam uma pegada trans-cêntrica e antiessencialista dessas ideias, e o que podemos fazer é ter esperança que essas ideias vão continuar a crescer e tornar-se uma força que não pode ser ignorada.

6. *Há alguma tensão inerente ao tentar desestabilizar o feminismo baseado em identidade através da centralização teórica ao redor da identidade de mulheres trans? Desenvolva sobre algumas dessas tensões.*

Bem, suponho que não queremos exatamente centrar a teoria ao redor da identidade de mulheres trans, mas expor a violência da normalização da identidade nas vidas das pessoas dessa categoria, assim como nas de outras que experienciam, em certo grau, uma ressonância com as experiências que surgem quando te colocam neste tipo de categoria. Penso que a tensão mais interessante e importante, por outro lado, é aquela entre querer que a teoria leve à obliteração da identidade ou querer que a teoria possa referir-se às condições materiais de quem sofre os efeitos dos aparatos de disciplina, que criam pessoas como certos tipos de sujeitos. Queremos mostrar que a miséria a que muitas mulheres trans são expostas diariamente está diretamente relacionada com a totalidade das relações sociais sob o capitalismo, e simultaneamente mostrar que, pra que mulheres trans possam destruir essas relações sociais, elas precisam também acabar destruindo a si próprias como trans e como mulheres. Isso não é, de jeito nenhum, uma teoria da autossuficiência; em vez disso, é uma parte do projeto, que acho que Frère Dupont descreveu bem em *Species Being* como "convidar outras pra refletir sobre a verdade de sua angústia pessoal, e, portanto, reconhecer sua própria relação com o mundo", e, conseqüentemente, "afinar a percepção de seus próprios sentimentos de repulsa por este mundo". Somos apenas uma pequena parte de tal convite, e temos esperança de expandir e manter conexões com outras pessoas situadas em diferentes nós da luta social.

*7. O transfeminismo insurrecional é um movimento que se inclui nos discursos feministas insurrecionalistas (uma correção deste projeto) ou é um discurso totalmente diferente?*

Acho que, parcialmente, já nos arrependemos de criar esse tipo de "-ismo", porque o transfeminismo insurrecional é, na verdade, menos sobre criar essa nova ideologia com a qual todo mundo deveria se importar ou seguir, ou algo como um conjunto coerente de ideias, e mais sobre acrescentar pensamentos que vão expandir ideias insurrecionárias pra um grupo de pessoas que tem toda razão de odiar as condições em que vivem. Fico hesitante de deixar parecer que o transfeminismo insurrecional precisa ser a correção de uma imagem totalizante de um conjunto coerente

de ideias feministas insurrecionárias, mas hesito igualmente de deixar parecer que o que estamos fazendo é algo à parte do que a Petroleuse Press, o IEF, e outras fazem com esses discursos. Então, isso é, em partes, sobre aumentar as vertentes de feminismo insurrecional (com as quais já nos somamos) e da negatividade, e rejeitar o essencialismo de gênero, mas também é sobre afirmar um discurso filosófico novo nos espaços "trans radicais", que estão, em sua maioria, infestados pelo mesmo tipo de política queer liberal que acabou destruindo a Bash Back!. Acho que, talvez, essa intervenção de dentro das narrativas trans, da qual fazemos parte, é o que nos separa desses outros discursos.

**NOROESTE  
PACÍFICO  
ANÔNIMO**

## Eu – Não – Revido – No – Soco – Eu – Atiro – Primeiro

O ensaio a seguir circulou anonimamente entre círculos queer/anarquistas no Noroeste Pacífico. Aqui é reproduzido integralmente. Sua circulação inicial provocou uma grande controvérsia entre as pessoas que o leram. Que venha mais!

## Sobre gangues queer

Primeiro, que não tenham dúvida: a Bash Back! morreu – já era. Ainda estamos transando com o cadáver, com total desinteresse, enquanto o corpo nojento se desfaz e começa a feder. Tanto faz. A real é: se, no momento em que a BB! desaparece, esse vírus queer não se espalha, se não estivermos terrivelmente proliferando, então estamos nos iludindo ao chamar o que vivemos de morte (apesar de nossa fantasia insurrecio-sem-noção-niilista) – se esse é o nosso caso, então o que escolhemos foi sobreviver às coisas como elas são, fazendo as pazes~ apesar da nossa famosa falta de educação. Fazer-Ser A Assimilação, em outras palavras. Ah, que lindo né? Tô de brinks~<3kkkk<3~Foda-se Você, Foda-se Esta Merda. Se vocês tão fazendo as pazes, então sempre fomos inimigos – ah vá se foder. Pra quem ainda é insaciável: a alegria, o ódio e as amizades estão te esperando; então engole o choro e começa outra vez. Vadias loucas-insurretas estavam certas – mas às vezes "grupos de afinidade" são pouca bosta – então deixa assim. Algumas de nós entraram nessa merda antes da primeira convergência, e outras já estavam na vida loka nível hard, com tesão pela "Guerra" em Guerra Social. Aqui está uma parte das nossas anotações.

## Em vez de uma teoria

### *Se juntem*

Achamos que sobreviver, reagir na luta e foder a porra toda deveria ser o primeiro passo; conseguir comida, lugar pra viver,

arranjar briga, manter a marra, fazer gente atravessar a rua correndo, calar a boca dum hétero, fazer corre de hormônio, conseguir contatos pra saber onde é mais vantajoso aplicar golpes, saber dos nomes de quem está merecendo apanhar, cuidar entre si quando estivermos na rua esperando cliente, roubar de qualquer pessoa que estiver na frente. De maneira ativa, estar pouco se fodendo pra tudo significa começar no centro do conflito: na vida cotidiana, em vez de seguir pela tradição batida de tentar reunir pessoas com um bando de ativistas, manter a calma, ensinar as pobrezinhas e ignorantes pessoas queer e cidadãs de bem sobre o que elas precisam de verdade. Isso é sobre fazer o que queremos logo de cara — construir, por nós, os meios pra nossa autonomia. Tá aqui o último argumento que qualquer pessoa precisa: vocês não preferem estrear no anarquismo-em-ação com uma gangue foda e destruidora de criminosos queer que te defende, em vez de ativistas da caridade? Pois é, a gente achou mesmo.

Formar um bando é romper — largar mão dessa gente gratiluz, de se juntar à cena estabelecida, de falar pra corações e mentes, de toda essa merda de contraponto radical que o resto do anarquismo é obcecado. Aprender a agir significa se juntar — foder a porra toda, infinitamente. Mas nossa ruptura parece sempre inaugurar nosso contato com outras pessoas que se assemelham um pouco mais com a gente, fora do circuito anarquista.

Então. Primeiro de tudo, encontre gente queer muito doida que queira sair por aí quebrando tudo — como alternativa, queers que já estão exaustes de tudo e transbordando cinismo. Simples assim — é quase certeza que vocês têm amizade com algumas pessoas assim, mas, se achar que não, é só procurar e dizer "aí, sim, achei meu bando", não frita, convenhamos, não é nada difícil achar queers que não veem a hora de dar o troco. Muites de nós vivemos sendo fodides constantemente, e uma das poucas coisas que as pessoas esperam ansiosas é pela terapia em grupo. Aaaargh. O simples fato de serem jovens, queer, baderneires, atraí gente de tudo que é lugar.

Conhecer as forças e interesses de cada pessoa, dando rolê junto. Saiam entre vocês pra qualquer lugar. Colem em festas pra dançar/transar toda semana. Compartilhem suas coisas. O tempo livre que vocês passam e alimentam entre si pode ser o elemento mais importante pra começar uma conversa. Botem pilha e apoiem suas amizades — aos poucos, vocês vão se sentir confortáveis, entre si, pra agir e pra atender às necessidades de

maneira mais rápida — falar pra daí agir toma tempo. Nossa ajunção é foda, constrói um sentimento comunal que se liga à nossa percepção de movimento pelo mundo. É esse afeto que nutrimos entre nós que alimenta confiança, que nos ensina como dizer o que precisamos, e ter garra o suficiente pra ir atrás. Nossos laços nos deixam fora do alcance das pessoas que querem nos apartar, nos afastar de nossas necessidades e vontades, que tentam administrar, regular e tornar útil nosso ódio por tudo. Em vez disso, esse laço nos coloca numa posição de construir nosso próprio poder e autonomia.

A lógica de bando é diferente da cotidiana. Você começa a ficar de olho em como tudo ao redor pode ser útil pra você e pra seu bando. Construir seu próprio poder é um fim em si, autojustificado — qualquer outra política de merda se torna irritante, e, engajar-se com ela, chato. Desenvolver em comum a habilidade de atender às nossas necessidades e moldar o conflito em nossos termos é algo que sempre permanecerá um mistério pros nossos inimigos, e sua confusão é o nosso combustível. Queerz gargalhantes como hienas. Se vocês odeiam tudo, taquem o foda-se. Partam pro soco, pra fazer doer. Mostrar que as pessoas se atraem quando vocês somam força e vencem é, pelo jeito, uma heresia anarquista, mas é tããã inútil. Provoquem ondas e as pessoas vão vir, ou ainda melhor, vão imitar vocês. Os "grupos de afinidade" sonham em ser tão fodas quanto nós.

### *Tome o espaço (Et tudo mais)*

Hostilidade declarada é o nome do jogo. Quando se trata de você, ou de suas amizades, basta uma única pessoa pra animar as coisas. As primeiras noites fora são difíceis, dolorosas e incertas. Daí começa a ficar interessante. Se der merda, então comecem a dar uma volta em grupos ~ vocês certeza que vão arranjar treta. Nenhuma afronta deve passar sem resposta, tensionar mais e mais seus laços, entrar em conflitos dos quais vocês não podem sair depois — isso está longe de ser desimportante. Vocês talvez se irrite, se enfureçam e metam o louco; de toda forma, seu bando vai crescer, sua ajunção mudará, e vocês estarão (mais) prontos pro que for.

Uma parte disso tudo se refere às várias formas através das quais vocês vão começar tomando espaço — no mundo exterior e entre vocês. Não fingimos conhecer a sua situação ou a melhor

maneira pra vocês atacarem; então, o melhor que temos a oferecer é um olhar pra alguns pontos-chave que destilamos de nossa experiência e achamos que podem ser úteis a vocês. Então, antes de seguir adiante com esse texto, saibam que reagimos às nossas situações usando, principalmente, a percepção e a intuição; existiram tramas, planos e algumas ideias, mas não sabíamos se daria em alguma coisa ou como funcionariam: nem vocês vão saber. Tudo acontece de forma diferente em diferentes contextos, estejam preparades pra mudar.

Dito isso, aqui vai o que achamos ser útil em qualquer contexto: liberais existem, têm dinheiro, e frequentemente querem nosso cobiçado capital social pra legitimar seus empreendimentos em termos sociais ou de negócios — na maioria das vezes, os dois. Então, fiquem à vontade pra mudar, explorar, corromper, usar e dispor disso em prol de atacar a dominação e construir seu poder.

Okupas são incrivelmente úteis — servem como abrigos, casas seguras ou simplesmente espaço livre. Tornar-se um pico conhecido em que pessoas queer/trans podem ficar a salvo é algo que enche rápido um espaço — uma das casas em que estávamos chegou a ter 40 pessoas. Espalhamos colchões pelo chão e não sobrou espaço. É comum não termos pra onde ir, ou estarmos sem condições de pagar um aluguel, ou sabermos de outras pessoas queer/trans em situações abusivas — é bom conseguir dar pra alguém (ou para nós) uma saída. Criar uma rede estratégica de lugares pela cidade de vocês abre possibilidades muito loucas, e se algum dos picos for atacado, fechado, passar por ação de despejo ou o que for, vocês já saberão de alguns outros lugares pra onde ir. Mesmo que vocês não usem um pico, talvez alguém use. Entrar em lugares é bem fácil com um pouco de prática (numa noite inesquecível nós entramos em 12 casas vazias antes do sol nascer sem nenhum planejamento prévio) e depois que vocês abrirem um espaço, é só fazer circular pra quem precisa, sobre onde é e como entrar.

Aliás, chave micha. É bem importante vocês fazerem uma. Se não conhecem, pesquisem sobre. Elas te dão acesso bem rápido pra um monte de lugares.

A forma como seu bando ataca junto provavelmente terá um caráter distinto, que reflete diferentes estratégias postas em jogo ~ há várias formas diferentes de praticar/espalhar/viver uma guerra. Alguns exemplos: elas são reflexos de nossas vidas e prática, não são um programa. Simplificando, pode-se dizer

que abordagens diferentes se encontram entre formatos abertos e visíveis e os fechados e obscuros. De novo, a melhor forma de saber o que funciona pro seu contexto é por meio da conversa, experiência através da experimentação, intuição e a percepção de vocês sobre o que pode funcionar.

Laços abertos são visíveis. Deem uns rolês em grupo, arranjam briga, escrevam nos muros, vandalizem tudo — especialmente pessoas. Vão pra cima delas, comecem festas, falem sobre como policiais fodem com esquemas e como pessoas cis-hétero são chatas; partam pra cima das pessoas divididas entre transar nas okupas e dançar em festas insanas. Façam barulho, sejam desagradáveis e irritantes. Sejam visíveis a uma, duas quadras de distância — um estilo parecido de se vestir pode ser adotado, ou não. Um jeito de sinalizar o que vocês estão querendo pode fazer parte do jogo — um grupo amarrava uma bandana rosa sobre uma preta pra mostrar que estavam a fim de montar em alguém. Entrem em grupos de 10 nas lojas e encham as bolsas, façam uma bagunça e saiam, dominem clubes e bares. Tomem as esquinas ou qualquer lugar perto de vocês onde as pessoas possam se juntar; ocupem como quiserem. Metam o louco só porque vocês podem — seja qual for o corre. Vivam uma presença construída ao longo do tempo. Quando outras pessoas virem vocês, botem pilha pra montarem seu próprio grupo e apoiarem outros bandos.

Formatos fechados são bem mais obtusos e opacos. Isso não significa que tenham menos conflito, crime, corrupção ou qualquer outra parada massa, nem que acabem com a sua habilidade de agir com outras pessoas contra inimigos comuns, simplesmente são formatos mais silenciosos e com divisões intra/extragrupais bem diferentes. É óbvio, isso implica falar sobre assuntos criminosos apenas no privado, aprender a sinalizar com muito mais sutileza, e ter ataques bem mais planejados e com metas estabelecidas. Geralmente, a situação tem dois lados diferentes — por um, vocês podem simplesmente ser aquele grupo de pessoas queer/trans dando rolê o tempo todo, sem que ninguém tenha ideia do que vocês estão fazendo quando não veem vocês. Por outro lado, ninguém precisa saber que tem uma quadrilha queer cheia de ódio ao redor, armando pra te apavorar. Se vocês escutarem bem, nossos inimigos sempre sabem entregar o jogo de como apagá-los.

Temos uma das melhores táticas que há por aí, a do potencial secreto do armário. Algo que usamos. Vocês podem aparentar ser

só mais uma pessoa cis-hétero normativa e ninguém nunca vai imaginar o que está por trás — nenhum policial vai te reconhecer com o visual bem queer na hora da batida.

A mistura de formulações abertas e fechadas criou uma dinâmica de conflito poderosa. Ter fins abertos nos permitiu atravessar situações e abordagens diferentes, assumindo qualquer formato que explorasse nossos inimigos e nos permitisse manter o ataque. O formato fechado foi indispensável pra infiltrações, extorsões, ataques direcionados contra estupradores e cafetões, e pras vezes em que trabalhamos juntas pra roubar de nossos empregos. O formato aberto foi crucial pra conflitos abertos, intimidações, criação de espaços, e pra inspirar outra garotada queer/trans cheia de ódio a se juntar e pegar em armas. Caminhar entre formatos pode (e deve) ser algo tão ágil como andar de um quarteirão ao próximo.

Sobre a questão da liderança: um monte de gangues tem líderes. Obviamente achamos isso inútil: alguém se alia a uma cadeia de comando e logo "sossega" ou faz todo mundo agir pro seu benefício pessoal. Não temos interesse nessa lógica. No entanto, é possível haver diferentes graus de envolvimento no seu bando — vai depender de quem se mostra confortável com o quê. Isso é assunto pras formulações mais abertas, principalmente; algumas pessoas estão a fim, mas só até certo ponto. Vocês podem confiar coletivamente em algumas pessoas mais ou menos do que em outras. Em outras você pode confiar, mas ainda não agiram juntas ~ especialmente nuns esquemas arriscados. É importante que todo mundo saiba que nem todo mundo precisa saber de tudo. Aliás, algumas pessoas são liberais, e elas realmente não precisam saber de merda nenhuma — a não ser que aquele seu rebolado tranzqueer as deixe com tesão, então diga \*caguei\* e talvez elas tenham potencial.

### *Compartilhe o dom da violência*

*Amizade, Vingança e Desprezo — esses são os únicos guias que valem a pena seguir*

Se vocês já experienciaram uma situação revoltosa/black bloc, na qual vocês e todo mundo ali saíram pra quebrar a porra toda, então devem ter sentido aquele impulso maniaco de destruir tudo que vocês não aguentam mais. Sentiram como o único ato que

vale a pena nesses momentos é o de multiplicar essa sensação de poder. Essa é a sensação de gangue — a firme relação entre vocês e suas amizades, feita de contexto diário, o meio em que conversam e seguem vivendo. Não existe programa pra amizades com laços estreitos; as metas aparecem de acordo com a quantidade de força e corrupção que vocês podem usar como barganha. Entre vocês, com nada no meio pra atrapalhar — compartilhem o dom da violência.

Nossa "teoria" é bem simples: autoproteção e explodir a guerra social ao comunizar a violência — multiplicar, não exaurir nosso terror. Construir uma força social material ao viver juntas, com relacionamentos entre nós que construam nossa autonomia e destruam a sua. Comecem a briga, partam pro soco primeiro; ataquem e reajam e encontrem outres que já estejam na luta e construam laços — a cena anarquista, fora dos laços que já compartilhamos, é resto de qualquer coisa, dá pra jogar fora. Não é difícil dar de cara com inimigues, nem com cúmplices. É óbvio que nossa meta é uma guerra social generalizada, por isso estamos escrevendo todas essas coisas lindas aqui pra vocês, entããã... nosso maior desejo é essa irritação infinita.

Sabíamos que era a casa dele. Sabíamos que ele estava lá dentro e, depois de uma semana de observação, dando uma volta de hora em hora com cara de sujo e esquecível, sabíamos que estava sozinho. Esse merda de estuprador era um conhecido lixo humano, mas, depois de estuprar alguém da nossa gangue anos atrás, noutras vezes esse merdinha fodeu com pessoas depois que elas pediram pra parar e se gabou disso em voz alta pros seus broders — e alguém de nós acabou escutando, porque você nunca sabe quem são suas amizades. Honestamente, a gente nem sabia que ele tinha voltado pra cidade, mas tanto faz, pior pra ele. Sentamos nesse beco do quarteirão que se abria pra rua, esperando nossas amizades darem um toque se a barra estivesse limpa, tivemos um sim e só fomos — botamos nossos capuzes e máscaras rosas e caminhamos até a porta da frente enquanto duas pessoas nossas foram pela porta dos fundos do quintal (você sabe, ele deixava destrancada) e assim arrombamos a fechadura, chutamos a porta, partimos pra cima desse bundão que berrava e o atordoamos, batendo nele com um compensado. Arrastamos ele pro fundo da casa, tapamos sua boca com fita, amarramos suas mãos e pés à uma cadeira, demos um taco pra pessoa sobrevivente e rimos enquanto ela arrebetava os joelhos dele — levou uns

golpes pra causar estrago, mas não acho que hospitais consigam consertar aquilo. Depois disso, fizemos uns talhos no rosto dele e alguém usou um spray rosa choque pra marcar o rosto e os olhos.

Algumas pessoas gostam de se transformar em uma mensagem pra mostrar o caminho pra queers imbecis. Nós preferimos pular os anos de anarcoativismo e ir pro conflito aberto — orgias apenas pra convidades talvez ajude a acelerar as coisas. Algumas pessoas gostam de falar tudo que vão fazer, picham essas frases nos muros. Ossos quebrados mandam uma mensagem melhor. "Espaço seguro" é uma prática de guerra, do contrário o conceito não vale nada. É algo que segue na ofensiva em qualquer lugar; e não uma terapia de grupo, pacificada e breve, numa salinha nos fundos. Entre si, agir juntas — contra qualquer coisa que se faça alvo.

Nada arde tanto quanto ser feita de trouxa por um embuste e, depois de tantas vezes, eu tava pronta pra parar de trabalhar com sexo, mas ia tirar dinheiro do cu então? Ricaços pirados em mulheres trans, todos casados com crianças e carros e a merda toda de ego inflado, tratando uma garota como merda — eu sei que eles odeiam travas chamativas exceto quando querem me foder, então depois de conversar com umas pessoas tivemos uma ideia — então, cê sabe, depois de alguns dias fazendo esquemas pelo app, arranjei mais trampo pro final de semana, mas as coisas foram um pouco diferentes dessa vez — deixei todo mundo saber aonde eu tava indo, então quando ele me levou pra sua bela e grande casa em seu belo bairro, eu deixei a porta aberta, tirei uma foto dele, e encostei uma pequena arma na sua cabeça. Daí todas as minhas parças correram pra dentro e pegaram tudo que era nosso — o embuste com cara de coitado sabia que a gente podia chantageá-lo, então calou o bico. Assim que todas acabaram de fazer a rapa, nós o agradecemos por nos dar uma forcinha e o deixamos sangrando com uma coronhada. Na vez seguinte, apagar o embuste foi como tudo começou. ELES TÊM MUITO MAIS DINHEIRO QUANDO VOCÊ PEGA O QUANTO VOCÊ ACHA QUE VALE! rsrs

Essas "ações" vão se tornar casuais, normais — e pode parecer descabido escrever um comunicado sobre toda destruição e violência-ultra-queer criminosa. Quem mais que vocês conhecem que sabe lidar analiticamente com uma quadrilha que chega pra matar? Jogar limpo significa apenas jogar. Vendam merda pros seus inimigos — Mais tarde, alguém de seu bando rouba de volta

aquilo que eles acabaram de comprar. Repitam isso várias vezes. Arranquem o motorista pra fora dos carros chiques, vendam as peças. Quando a coisa ficar feia – policiais concentrados numa área, falta de eletricidade, tempestades, incêndios em casas ou o que for – é uma oportunidade pra meter o louco ~ talvez vocês possam provocar algo assim. Invadir um condomínio, uma festa, e incendiar tudo. Apaguem uns escrotos quando estiverem sozinhos e os larguem na frente da porta dos amigos deles.

Três de nós estavam só dando uma volta fazia 2 horas num corre depois de uma festa, desabafando uma com a outra, quando essa SUV branca brilhante encostou do nosso lado. Como a gente tá sempre linda, e ele queria saber quanto que era, perguntamos "todas nós juntas?" e ele tava tipo "aham" então entramos no carro dele e tinha a ver com como esse desgraçado falava, não sei como mas a gente apenas sabia o que queria fazer com ele, então metemos a faca na garganta e roubamos até o cu dele daí batemos a cabeça dele no volante até que ele desmaiou. Daí era só um carro sem dono, e é óbvio que a gente ia rodar até secar o tanque, né?

Anarquistas têm essa má tendência de se afastar do poder – normalmente porque querem mesmo se manter inúteis – algo sobre interesses de classe e rastrear o liberalismo. Rebeldes no jogo. Para nós, quanto pior ficamos, mais nossa fome aumenta. EU QUERO que as pessoas idiotas que odeiam queers comecem alguma treta. Às vezes, você cansa de ficar esperando e começa a jogar coisas primeiro, pois foda-se. Você fica na pilha e sem freio, e só quer explodir as tensões e forçar as coisas pra além do seu ponto de ruptura, pra poder gargalhar mais tarde e fazer de novo. Ai é quando as coisas ficam boas.

Lutem em todo lugar, fiquem bem no meio disso tudo, cheguem mais com seu bando.

### *Sem conclusões*

Falamos sério quando dissemos que a BB! deveria morrer e renascer como uma queer de rua sangue nozói. É real, desviamos em direção a isso desde o primeiro dia.

É disso tudo que anarcogerentes ficam tentando tirar o corpo fora.

Meia dúzia de nós já faz isso, só não escrevemos os comunicados porque essa merda se tornou normal. É óbvio, nada disso significa que vocês devam de repente se isolar somente em bandos, sem falar com mais ninguém, damos rolê o tempo todo com quem quer que seja. Mas vocês talvez percebam que quanto mais seu bando tornar a guerra visível, mais ela vai ressoar em outras pessoas que vocês nem esperavam; a excitação é o meio da guerra social generalizada.

Aliás, não fiquem só pregando por aí. Tomem iniciativa e comecem a arrecadar dinheiro agora, pra quando vocês ou alguém que vocês conhecem for pra cadeia. Nem todo mundo conhece o dialeto anarquista, e ainda que valha a pena fazer guerra por algumas palavras, a maior parte da política de linguagem é uma preocupação de classe média.

Uma explanação final: Quando falamos "anarquista", queremos dizer viver em conflito com o capital e com todas as relações sociais criadas nesse lugar. Enquanto a sociedade de classes não acabar, queremos mesmo é uma guerra eterna.

Se vocês ainda forem seguir nesse lance de gerenciador anarcoativista, seja na sua versão liberal ou na recente versão insurrecionista reacionária: morram.

#### *Leituras adicionais:*

*\*Towards the Queerest insurrection*

*\*Vengeance 1-3*

*\*Interview with the Class Warriors*

*\*The Coming insurrection*

*\*Cabal, Argot*

*\*Catechism of a Revolutionist*

*\*Not Yr Cister press*

*\*Enemies We Know*

*Leia menos, lute mais*

**BASH  
BACK!  
MORREU;  
"BASH  
BACK"  
PRA  
SEMPRE!**

## Notas de conclusão

É estranho falar de Conclusões — anunciar o fim de um projeto, ir embora. O mais difícil é refletir sobre nossa atividade, aprender com nossos erros e reconhecer nossas conquistas. Seja como for, esta é uma habilidade que anarquistas precisam desenvolver. Em uma época em que antigos modelos de organização anarquista estão se deteriorando, e combinações bizarras de táticas e éticas anarquistas estão se espalhando como incêndios, uma prática

de autocrítica pode se revelar uma arma muito perigosa. O que se segue é a tentativa de uma pessoa participante de fazer um balanço da tendência amplamente definida como Bash Back!, escrita na busca de uma tendência mais feroz de insurreição queer. Se você achar minhas palavras caóticas, espero que você entenda este caos como um reflexo da queeridade e anarquia intrínsecas a este projeto.

## Sobre participação

Falar da morte de uma organização geralmente tem uma conotação negativa, mas isso se baseia na suposição de que a permanência organizacional é uma coisa boa. Pra além dessa suposição, surge a pergunta: alcançamos nossos objetivos com essa organização, ou seja, com essa ferramenta? Se a resposta for afirmativa, se a organização foi levada ao seu limite, então talvez sua morte seja merecida. Mesmo se a Bash Back! estiver morta, o ressurgimento da atividade e da rede anarcoqueer sobrevive. Hoje existem relações que não teriam existido se a Bash Back! nunca tivesse se formado. Quando nossos projetos param de ter utilidade, deixá-los morrer não é motivo de preocupação.

*Sobre a morte da Bash Back!*

As dificuldades de conclusão são exponencialmente complicadas quando se lida com um assunto tão difuso e evasivo como a Bash Back! Ao longo de sua existência, sempre houve uma infinidade de interpretações do que Bash Back! era. Uma rede de anarquistas queer, uma gangue, uma tendência, uma organização terrorista gay, uma *forma-de-vida*, um grupo teórico: a resposta difere dependendo a quem se pergunta. Talvez a resposta correta seja que Bash Back!, fiel à forma queer, problematiza cada uma dessas categorias. Qualquer análise de Bash Back! falha se não reconhece a necessidade de entender cada uma dessas possibilidades de maneira independente, assim como todas de uma só vez.

Como uma rede formal (uma que, digamos, poderia ser nomeada como ré num processo judicial) Bash Back! com certeza está morta. Como adorável terrorista tanto da direita cristã quanto da esquerda queer, é claro que nunca existiu fora de um espetáculo. Como uma tendência teórica, os pressupostos centrais no cerne de Bash Back! continuam a florescer – *queer negation, gender mutiny, not yr cister, baedan, filth and glitter, outlaw bodies* – muitos receptáculos e máscaras em prol de um compromisso invariável e implacável com o que é negativo e rebelde no coração da queeridade. Como conjunto de táticas de gangue, a Bash Back! continua viva, sem dúvida. Mesmo quando fazemos o trabalho de antologia, nossa tarefa é incessantemente proliferada:

mais viados abrindo no meio crânios de nazistas, mais queers se rebelando simplesmente pela alegria de se rebelar, outra igreja atacada, uma jornalista desnorteada relatando sobre uma gangue queer particularmente violenta no centrão da cidade. Advogades pra pagar, camaradas preses pra escrever, relacionamentos pra cuidar, amizades pra manter, amantes pra abraçar – de muitas maneiras este tributo por um nome apenas esconde um tesão zumbi que continua pra muitas pessoas envolvidas com o projeto. Por mais que Bash Back! possa ser dada como morta, sua essência prospera além do túmulo; assombrando o mundo hétero. É por isso que dizemos que "Bash Back! está morta" e, ao mesmo tempo, "'bash back' pra sempre!"

Qual é o nosso propósito? A resposta a esta pergunta prefigura e determina todo o resto. Queremos uma versão mais agradável, amigável, diversa, inclusiva, radical, hipermediada e menos zoada dessa sociedade? Ou queremos vê-la queimar? Temos interesse no progresso ou na ruptura? Vamos nos contentar com isso tudo, só que um pouco diferente? Ou somos insaciáveis? Se você deseja um capitalismo queer, por favor fique em casa. Se você quer destruir o capitalismo, nos vemos em Denver!

*Perguntas a serem feitas antes de Denver*

Enquanto a forma singular e indeterminada da Bash Back! é em grande parte responsável pela sua rápida propagação, e pela sua energia imprevisível, sem dúvida também trouxe dentro de si as sementes de seus eventuais cismas e da sua dissolução definitiva. Outros textos desta antologia fazem um trabalho minucioso de articulação da ascensão e queda da Bash Back! como um projeto e valem a pena serem lidos em sua totalidade (a saber, *Sobre o fim da Bash Back!* e *Perguntas a serem feitas antes de Denver*). Em vez de continuar a citar longamente estas análises, tentei, abaixo, traçar e explorar os problemas e tensões específicos que surgiram dentro da Bash Back! e celebrar o potencial deles. Pra isso, nas páginas seguintes, articulo uma narrativa desses conflitos especificamente em torno das questões de Violência e Identidade.

É preciso considerar que talvez uma das indefinições mais perigosas na Bash Back! estivesse relacionada com a própria forma. Mais notável do que qualquer cisma sobre violência e identidade foram as oscilações entre a atividade pública e a clandestina. Do ponto de vista da segurança, a atribuição do mesmo nome tanto pra refeições comunais como pra ataques criminosos provavelmente não é nada sensata. Contudo, do ponto de vista da experimentação selvagem em conflito, foi precisamente esta indistinção que tornou Bash Back! tão interessante.

Em nossa revolta, estamos desenvolvendo uma forma de jogar. Esses são nossos experimentos de autonomia, poder e força. Não pagamos por nada que vestimos e raramente pagamos por comida. Roubamos o que dá quando estamos em empregos e damos nossos truques pra sobreviver. Trepamos em público e nunca gozamos tanto. Trocamos dicas de esquemas no meio das fofocas e das preliminares. Fazemos a limpa de tudo quanto é lugar e adoramos compartilhar a pilhagem. Destruímos coisas à noite, e voltamos pulando de mãos dadas pra casa. Estamos sempre aumentando nossas estruturas informais de apoio e sempre estaremos prontas pra nos defender entre nós. Em nossas orgias, motins e assaltos, estamos articulando e aprofundando a coletividade dessas rupturas.

*Intimidade criminosa*

Uma forma de descrever este potencial seria através do conceito de forma-de-vida, definido por Giorgio Agamben como uma vida que nunca pode ser separada da sua forma. "Define uma vida – a vida humana – em que os modos singulares, atos e processos do viver nunca são simplesmente  *fatos*, mas sempre e primeiramente  *possibilidade* de vida, sempre e primeiramente potência"<sup>17</sup>. Ao seguir esta definição desejo articular uma forma

17 AGAMBEN, Giorgio, *Meios sem fim*: notas sobre a política. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

não-ativista e não-identitária de entender e falar sobre o sujeito que foi configurado através do projeto da Bash Back!

Ao descrever participantes da Bash Back! como uma *forma-de-vida*, estou fazendo um esforço pra descartar uma série de conceitos e modos de pensar que seriam totalmente inúteis pra avançarmos. Particularmente, quero que as noções de política e ativismo de identidade sejam totalmente abandonadas. Bash Back! não deve ser entendida como uma sequência de esforços ativistas, nem como articulação de uma política de identidade militante (foi um fracasso, à medida que pode ser identificada dessa forma). Bash Back! nunca foi sobre questões queer ou política queer. Pelo contrário, o projeto tomou como ponto de partida a vida de participantes. Em vez dos temas de vitimização e de caridade regurgitados *ad nauseum* nos círculos ativistas, a tendência Bash Back! assumiu como princípio a própria vida queer. Quem estava dentro da tendência organizava um espaço dentro do qual poderiam viver de forma genuína, assim como uma rede pra defender esse espaço. Eu vivenciei a Bash Back! como uma amálgama de desejos, disposições, atos, processos, gestos e cumplicidades. Bash Back! está tão envolvida em atos criminosos quanto na prática sexual, tanto na estratégia quanto no estilo. O processo Bash Back! e o surgimento de sua correspondente forma-de-vida exige ser lido menos no sentido de *quê* ou quem, mas, em vez disso, no sentido de *como*. Este *como*, é o *como* de organização, mas também de sobrevivência, de violência, de amor, da vida em si. E assim, quaisquer que sejam as limitações do que Bash Back! foi, é o *como* que demonstra verdadeiramente o potencial insurrecional que eu celebro.

### **Como a não-violência protege os héteros**

Uma bixa leva uma surra porque sua expressão de gênero é feminina demais. Um homem trans pobre não consegue pagar os hormônios que salvam sua vida. Uma pessoa trabalhadora do sexo é assassinada por um cliente. Uma pessoa gênero-queer é estuprada porque precisava ser "fodida direito pra virar hétero". Quatro lésbicas negras são mandadas pra cadeia porque ousaram se defender de um homem-hétero agressor. Policiais nos espancam na

rua e nossos corpos estão sendo destruídos pelas empresas farmacêuticas porque não conseguimos lhes pagar nem um centavo.

*Rumo à mais queer das insurreições*

Enquanto sento pra escrever estas notas de conclusão, uma sequência preocupante de acontecimentos se desenrola ao redor do mundo. Um movimento estranhíssimo de esquerda-populista surgiu, um movimento que se apropria da linguagem ("ocupe tudo!") e da forma (consenso, assembleias etc.) anarquista e ainda assim esvaziou esses recipientes de qualquer conteúdo anárquico. Pelo contrário, o sentimento dominante entre tais ocupantes novates parece ser uma adesão extremamente confusa, porém dogmática à "não-violência". Na maioria das novas ocupações isso tem se mostrado como uma rígida obediência, quase obsessiva, à polícia; uma recusa absurdamente a-histórica de lutas de resistência passadas e uma veemente (e, ironicamente, violenta) denúncia de qualquer pessoa que ouse desafiar a hegemonia pacifista.

No contexto de tanta merda pelega e mal-estar, é revigorante revisitar os textos antologizados neste livro. *Bash Back!*, o nome traz consigo tudo o que se deve dizer sobre violência; um conjunto violento de atividades que responde a uma violência primária. Em vez de algo a ser temido ou rejeitado, *Bash Back!* toma como ponto de partida a realidade da violência no contexto da vida queer. É por isso que dizemos que dentro da tendência *Bash Back!* não havia realmente uma questão de violência. Para participantes dentro da rede, não é uma questão moral ou política, a violência tem sido experienciada como uma realidade concreta, um conjunto de questões táticas, uma ética de guerra.

Esta antologia traz consigo todo um discurso sobre violência que é único ao meio do qual surgiu. Estas vozes se situam dentro de uma leitura da história da resistência queer, uma leitura que abraça o transbordamento de momentos violentos. Textos como *Rumo à mais queer das insurreições* e *Uma cronologia de insurreição genderfuck* exploram tendências históricas sobrepostas e divergentes da violência queer esquecida, desde as revoltas medievais de gênero queer na Europa até ao tumulto na cafeteria Compton's e a rebelião da Noite Branca em São Francisco. Embora tais tentativas de cronologizar essa resistência sofram sempre de gerações de silêncio e apagamento, elas conseguem articular uma corrente trans-histórica que flui através do presente e que

se dilui sobre a experiência vivida pelas autorias e por quem as lê. Esta leitura da história pode ser uma ferramenta valiosa pra queers anarquistas enquanto tentam navegar e perturbar o mar de merda que é a reescrita Pacifista da resistência que cobre as lutas sociais atuais.

O uso diário da violência por queers pra fins de sobrevivência, autodefesa ou vingança é muitas vezes escondido ou ofuscado através de uma série de aparatos de armário. Gerações de gangues de rua queer, comunas de putas armadas, corridas a bancos pra apoiar vítimas de AIDS, monas lançadoras-de-tijolos – estas foram esquecidas por todo mundo, exceto na forma de mitologia herética passada de amante pra amante. Acima de tudo, esta coletânea deve servir pra ilustrar uma nova forma de comunicação a respeito da violência. Pra Bash Back!, o uso da violência como parte da resistência e da sobrevivência é sempre algo pra celebrar. A violência reivindicada nestes comunicados vai do hiperpessoal ao excessivamente político: lutas de bar com agressores, bastões em homofóbicos e fascistas, distribuição de spray de pimenta pra queers, tumultos em encontros queer. Às vezes, a oscilação entre o pessoal e o político pode atordoar: espancadores de queers agredidos dentro de um motim ou uma delegacia de polícia atacada como reparação por uma vida inteira de trauma. Ao compartilhar essas histórias, Bash Back! agiu pra expor a guerra social silenciosa, porém furiosa que permeia as experiências vividas de muitos queers. Esta comunicação em si é um ato radical, que procura traçar linhas pra conectar lutas individuais em uma constelação de ultraviolência a serviço da vida queer. O suicídio de adolescentes, o espancamento de queers, o genocídio da AIDS, a exclusão nas fronteiras, a escravidão nas prisões: a violência experienciada por queers é multiforme e crescente. Da mesma maneira, a resistência a essa violência também deve ser fluida e difusa. Esta coletânea não apresenta uma resposta singular, mas oferece um monte de sugestões.

Vale a pena notar também que Bash Back! não se preocupou apenas com violência explicitamente queer. Em vez disso, o discurso enfatizava uma *violência queerizada*. Isto quer dizer que participantes procuraram destacar e mostrar solidariedade com todo mundo que rompe o tecido da violência hegemônica. Partindo da máxima insurrecionalista de que *solidariedade significa ataque*, as células da Bash Back! realizaram ações de solidariedade com uma variedade de outras lutas. Causaram destruição em

solidariedade com a Insurreição de Dezembro na Grécia, apesar de pessoas hétero insistirem que a insurreição não tinha nada a ver com a queeridade. Celebraram as rebeliões nas ruas de Oakland e nos campi da Universidade da Califórnia, mesmo quando suas lutas eram frequentemente ignoradas por participantes anarquistas dessas mesmas lutas. Foram os primeiros grupos anarquistas a emitir declarações em apoio ao atentado a tiros contra cinco policiais em Oakland, enquanto muitos outros eram medrosos demais pra fazer isso. Tudo isso pra mostrar que uma teoria queer da violência deve se preocupar com as maneiras que a forma de ataque pode desestabilizar a identidade estática, e traçar caminhos pra canais inéditos de comunicação e solidariedade.

Nossa violência é de substância ou de imagem? Estamos brincando quando escrevemos sobre violência? O que se quer dizer com essa bela imagem de pessoas segurando tacos de beisebol e marretas? É simbolismo? É real? Significa mesmo revidar?

A estrada se ramifica aqui. Queers radicais irão continuar no caminho da imagem de militância; da irrelevância? Se for o caso, podemos esperar muito mais filmes e sessões de fotografia mostrando uma luta armada glamourosa (como uma facção do exército vermelho com glitter). Podemos esperar por mais comemorações de motins acontecidos quarenta anos atrás e levantes do outro lado do oceano (acompanhadas, é óbvio, pela condenação de motins no aqui e agora – com choro pelas janelas quebradas e estandes de jornal que recebem muita gorjeta). A violência será aceitável desde que tome forma na abstração, na arte, numa ocorrência histórica, ou numa notificação no feed de notícias globais – quando estiver separada de nós. Sempre será recusada na esfera de nossas vidas diárias, quando nos tornamos agentes dela.

*Perguntas a serem feitas antes de Denver*

Enquanto quem editou esta antologia e os textos selecionados apresentam uma tendência coerente relacionada à violência (revidando!), é importante contextualizar esta coerência como resultado de um conflito muito real dentro da Bash Back!, centrado principalmente em torno da convergência de 2009 em Chicago. Embora tenha sido o segundo encontro desse tipo em Chicago, foi o primeiro desde que Bash Back! tomou o centro do palco no teatro da revolta queer. Em consequência, houve um notável aumento de pessoas que não tinham se envolvido com o surgimento inicial da Bash Back! no Centro-Oeste. Muitas dessas pessoas vinham da costa. Mais significativo, elas vieram de um mundo diferente de queeridade. O projeto inicial dos levantes do Centro-Oeste e Sul da Bash Back! era de esculpir o espaço queer dentro das lutas anarquistas, em espaços anarquistas majoritariamente hétero e heteronormativos. Contrariamente, essas pessoas da costa que vinham pela primeira vez vieram em grande parte de cenas sociais "queer radical" estabelecidas e/ou de programas de estudos de gênero em faculdades de artes liberais. Pra muitas, seus históricos inevitavelmente prejudicaram sua análise da violência. Em vez de estratégias de resistência ativa e autônoma, enfatizaram a comunicação não-violenta, o sufocante processo de consenso, e a domesticação (talvez colorida) das passeatas e do teatro de rua. Em Chicago, esses mundos colidiram.

A peça central do show de merda que se seguiu foi a ocupação, em forma de balada, de um trem que se transformou em uma marcha espontânea pela Boystown. Como era de se esperar, festeiros jogaram coisas pela rua e ficaram selvagens. Mas, pro horror absoluto de insurgentes da Bash Back!, participantes da marcha tiraram os objetos da rua e choramingaram por um protesto pacífico (não muito diferente daqueles pacifistas dogmáticos que atualmente tentam policiar um movimento de ocupação que está fugindo rapidamente de seu controle). O resultado desta interação foi uma explosão de gritaria e críticas pela internet que sinalizaram a primeira grande divisão na Bash Back! Outros trabalhos nesta antologia documentam mais detalhadamente esta divisão (especificamente *A Response to the Anarcho-Liberal Takeover of Bash Back!*<sup>18</sup> e *Perguntas a serem feitas antes de Denver*).

18 Em *Queer Ultraviolence Bash Back! Anthology*, San Francisco, Ardent Press, 2011

Para quem ficou do lado da destruição total das coisas, o conflito foi totalmente inesperado. Estávamos conscientes da existência de queers da esquerda gasta mas não percebemos que tantas disfarçavam seu pacifismo dentro da estética conflituosa. Na verdade, muitas dessas ovelhas-em-pele-de-lobo tinham sido anteriormente a inspiração pra muitas pessoas dentro da Bash Back! (Grupos como Gay Shame em São Francisco e o Naughty North em Maine falam interminavelmente de histórias de revolta queer e fazem filmes e textos glorificando a resistência violenta, e ainda assim denunciam quem resolveu lutar no aqui e agora. Celebram uma revolta que está distante por décadas ou oceanos, ao mesmo tempo que sabotam ativamente tais esforços onde vivem). Ficamos em choque que aquelas pessoas que fazem filmes sobre bombardeios e fugas de prisões, ou usam patches de armas, fossem demonizar quem se envolve na destruição de propriedade ou autodefesa violenta. A realidade: queers hipsters que procuram fazer carreira como acadêmiques e cineastas queer radicais na verdade estão a serviço da abstração. Procuram capitalizar social e monetariamente a imagem da revolta queer enquanto nada contribuem pra sua concretização.

Esta atitude, aquela que silencia e exclui a possibilidade de uma violência queer, não é exclusiva dos chamados queers radicais. É da mesma forma prevalente entre pessoas hétero, mesmo entre camaradas anarquistas. Exemplos notáveis desta tendência podem ser vistos no comportamento de grupos anarquistas predominantemente hétero como o RNC Welcoming Committee e o CrimethInc. Antes dos tumultos na Convenção Nacional Republicana de 2008, os membros do Welcoming Committee (o órgão público anarquista que organizou os protestos) referiam-se publicamente ao planejado bloqueio Bash Back! como "fofo" em comparação com a suposta militância de barricadas-hétero. E isso apesar de toda a propaganda pro bloqueio Bash Back!, que antecedeu a convenção, ter feito referência explícita a motins queer históricos e à intenção da Bash Back! de resistir ferozmente aos republicanos e à polícia. O bloqueio prosseguiu pra se chocar com a polícia montada e pra atacar membros da Igreja Batista de Westboro. O bloqueio ganhou apenas uma única menção na edição da Rolling Thunder (revista da CrimethInc) que foi dedicada à resistência à RNC. Este foi apenas um exemplo inicial da recusa de CrimethInc em reconhecer a possibilidade de camaradas queer serem capazes de atividade insurrecionária.

Em outra revista, inteiramente dedicada à cobertura dos motins nos protestos do G20 em Pittsburgh, descrevem a marcha pela libertação queer (que foi a mais selvagem e destrutiva da conferência) como "estilo-bash-back", único reconhecimento do conteúdo queer do motim. Ou seja, a luta queer era um slogan simbólico pra revoltoses, e não o impulso da revolta. Ao mesmo tempo que faziam uma análise interminável da organização e da estratégia utilizada no referido conflito de rua, ignoravam o fato de que se tratava do motim queer mais violento nos Estados Unidos em uma geração. O insulto foi ainda mais agravado pelo artigo da CrimethInc *Diga que quer uma Insurreição*. Em sua crítica ao anarquismo insurrecional estadunidense, não há uma única menção à Bash Back! ou à fantástica sequência de atividade insurrecional promovida por autodeclarades anarquistas-queer. O artigo segue com uma absurda crítica à valorização da violência por "insurrecionistas" que CrimethInc descreve como quem nunca experimentou a violência — uma crítica que só é possível fazer ignorando totalmente a existência da Bash Back! e as experiências de participantes. Haverá talvez quem diga que na terceira edição da Rolling Thunder a CrimethInc publicou um artigo sobre motins queer que aconteceram há décadas. Aplaudimos o gesto, mas as perguntas permanecem: por que razão uma publicação anarquista centrada nas lutas anarquistas contemporâneas ignoraria aquela que é uma das maiores redes anarquistas nos Estados Unidos? Por que razão é seguro reconhecer insurrecionistas queer de gerações anteriores, mas não mostrar solidariedade ou registrar suas lutas no presente? Eis o enigma.

Embora não tenhamos interesse em oferecer desculpas pra esta atitude, quer por parte de "queers radicais", quer de anarquistas hétero, elus são simplesmente fantoches num discurso hegemônico muito maior em torno da violência. Queers são marcadas como vítimas enquanto a violência é entendida como sendo apenas instrumento dos mestres. O projeto anarquista queer corporificado por Bash Back! é, antes de mais nada, uma recusa da vitimização e uma reivindicação da violência que nos foi retirada pela ideologia progressista e usada contra nós pelos espancadores de queers e pelo Estado. Foi uma transição crucial pra Bash Back! romper com quem se recusou a reconhecer a importância desta reivindicação. Serviu pra tornar coerente e solidificar a tendência queer insurrecionalista em torno da questão da violência, ao mesmo tempo que prefigurou as cisões que se aproximavam.

A partir deste ponto, os conflitos entre tendências (especificamente em torno da questão de identidade/política) foram disputadas entre diferentes disposições teóricas nas quais se assumiu uma disposição pra violência.

## **Crise de identidade**

É evidente que as identidades moldam nossas experiências, por isso não podemos descartar a identidade como algo sem importância. No entanto, é também evidente que não podemos nos dar ao luxo de manter as identidades que nos são impostas. Assim, surge uma aparente contradição entre a necessidade de reconhecer a identidade socialmente construída, ao mesmo tempo em que se tenta destruir a sociedade de classes que impõe essas identidades. Essa contradição se revela complicada, com uma gama de respostas possíveis, desde menosprezar a destruição da sociedade de classes até ignorar a identidade, e tantos outros argumentos que se encontram entre essas duas posições.

*Identidade, política e antipolítica*

Conforme mencionado na seção acima, depois de certos círculos dentro da Bash Back! terem se livrado completamente de tendências liberal-pacifistas, conflitos futuros foram encenados entre militantes ou insurrecionistas que discordavam em relação à questão da identidade. Embora os conflitos mencionados, a respeito da violência, geralmente acontecessem de maneira paralela às discussões de identidade, me interesse pelas discussões de identidade que tomam a violência como um dado. Isso servirá para revelar um conjunto de questões e conflitos que surgiram como exclusivos da Bash Back! Uma maneira de enxergar esse conflito é entender as partes como, por um lado, Militantes da Política de Identidade por outro, anti-identitaristas. Um lado toma a identidade como um dado e uma condição prévia que deve moldar nossa organização e luta, o outro localiza a identidade como o próprio inimigo. As posições dentro deste conflito não eram estáveis – indivíduos e grupos dentro da tendência Bash Back! podiam incorporar uma delas ou ambas essas posições ao mesmo

tempo. Evitarei várias especificidades desses conflitos, pois muitas precisam permanecer abstratas, e outras não são minhas pra falar sobre. Em vez disso, vou me concentrar no embasamento teórico desse confronto e deixarei espaço para quem o experienciou se localize nessa leitura.

Esse problema dentro da Bash Back! é bastante apropriado já que se trata de um problema queer. A queeridade em si é um território contestado, aberto a debates e críticas sem fim. Pra um certo grupo de pessoas, a queeridade é um projeto positivo, com um conjunto próprio de normas e formas de comunidade. Pra outras, a queeridade só pode ser concebida negativamente, como aquilo que excede ou falha em cumprir um conjunto de normas. Dessa maneira, Queer passa a ser uma catacrese, ou um nome dado de maneira incorreta àquilo que não pode ser nomeado. Um rótulo dado ao que não pode ser rotulado. As posições dentro da Bash Back! extraíram pontos de partida das tantas posições dentro desta complexa matriz teórica. Um argumento a ser feito é de que a posição de alguém no debate era muitas vezes diretamente originada do seu próprio histórico (antipolítico). As pessoas que chegaram até a Bash Back! vindas dos estudos de gênero tendiam a se comportar como militantes tropa-de-choque que defendiam qualquer doutrina que tivessem assimilado de docentes. Já as enredadas nos círculos anarquistas insurrecionais tendiam a ter uma forte aversão (às vezes até muito severa) à luta baseada na identidade, concentravam-se, pelo contrário, em localizar pontos de conflito dentro da identidade. Aquelas que vieram de cenas queer estabelecidas trouxeram junto uma série de expectativas em relação ao comportamento e à linguagem de todo mundo – expectativas que muitas vezes eram desconhecidas a quem não estava familiarizado com tais panelinhas. O que existe de mais queer nesse conjunto de conflitos em jogo dentro da Bash Back! é que cada uma dessas posições foi permeada pela outra, e uma vasta variedade de perversões emergiu.

Gostaria de propor que certa síntese emergiu de muitos desses conflitos, que podem se provar benéficos para anarquistas em lutas posteriores: a experiência deve ser a base da luta. Se pretendemos travar lutas materiais contra a ordem social, devemos começar pelas maneiras que experienciamos essa ordem. Isso significa que quem compartilha uma série de experiências sob o capitalismo vai ter uma vantagem natural em forjar alianças contra a sociedade. Este é o cerne da verdade no coração da

identidade. Infelizmente, esse cerne é ofuscado por camadas e camadas de abstração e mistificação produzidas pela política de identidade. Qualquer esforço para construir um poder autônomo com base na posição que se tem dentro e contra a sociedade deve começar por se desiludir da bagagem pertencente às Políticas de Identidade.

Aqui está um rápido esboço de certas posições políticas anti-identidade, destiladas da Bash Back!

- » As Políticas de Identidade sempre se baseiam em achatar a experiência, tornando a crítica da sociedade abstrata em vez de vivida.
- » As Políticas de Identidade promovem alianças entre classes, oferecendo a quem tem mais poder (e, portanto, interesse na proliferação da sociedade de classes) a possibilidade de silenciar as pessoas mais marginalizadas dentro dessas alianças.
- » As Políticas de Identidade estão enraizadas na ideologia da vitimização e, portanto, celebram e impõem normas a respeito de quais atividades as pessoas têm permissão ou capacidade de participar. Isso se dá pela reiteração de certas mitologias sobre a luta (ou seja, "apenas homens-brancos-cis participam em black blocs" ou "pessoas oprimidas são incapazes de certas estratégias de revolta").
- » As Políticas de Identidade sempre se baseiam na falácia de comunidades coerentes. Certa vez uns franceses disseram que "existem maiores diferenças éticas dentro das comunidades do que entre elas". Isso quer dizer que as pessoas que estão presas em determinadas "comunidades" ou limites de identidade geralmente têm menos em comum umas com as outras do que com aquelas a quem supostamente se opõem. Tal falácia prospera na abstração da experiência, e não na análise da própria experiência vivida. Uma pessoa queer na prisão tem mais em comum com colegas de cela héteros do que com um senador gay escroto, mesmo assim a mitologia da "comunidade queer" serve para sufocar inimigos da sociedade e subjugar-les a representantes automeados.

- » As Políticas de Identidade são fundamentalmente reformistas e buscam encontrar uma relação mais favorável entre diferentes posições de sujeito, em vez de abolir as estruturas que produzem essas posições desde o princípio. Pessoas envolvidas politicamente com a identidade se opõem ao "classismo" e ao mesmo tempo se contentam em manter intacta a sociedade de classes. Qualquer resistência à sociedade deve colocar em primeiro plano a destruição dos processos subjetivantes, que reproduzem a sociedade diariamente, e deve destruir as instituições e práticas que racializam e generificam corpos dentro da ordem social.
- » As Políticas de Identidade são implementadas por, de forma inerente se referem ao, sempre valorizam e são elas próprias o Estado.

Ao levar essa análise a sério, Bash Back! pode ser vista como uma tentativa de forjar uma prática de resistência da experiência vivida fora da lógica das Políticas de Identidade. Embora não seja da autoria de participantes da Bash Back! incluímos um texto de anarca-feministas de São Francisco intitulado *Anarca-feministas tomam as ruas*. Este artigo, publicado simultaneamente à crise de identidade da Bash Back!, apresenta uma maneira excelente e única de conceitualizar o patriarcado e a resistência a ele. Segue citação:

Ironicamente, apesar de nossas críticas – e às vezes ódio – às políticas de identidade, acabamos nos unindo em torno de uma identidade (um tanto frouxa): Somos algumas pessoas que já não querem mais ser vítimas da tirania de gênero e da misoginia. Dentro desse grupo, esperamos tornar, até certo ponto, nosso gênero e o que isso significa para nós uma vez que estamos vivendo nossas vidas neste Mundo dos Homens, assim talvez possamos ter uma noção de como seria não ter dinâmicas de gênero influenciando toda e qualquer interação. Nos juntamos pra lutar por uma realidade em que identidades como 'homem', 'mulher' e 'trans' sejam impossibilidades lógicas.

Seguirei as autoras do comunicado Anarca-Feminista, que se entendem unificadas em seus desejos e disposições, e não em torno de suas identidades. Sem referência a um sujeito compartilhado ou estável, elas neste artigo apresentam um ponto de partida para a construção de uma força antiessencialista e anti-identitária para combater o patriarcado. No contexto do ressurgimento do feminismo de segunda onda nos círculos anarquistas/comunistas insurrecionalistas, essa maneira de pensar é bonita. Ela oferece um mapa de como podemos construir o tipo de máquina de guerra que pode destruir o gênero. É por isso que não concebo a Bash Back! como sendo enraizada na identidade queer. Pelo contrário, entendo que seja um experimento na construção de uma constelação ofensiva de posições queer.

Nós somos as pessoas que pretendem destruir a ordem social da qual fomos excluídas. Somos as pessoas que buscam acabar com o próprio aprisionamento. Somos as pessoas que odeiam o capitalismo generificado e a heteronormatividade. Nossa posição está hipersintonizada com nossa experiência de vida. A compreensão de nós mesmas e da nossa posição nomeia nossos inimigos!

Há muito tempo, em um ponto crucial de emergência, a mulher se estabeleceu como existente em vez de afundar o mundo monista do Homem no vazio do qual ela veio. Em outro ponto, o proletariado lutou pra assegurar sua libertação autônoma da burguesia, em vez de destruir a burguesia e a si mesmo por completo. No palco montado pela ordem atual, a força queer está se ocupando com a proliferação de identidades, em vez da negação total delas.

*Notas preliminares sobre os modos de reprodução*

Ainda que as perspectivas de fora só possam entender a Bash Back! por meio da lógica da identidade, entendo-a como uma série de experimentos para destruição da identidade. Da mesma maneira que as revoltas pelo assassinato de Oscar Grant em Oakland, na Califórnia, criaram alianças improváveis contra a ordem racial, os levantes da Bash Back!, também resultaram numa sequência de ataques materiais contra todas as posições de sujeito dentro da matriz de identidade heteronormativa. Muites que começaram sua trajetória de engajamento com o projeto

foram seduzidas por seus mecanismos de guerra. Pessoas hétero estavam no combate ao gênero, aliadas a outras que experienciam o gênero das maneiras mais doidas. Muita gente se descobriu liberta de um antigo apego subjetivo à Heteronormatividade. Queers, e todes que foram designades-vítimas-no-nascimento, se engajaram em uma prática de recusa à vitimização e, ao fazerem isso, recusaram também o princípio fundacional de seu papel nesta sociedade generificada.

A teoria insurrecionalista nos diz que um processo insurrecional é baseado em ataque e experimentação a fim de abrir caminho para a destruição da sociedade. A teoria queer nos diz que queerizar é um verbo, um processo que eternamente problematiza e desfaz papéis normativos. Localizo a Bash Back! na interseção desses processos e entendo que eles são iguais.

## **Anarquia queer depois do esquerdismo**

Celebro muitas conquistas da Bash Back!, mas pra mim a maior delas é a maneira como a Bash Back! demonstra a possibilidade de uma anarquia-queer que não tem apego aos dinossauros do esquerdismo queer. Queers radicais vão criticar, sem parar, a reforma, o Estado e as organizações sem fins lucrativos. E, mesmo assim, no final das contas, suas políticas ainda estão focadas em diferentes questões a serem reformadas, diferentes demandas sobre o Estado, a mesma retórica gasta e confiança no complexo industrial sem fins lucrativos. A Bash Back! não se preocupou com nada disso.

Para tentar articular essa forma de antipolítica queer, tomarei emprestada, brevemente, de Selma James, sua introdução ao *The Power of Women and the Subversion of the Community* [O poder das mulheres e a subversão da comunidade], de Mariarosa Dalla Costa. James localiza duas principais tendências dentro do Movimento de Mulheres dos anos 1970. De um lado, existem os Homens Marxistas que calharam de ser Mulheres e, do outro, existem militantes das questões das mulheres. Aquelas do primeiro campo simplesmente reiteram a linha do partido, mas sem referência específica à posição das mulheres sob o capitalismo. As do segundo, focalizam uma ou outra questão relativa às mulheres, mas sem acusar o próprio capital como "uma relação social que lutamos para destruir". A posição de James, Dalla Costa e outras feministas autonomistas é recusar ambas, para buscar uma análise

do capitalismo que esteja especificamente enraizada na posição das mulheres dentro dele e, a partir daí, descobrir como destruí-lo.

Embora haja fortes críticas a se fazer ao marxismo autônomo, bem como às noções essencialistas da categoria de mulheres e sua posição no capitalismo, aqui a metodologia autonomista é útil. Na tradição de Selma James, gostaria de identificar duas grandes correntes de atividade queer. De um lado, anarquistas que por acaso são queers; de outro, queers que são militantes de questões queer. Entender a Bash Back! da primeira maneira seria reproduzir a afirmação da CrimethInc de que tal atividade é de "temática queer" ou simplesmente ignorá-la por completo. Entender a Bash Back! dentro da segunda corrente a reduz ao nível do teatro de rua Gay Shame, limitado a questões queer e direcionado a reformas. Recusamos ambas as concepções.

Bash Back! deve ser entendida como uma tentativa concreta de criticar a sociedade a partir da perspectiva da experiência queer para, então, encontrar métodos de ataque que surjam dessa posição. Dessa forma, Bash Back! é a resposta queer ao feminismo-autonomista. As experimentações podem ser categorizadas em duas estratégias mais amplas. A primeira — abrir espaço queer dentro da ação conflituosa. A segunda — aplicar estratégias insurrecionárias à luta diária intrínseca à vida queer. Exemplos da primeira seriam o bloqueio queer na RNC [Republican National Convention — Convenção Nacional Republicana], os motins no G20, ataques em solidariedade com outras lutas e insurreições etc. A segunda é exemplificada com ataques a espancadores de queers, incêndios nas casas de assassinos, disseminação de informações sobre autodefesa, distribuição de spray de pimenta, okupas invadidas pela juventude queer, e baladas queer que terminavam com viaturas de polícia quebradas. A síntese dessas categorias é o início de uma prática de viver-e-lutar que chamo de autonomia queer.

Quero dedicar um momento para enfatizar que essa anarquia queer pós esquerdismo também deve significar uma ruptura total da lógica ativista. Numa época em que ex-proponentes se afastaram do chamado anarquismo "estilo de vida", Bash Back! é um retorno ao hiperestilo de vida! Me recuso a enxergar a vida queer como secundária à política queer. Pelo contrário, me interessa documentar, explorar e articular uma antipolítica que toma a própria vida como campo de luta. Com essa finalidade, a Bash Back! conseguiu com sucesso localizar as crises na vida de

participantes e atuou materialmente para resolver todas. Pessoas queer precisavam de moradia, autodefesa, coisas de boa qualidade e prazer. Por consequência, ocuparam casas, comunicaram armas e treinaram juntas, saquearam o máximo que puderam e organizaram festas, motins e orgias. Nessa altura, qualquer luta que não implique imediatamente a própria vida de quem participa está fadada à irrelevância.

É possível observar esses desenvolvimentos prosperando até hoje: invasões queer, auto-organização de profissionais do sexo, gangues de rua queer, gangues de pessoas transgênero na prisão, contingentes queer nas marchas de rua militantes, marchas que partem de ocupações e vão diminuindo conforme alcançam as festas. Pode-se imaginar maneiras pelas quais estratégias como essas poderiam ser implementadas à medida que mais e mais aspectos da vida sob o capitalismo são lançados na crise. Quando acabar o financiamento para remédios contra a AIDS, novas formas de expropriação vão surgir como adequadas. Já que a família nuclear não é uma opção para muitos – a crise forçará queers a criarem novos modos não familiares de existência comunal. Quando grupos reacionários começarem a se impor nas ruas, queers vão reagir usando novas armas e formações de autodefesa. À medida que a sociedade for desmoronando, descobriremos maneiras cada vez mais decadentes de impulsionar as contradições e dinamitar as rupturas.

## **A verdadeira virada antissocial na teoria queer**

123 – A revolução proletária depende inteiramente dessa necessidade: pela primeira vez, a teoria, como entendimento da prática humana deve ser reconhecida e vivida pelas massas. Ela exige que os operários se tornem dialéticos e inscrevam seu pensamento na prática; por isso pede aos homens sem qualidades muito mais do que a revolução burguesa pedia aos homens qualificados a quem ela delegava sua instalação: alistava para dirigir as coisas [...] O próprio desenvolvimento. Assim, a própria evolução da sociedade de classes até a organização espetacular da não vida leva pois o projeto revolucionário a tornar-se visivelmente o que ele já era essencialmente.

124 – A teoria revolucionária é agora, inimiga de toda a ideologia revolucionária – e sabe que o é.

*Sociedade do espetáculo*<sup>19</sup>

Quem acompanha a teoria queer acadêmica certamente está ciente da autodenominada "virada antissocial" na Teoria Queer. Parece que a tendência mais recente da academia queer é se concentrar na negatividade queer, criticar a sociedade e recusar a política tradicional. Em um momento como este, em que a própria sociedade está desmoronando, quando quantidades sem precedentes de seres humanos reconhecem que NÃO HÁ FUTURO e estão agindo em conformidade a isso, devemos chamar essa tendência acadêmica pelo nome: recuperação.

Algum idiota tenta basear sua tese nos motins queer no G20; Judith Butler discursa numa conferência na universidade New School sobre "anarquismo queer"; Jack Halberstam procura valorizar o negativo e traçar a virada antissocial; uma disciplina da Universidade da Califórnia é chamada de "queer criminoso" (ainda que o instrutor denuncie atividades insurrecionais naquele mesmo campus) — ume a ume acadêmiques queer fazem fila pra entrar na carreta da negatividade. Cada qual se apropria da atividade de insurgentes com a intenção de fortalecer suas próprias carreiras. Pegam a atividade antissocial e a usam pra reproduzir a Academia como um mecanismo central da própria sociedade. Essa é a mais grave das traições. Ao teorizar sobre a atividade da Bash Back!, minha ambição é mostrar reais ataques queers à ordem social. Ao fazer isso, essa antologia deve explicitamente expor quem toma a negatividade e a revolta como meras questões de imagem.

A insurreição queer exige que nós nos tornemos teóricos. Mais importante, exige que a virada antissocial, a virada contra a sociedade, permaneça nas ruas. Nossa revolta e nossa teoria devem ser inseparáveis da nossa vida cotidiana. Com esta finalidade, Bash Back! pode ser lida como uma tentativa de expropriar a teoria queer da Academia e colocá-la a serviço da revolta

19 DEBORD, Guy, *A Sociedade do Espetáculo*, de 1967, tradução de Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

quer; pra dinamitar a distinção entre teoria e vida. Pra organizar este livro, dividimos os textos entre ensaios e comunicados. Em grande medida, essa é uma falsa dicotomia, que não descreve com precisão a atividade da Bash Back!, que nunca reconheceu uma distinção entre teóricos e combatentes. Em vez disso, procurou queerizar essa distinção e apresentar uma práxis em que a teoria está incorporada na própria atividade de quem teoriza. Um livro que declara NÃO HÁ FUTURO oferece apenas palavras. Uma revolta que declara o mesmo revela um passo em direção a uma insurreição.

Morte à Academia!

*Tegan Eanelli*  
*Outono de 2011*

Este livro foi composto com os tipos Rotis  
Semisans e Marsh Stencil. Impresso em  
papel Pólen Soft 80g.



Na economia do capitalismo tardio cada mercadoria deve ter o ar de única, e isso vale duplamente pras commodities identitárias.  
*Gender Mutiny*

A pergunta então a ser feita é: se o gênero é uma ficção coletiva usada pra controlar as pessoas, então como nós, anarquistas, abolimos essa ferramenta de dominação?  
*Pink and Black Attack*

Como mulheres trans, sabemos que todo ataque contra o capital é um ataque contra os mecanismos de opressão de gênero, e que todo ataque contra a violência generificada em nossas vidas é um ataque contra as maquinações do capital.  
A greve de gênero é uma greve humana.  
*Bash Back de Chicago  
& Not Yr Cister*



ISBN 978 65 86941 22 7